



Universidade de São Paulo

Faculdade de Saúde Pública

**As condições de vida e de trabalho dos
trabalhadores da indústria da construção civil, na
perspectiva da promoção da saúde: *o caso de Bertioga***

ANA MARIA CARICARI

**Dissertação apresentada ao
Departamento de Prática de Saúde Pública
para obtenção do grau de Mestre**

Área de concentração: Serviços de Saúde Pública

Orientadora: PROF^a. DR^a. MARCIA FARIA WESTPHAL

São Paulo

2004

45015 | 2004 doc

*Dedico este trabalho
aos meus pais, Lourdes e Francisco
e aos meus filhos, Maira e Victor.*

Meus agradecimentos

Aos trabalhadores da construção civil de Bertioga pela acolhida e pela participação (nas merecidas horas de descanso) fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Samuel Shornick Vita e Daniel Liberato pela participação no trabalho de campo.

Aos participantes da Comissão Intersetorial do Projeto Bertioga Município Saudável: Aluisio Bichir, Cláudio Isola, Ditmar Schmidt, Luis Carlos Cortes (Galego), Rita de Cássia Muniz, Romana Burka Pereira, Quirino Alves Carneiro Filho, Suzete Ribeiro Silva, Kátia Hidalgo Daia, Maria das Neves de Castro (Nivinha) Samuel Shornick Vita, Daniel Liberato, Mauricio S. de Souza, Delcilene Maria de Souza (Thommy), Luis Chardulo, Paulo Velzi, Sr. Martins, Sueli, José Carlos, Marcelo, Wladimir E. R. S. Grudzinsk (in memorem), entre outros, parceiros no desafio de implantar pela primeira vez a estratégia município saudável.

Ao Dr. Paulo Augusto Pereira de Almeida, diretor executivo da Sobloco Construtora S/A e ao Dr. Paulo Velzi, pelo apoio na viabilização do trabalho de campo.

À professora Márcia Faria Westphal pela orientação e principalmente pela possibilidade de compartilhar ousadias no pensar e na implantação novas práticas de saúde.

Aos professores Fernando Lefèvre, Khaled Ghoubar, Victor Wünsch Filho, Rosilda Mendes, Fátima Sueli Ribeiro e Frida Marina Fischer, pelas valiosas contribuições nas fases de qualificação e de pré-banca.

Ao Dr. Marco Biocca, pela importante ajuda no levantamento preliminar e também na elaboração do desenho do estudo.

À Ana Maria Cavalcanti Lefèvre pela orientação carinhosa na elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo.

Aos caríssimos Victor Jun Arai, Francisco Comarú, Lavínia Santos Souza Oliveira Bárbara Junqueira, Isadora Tami, Mariana Duarte, Eduardo Ewbank, Endyra Russo, pela solidariedade e por compartilharmos que um "outro mundo é possível".

Aos meus filhos Victor e Maíra, ao Tebni Enrique, Luísa e Enrique e aos meus irmãos, Sérgio, Marialice, Antonio Carlos, Nelson, Francisco e Neusa pela compreensão e importante apoio.

À Luíza, Élide, Melato, Ana Letícia, Cláudio, Vera, Irene, Letizia, Natália e Rose pela amizade e carinho.

Aos professores e funcionários do Departamento de Prática de Saúde Pública pela acolhida, amizade e apoio que recebi durante todo período do meu comissionamento.

A Cidinha, Renilda, Ângela e Márcia da Secretária da Pós-Graduação pelo carinhoso apoio.

Ao Anderson da Costa pela elaboração do banco de dados.

Ao Marco e Bete Maia Pires pela elaboração dos mapas.

À Carina Lima pela ajuda na elaboração do questionário e na tabulação de dados.

À Camila Saraiva pela colaboração na elaboração das tabelas.

À Sabrina dos Santos Soares Silva pela digitação dos dados.

Aos senhores Joel, Wilson, Silvio, Antonio, Walter e João pela valiosa colaboração no desenvolvimento do Projeto Municípios Saudáveis.

Resumo

Caricari AM. **As condições de vida e de trabalho dos trabalhadores da indústria da construção civil, na perspectiva da Promoção da Saúde: o caso de Bertioga.** São Paulo; 2004 [dissertação de mestrado – Faculdade de Saúde Pública - USP]

Este estudo tem por objetivo conhecer as condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil de Bertioga, um dos setores mais importantes da economia do município. Dentro da perspectiva da promoção da saúde e a partir deste conhecimento o estudo visa fornecer subsídios que contribuam na elaboração das políticas públicas locais, comprometidas com a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores. O cenário do estudo é o município de Bertioga -SP, onde a Faculdade de Saúde Pública coordenou o "Projeto Bertioga Município Saudável", desenvolvido em cooperação técnica e científica entre a Universidade de São Paulo e a Prefeitura do Município de Bertioga. O estudo de caso foi o recurso metodológico escolhido para este trabalho. Na primeira etapa - exploratória – foi elaborado um quadro referencial apoiado em leituras, visitas, entrevistas, entre outros que orientou a análise da categoria trabalho e sua relação com as condições de vida e saúde. A segunda etapa foi desenvolvida em três fases: na primeira foi feito um mapeamento das obras em duas áreas do município de Bertioga com alta concentração de residências secundárias e identificação dos trabalhadores para definição do universo de estudo. Na segunda fase foi realizado um estudo amostral para uma caracterização sócio-econômica e das condições de trabalho dos trabalhadores. Na terceira fase foi realizado um estudo qualitativo através de entrevistas semi-estruturadas com os trabalhadores, com o intuito de analisar suas representações sociais sobre o seu trabalho na trajetória da sua vida. Os resultados obtidos permitem oferecer subsídios para políticas públicas locais que contribuam para a inclusão do trabalhador da construção civil enquanto cidadão de Bertioga, tais como: criação de cooperativas de serviços de manutenção e construção de residências; criação de cooperativas para auto construção de moradias para trabalhadores da construção civil; exigências de contratação dos trabalhadores locais nos empreendimentos no setor da construção civil e programas municipais de formação e capacitação profissional para estes trabalhadores.

Descritores: Promoção da Saúde. Municípios Saudáveis. Promoção da Saúde e Trabalho. Qualidade de vida.

Summary

Caricari AM. **Work and life conditions of workers of build industry in health promotion perspective: the city of Bertioga case.** São Paulo (BR); 2004 [Master Thesis – Faculdade de Saúde Pública - USP]

The study object is to know the life and work conditions of the workers building in the Bertioga municipality - an economy sector playing an important role in the municipality. The aim of this work, in the healthy promotion frame, is to provide information's for local public policies, involved with the social inclusion and the upgrading of workers life quality. The study context is the city of Bertioga-SP, where the Faculty of Public Healthy coordinates the "Bertioga Health City Project", developed in cooperation with the Sao Paulo University and the city hall of Bertioga. The study case represents the methodology resource for this work. During the firs researching stage- was elaborated the referential frame supporting by readings, visits, interviews, etc, that guided the work category analyzed and his relation with life and healthy conditions. The second stage was divided in three periods: in the first period was realized a map of building site for two areas of Bertioga city with high concentration of holiday houses and identified the workers, to define the study universe. In the second period was realized a model study to characterize the workers building social-economic and work conditions. In the third period was realized a qualitative study based on semi-structured interview with the workers aimed to analyze the social representation about their work during the life. The results can subsidize the local public policies to contribute for workers building inclusion as Bertioga citizens, with: the development of housing building and maintenance cooperatives services; the development of cooperatives to self-help housing construction for workers building; the demand to contract local workers in the building enterprises of civil construction sector and in the municipal programs to professional enabling.

Descriptors: Health promotion. Health cities. Health promotion and work. Quality of life.

Índice

1. Apresentação.....	01
2. Introdução.....	04
3. Objetivos.....	10
4. Metodologia	11
5. Os desafios da Promoção da Saúde no mundo dos trabalhadores.....	17
6. O município de Bertioga – terra de migrantes.....	30
7. O cidadão trabalhador da construção civil de Bertioga.....	45
8. O trabalho na trajetória de vida do trabalhador da construção civil	86
9. Discussão dos Dados.....	93
10. Considerações Finais.....	105
11. Bibliografia	110
12. Anexos	119

Lista de tabelas e quadros

Tabelas

Tabela 1 - Faixa etária dos trabalhadores da construção civil	49
Tabela 2 – Participação dos trabalhadores da construção civil	52
Tabela 3 – Procedência informada dos trabalhadores	54
Tabela 4 – Residência atual e Região e Estado de Nascimento	55
Tabela 5 – Cidade de Nascimento dos trabalhadores.....	57
Tabela 6 – Cidade da última residência dos trabalhadores da construção civil	59
Tabela 7 – Residência atual e Estado de nascimento dos trabalhadores	60
Tabela 8 – Ano em que saiu da cidade de nascimento	61
Tabela 9 – Formação escolar dos trabalhadores	65
Tabela 10 – Local da residência da família do trabalhador	67
Tabela 11 – Como chegou para trabalhar na obra	69
Tabela 12 – Tempo de trabalho na construção civil	70
Tabela 13 – Idade que começou a trabalhar	74
Tabela 14 – Histórico profissional dos trabalhadores	75
Tabela 15 – Intenção do trabalhador com relação ao próximo trabalho.....	76
Tabela 16 – Vínculo empregatício dos trabalhadores.....	77
Tabela 17 – Salário anterior e salário atual	78
Tabela 18 - Decisão das tarefas diárias.....	79
Tabela 19 – Número de trabalhadores segundo propriedade de ferramentas.....	80
Tabela 20 - Destino dos trabalhadores a cada final de obra	80
Tabela 21 – Localização da residência atual em Bertioga.....	82
Tabela 22 – Número de trabalhadores de acordo com quem mora.....	82
Tabela 23 –Cidade pretendida pelo trabalhador, por faixa etária	85

Quadros

Quadro 1 – Motivo pelo qual saiu da cidade de nascimento	62
Quadro 2 – Do que sente saudade da cidade de nascimento	63
Quadro 3 – O que faz para matar a saudade	64
Quadro 4 – O que você mais gosta da cidade que nasceu	64
Quadro 5 – O que você não gosta da cidade que nasceu	65
Quadro 6 – Composição familiar do trabalhador	67
Quadro 7 – Formas de contato com a família	68
Quadro 8 – Funções e atividades desenvolvidas declaradas	71
Quadro 9 – Tempo na função atual	72
Quadro 10 – Função e intenção de mudança.....	76
Quadro 11 – Habilidades para o trabalho.....	79

Apresentação

*"Era ele que erguia as casas onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia de sua grande missão:
Não sabia, por exemplo, que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade era a sua escravidão..."*

*Operário em Construção
Vinícius de Moraes*

Este estudo sobre as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores da indústria da construção civil de Bertioga, na perspectiva da promoção da saúde, visa contemplar duas finalidades: uma, na forma de dissertação de mestrado para apresentação na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e outra também relevante, que é a dimensão social da pesquisa, enquanto um dos instrumentos de criação solidária do conhecimento (Brandão, 2003). Neste caso, este trabalho apresenta-se como uma possibilidade de oferecer subsídios para políticas públicas e iniciativas locais que estão sendo discutidas em Bertioga, por autoridades legislativas e organizações não governamentais com objetivo de criar cooperativas dos trabalhadores da construção civil no município (Brandão, 2003).

Constatamos durante os quatro anos de atuação no Projeto Bertioga Município Saudável, que os trabalhadores da construção civil naquela cidade são lembrados "apenas como maciçamente desqualificados e como sendo os grandes beneficiados, pelo fato da indústria da construção civil ser um grande absorvedor de mão de obra" (Maricato, 1984).

Marcando fortemente sua presença com o seu trabalho na edificação do ambiente construído de Bertioga, o trabalhador da construção civil, compartilha com os trabalhadores domésticos e os vendedores ambulantes da praia, entre outros, do que poderíamos denominar de "invisibilidade oficial", imposta a eles pelo modelo de desenvolvimento adotado pelo município.

No caso dos trabalhadores da construção civil de Bertioga, esta "invisibilidade oficial" se manifesta na insuficiência das estatísticas oficiais sobre a dimensão dos trabalhadores, na inexistência de políticas públicas municipais específicas e mesmo na ausência de associação de classe desses trabalhadores. No entanto, e conseqüentemente, o aumento do número de núcleos de favelamento acompanha, inclusive espacialmente, *pari passu*, o aumento de residências secundárias, loteamentos e condomínios de alto nível no município.

O Projeto Bertioga Município Saudável, sob a coordenação da Prof. Dra Marcia Faria Westphal, contribuiu para elaboração do diagnóstico participativo do município, através das atividades de mobilização social, como o mapeamento de lideranças locais, as oficinas de sensibilização, oficinas do futuro, o curso de Formação de Agentes Multiplicadores sobre Assentamentos Humanos Saudáveis e as Oficinas para Revisão do Plano Diretor de Bertioga.

Este projeto deu também sua contribuição através de trabalhos acadêmicos, como as teses: "*Análise de um processo participativo na experiência de implantação de um Município Saudável*", de Victor Jun Araújo (2002); e "*Políticas de habitação e desenvolvimento urbano em municípios saudáveis: o caso de Bertioga*" de Francisco de Assis Comarú (2004), pesquisadores envolvidos no desenvolvimento do Projeto.

Este trabalho pretende, assim como os acima citados, contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população de Bertioga, oferecendo subsídios para os trabalhadores da construção civil, de modo que sejam também reconhecidos e contemplados pelas políticas públicas municipais, pelos setores econômicos e pelas iniciativas da sociedade civil.

Dessa forma, espero estar cumprindo o compromisso que assumi com os participantes da Comissão Intersetorial do Projeto Bertioga Município Saudável e

também com o sr. Paschoal Nicolau Sabino, trabalhador da construção civil, que me ensinou muito sobre as condições de vida e as sérias conseqüências das relações de trabalho estabelecidas na indústria da construção civil no município.

Por fim, acreditamos que a saúde concebida como "produção social" pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações em seus respectivos territórios, seja desvelando a realidade das condições de vida dos grupos sociais, seja contribuindo na criação de mecanismos de participação social para a construção da cidadania, visando um equilíbrio entre a democracia direta e a democracia representativa, seja através do resgate do valor de uso do espaço urbano e pelo resgate da função social da propriedade, visando a equidade social. Isto significa um grande desafio para todos nós e também para todas as áreas de conhecimento, pois estes compromissos aparecem ainda de maneira incipiente no campo da saúde, do urbanismo e mesmo do meio ambiente.

Introdução

*"...E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um náufrago..."*

*Construção
Chico Buarque, 1971*

A necessidade deste estudo foi suscitada durante a realização do Projeto Bertioga Município Saudável, desenvolvido pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no período de 2000 a 2003, no qual estive vinculada como coordenadora executiva.

O Movimento dos Municípios Saudáveis integra as estratégias do campo da Promoção da Saúde, fundamentado nos pressupostos da participação social, da intersetorialidade, da equidade social e da sustentabilidade. Tem como objetivo, transformar o município em um espaço de produção social da saúde, visando melhorar, de forma sustentada, a qualidade de vida da população.

As áreas urbanas em todo o mundo, sempre foram consideradas locais privilegiados para geração de emprego, inovação e ampliação das oportunidades econômicas, entre outros. No entanto, percebe-se a formação cada vez maior de uma dicotomia sócio-espacial na esfera urbana. Por um lado, um quadro favorável a uma parcela da população com o acesso a um nível elevado de consumo e riquezas. De

outro, no mesmo espaço urbano, encontra-se uma massa de excluídos que não satisfazem suas necessidades materiais básicas.

O município de Bertioga também se defronta com esse quadro de inclusão e exclusão social, que se explicita claramente no uso do solo e nos padrões das moradias. Disputando o mesmo território, encontramos assentamentos de residências secundárias de alto padrão localizadas ao longo da orla marítima e do outro lado da Rodovia Rio Santos, muitos núcleos de favelamento, com alta densidade demográfica.

No século XX, a partir das décadas de 70 e 80, começa surgir em Bertioga um processo crescente de investimento imobiliário, voltado principalmente para casas de praia de uma parcela da população da Região Metropolitana de São Paulo. Essa tendência sofreu uma grande intensificação na década de 90 com a construção de grandes condomínios.

A importância do setor da construção civil é reconhecida no texto do Plano Diretor de Bertioga: "Bertioga muito ganhou com o surgimento daqueles empreendimentos, tanto que o segmento econômico significativo é seguramente aquele da construção civil." (Plano Diretor de Bertioga,1998)

A construção civil em Bertioga, por ser tradicionalmente um setor que não exige qualificação profissional, constituiu-se como um pólo de atração de um grande número de trabalhadores de outros estados brasileiros, principalmente da região nordeste, estabelecendo também, em conjunto com os turistas, um fluxo migratório que se tornou um fator determinante na composição populacional do município.

No entanto, as relações de trabalho estabelecidas entre as construtoras do setor da construção civil e os trabalhadores migrantes, desde 1948, com a construção da Colônia de Férias do SESC, podem ter contribuído para a criação dos núcleos de favelamento no município. Essa talvez seja uma das graves conseqüências do modelo de desenvolvimento adotado pelo Município: o turismo baseado em assentamentos de residências secundárias.

Este modelo de turismo, em todas as atividades desenvolvidas pelo projeto Bertioga Município Saudável, foi valorizado pela maioria dos diferentes atores sociais,

sendo apontados, na maioria das vezes, apenas os aspectos positivos para a economia do município e também como única alternativa viável para o desenvolvimento de Bertioga, com suas características de cidade litorânea. Raramente a problemática da degradação ambiental subsequente e da criação do fluxo migratório, seja de turistas, seja de trabalhadores foram focalizadas.

Com um modelo de turismo excludente, direcionado para atender as necessidades de segmentos sociais específicos, com possibilidade de consumo de residências secundárias numa cidade do litoral, o município de Bertioga tem as diretrizes de desenvolvimento econômico e social determinado por alianças entre alguns setores econômicos, principalmente entre o setor de turismo e o setor da construção civil.

Assim, em Bertioga podemos observar um grande número de trabalhadores da construção civil, de obras de construção de residências secundárias, o predomínio de lojas de materiais de construção no comércio e, bem como a significativa representatividade do setor da construção civil nas instâncias políticas locais.

Outra constatação importante é a quase inexistência de dados de qualquer natureza sobre estes trabalhadores nas entidades locais, além da desatualização dos escassos dados das agências oficiais.

As estatísticas oficiais sobre os trabalhadores brasileiros não retratam a realidade dos trabalhadores da construção civil de Bertioga. Vejamos os dados: a fundação SEADE (1996) registra em Bertioga 3689 pessoas ocupadas, sendo apenas 261 pessoas no setor da construção civil. No Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego para 2002, consta o registro de apenas 156 trabalhadores do setor da construção civil num universo de 4000 trabalhadores, do mercado formal de Bertioga (RAIS, 2003).

Em um levantamento preliminar realizado em outubro de 2001, através da observação direta das obras em andamento em todo território de Bertioga, fizemos uma estimativa aproximada de que atuam no setor da construção civil cerca de 5.000 trabalhadores. Se este dado for confirmado, estes trabalhadores representariam

aproximadamente 15% da população do município e aproximadamente metade da força de trabalho local.

Verificamos ainda que existem apenas indícios sobre as condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil de Bertioga que precisam ser comprovados, através do conhecimento da realidade.

E, finalmente, nos levantamentos realizados pelos participantes das Oficinas para Revisão do Plano Diretor, desenvolvidas no âmbito do Projeto Bertioga Município Saudável, constatamos que a divisão sócio-espacial do uso do solo em Bertioga revela a localização dos núcleos de favelamento bem próximos dos loteamentos e condomínios de alto padrão. Mais ainda, que o período de criação desses núcleos coincidem com o período de construção das residências nos loteamentos e condomínios.

Este estudo tem como um dos seus objetivos conhecer a situação sócio-econômica e as representações sociais dos trabalhadores da construção civil de Bertioga, na perspectiva da promoção da saúde. Isto significa, saber quem são, de onde vêm, como vivem, como trabalham e como estão inseridos na sociedade local, esses atores do cenário habitacional e construído de Bertioga. É também uma tentativa de compreender o mundo do trabalho, tendo os trabalhadores reconhecidos como protagonistas de cidadania e o município, como um espaço possível de produção social da saúde.

Assim, embora o objeto de análise sejam as condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil, procurou-se situá-lo com relação aos processos mais abrangentes de transformação do município e os possíveis papéis desempenhados pelos diferentes atores sociais no contexto do Projeto Bertioga Município Saudável.

A categoria trabalho foi focalizada como categoria determinante das condições de vida do trabalhador e, portanto também da produção social da saúde, como preconiza a Promoção da Saúde. Para tanto serão analisados "os papéis" reservados ao trabalhador produtor de residência secundária enquanto ator social no contexto sócio-econômico do município.

Considerando que na perspectiva da Promoção da Saúde, o município é o espaço de exercício cotidiano da cidadania para todos, e a saúde é um produto social que expressa a qualidade da vida da população, desenvolvemos este estudo sobre os trabalhadores da construção civil, também com o intuito de contribuir para subsidiar as políticas públicas municipais de Bertioga.

Para o desenvolvimento deste trabalho diversas foram as fontes consultadas. Para a delimitação do objeto de estudo e para elaboração do quadro de referência teórica, procedeu-se a um levantamento na literatura sobre saúde, trabalho, construção civil, turismo e migração.

Algumas dificuldades metodológicas acompanharam o processo de investigação, dentre elas, a já citada quase inexistência de dados de qualquer natureza sobre estes trabalhadores nas entidades locais, além da desatualização e imprecisão dos escassos dados pelas agências oficiais sobre os trabalhadores da construção civil de Bertioga. A evidente inconsistência dos dados sobre esta população, impediu-nos de realizar análises quantitativas auxiliares.

Fez-se também necessária uma delimitação do setor da construção civil, enfocando apenas a construção de residências secundárias e também de áreas territoriais específicas para o levantamento de dados primários com o intuito de viabilizar o estudo.

No desenvolvimento deste estudo levantamos as seguintes questões fundamentais para investigação:

1. Em que medida o fluxo migratório criado pela oferta de emprego no setor da construção civil contribui para que o município de Bertioga tenha 11,70% de taxa geométrica de crescimento anual, considerada uma das mais altas do Estado de São Paulo? (IBGE, 2000).

2. Quem são os trabalhadores da construção civil de Bertioga? Em que condições trabalham e vivem?

3. O que pensam os trabalhadores sobre suas condições de vida e trabalho?

4. Em que medida a inexistência de suficientes e consistentes dados estatísticos dos trabalhadores do setor da construção civil pode ser compreendida como um fator que favorece a exclusão social dos integrantes deste segmento social?

Acreditamos que, ao buscar as respostas para estas questões, este estudo iniciará um processo de conhecimento do mundo do trabalho de Bertioga, e em particular do trabalhador da construção civil, suas relações e conseqüências com a qualidade de vida das pessoas, que poderá contribuir para a definição de políticas públicas locais e regionais compromissadas com a inclusão social, através da promoção da saúde dos trabalhadores e da população em geral, a partir das quais poderão ser criadas condições concretas de produção social de saúde.

Objetivos

Objetivo Geral

Descrever e analisar a situação sócio - econômica e as representações sociais dos trabalhadores da construção civil do município de Bertioga – SP, a fim de fornecer subsídios para elaboração das políticas públicas locais na perspectiva da Promoção da Saúde, visando a melhoria da qualidade de vida e trabalho da população do município.

Objetivos Específicos

1. caracterizar do ponto de vista sócio – econômico, demográfico e cultural os trabalhadores do setor da construção civil;
2. analisar as representações sociais dos trabalhadores da construção civil sobre suas condições de vida e de trabalho em Bertioga e suas expectativas futuras em termos de vida e trabalho.

Metodologia

Com o tema e a problemática definidos é necessário percorrer o caminho metodológico para que possamos alcançar os objetivos deste estudo.

Para Minayo, a metodologia é entendida como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas” (Minayo, 1994).

Segundo essa autora é preciso pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência, pois inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador (Minayo, 1994).

Assim, o método escolhido deve ser aquele “útil para arar o terreno empírico que temos em frente”, o quanto ele permite a aproximação da realidade estudada e que possa ser aplicado a um problema específico da pesquisa. Do mesmo modo, o método escolhido deve ser aquele cuja abordagem, a partir da identificação e reconhecimento das especificidades, pode ser mais incorporado ao desenho da pesquisa (Serapioni, 2000).

Estudo de caso foi a estratégia metodológica escolhida. A decisão de trabalhar com esta estratégia metodológica deveu-se ao fato que o presente caso destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações (Lüdke, 1986).

A escolha levou também em consideração as características fundamentais do estudo de caso, segundo Lüdke:

a. visa a descoberta: o investigador, partindo de alguns pressupostos teóricos iniciais, deverá manter-se atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. Essa característica se fundamenta no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente. O pesquisador estará sempre buscando novas respostas e novas indagações no desenvolvimento do seu trabalho;

b. enfatiza a interpretação do contexto: é preciso levar em conta o contexto onde o estudo se situa, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionados à situação específica onde ocorrem, ou à problemática determinada a que estão ligados. A análise é feita em função das características específicas da região, levando também em conta a história e a situação geral no momento da pesquisa;

c. busca retratar a realidade de forma completa e profunda: em um estudo de caso o pesquisador procura mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando como um todo;

d. usa uma variedade de fontes de informação: o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes;

e. procura representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social: o pressuposto que fundamenta essa orientação é o de que a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas (Lüdke, 1986).

As características do estudo de caso possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho dentro de um processo gradual de coleta, organização, análise de dados e a incorporação das novas informações às etapas posteriores da investigação.

O desenvolvimento deste estudo de caso constituiu-se de etapas metodológicas:

1. Etapa exploratória - nesta etapa foi construído um quadro referencial, a partir da literatura pertinente, da documentação e da legislação, das propostas

institucionais, da sistematização de informações e dados populacionais e históricos sobre os trabalhadores da construção civil do município de Bertiooga;

2. Etapa da delimitação do estudo - esta etapa foi desenvolvida em quatro fases, com abordagens diversificadas: *primeira fase*, um estudo exploratório de levantamento das obras e dos trabalhadores; *na segunda fase*, foi realizado um levantamento amostral para identificação dos trabalhadores nas obras determinadas; *na terceira fase*, foi realizado um estudo amostral para elaboração de um perfil sócio-econômico e migratório do trabalhador da construção civil de Bertiooga e na quarta fase, foi desenvolvido um estudo qualitativo das representações sociais dos trabalhadores sobre o seu trabalho e sua vida.

2.1. Na primeira fase, tendo em vista, a insuficiência de dados sobre os trabalhadores da construção civil de Bertiooga, foi realizado um estudo exploratório de levantamento dos trabalhadores, através de identificação das obras em execução e do número de trabalhadores.

Como o setor prioritário da construção civil no município de Bertiooga é o da construção de residências secundárias, foram escolhidas duas regiões que concentram este tipo de empreendimento: Maitinga por ser a região que atualmente está recebendo investimento do capital imobiliário para construção de residências secundárias e Riviera de São Lourenço, que há 3 décadas recebe este tipo de investimento, se constituindo em uma referência internacional. Nesta região, optamos por trabalhar apenas com o módulo 02, por ser o modulo que concentrava o maior número de construção de prédios.

Essas regiões foram percorridas pelos pesquisadores para localização e identificação das obras e levantamento do número de trabalhadores em cada obra, através de uma entrevista com o responsável pela obra, por meio da aplicação do instrumento nº 1 (**anexo I**). Para coleta dos seguintes dados: 1. Nome da construtora; 2. Nome do empreendimento; 3. Tipo de construção; 4. Endereço da obra; 5. Número de trabalhadores; 6. Procedência da maioria dos trabalhadores; 7. Tipo de contrato; 8. Nome e telefone do responsável pelos trabalhadores; 9. Melhor horário para entrevista;

10. Em que etapa esta a obra: a) Locação e Fundação; b)Estrutura; c)Alvenaria e vedações e d) Acabamentos.

Com a realização deste estudo exploratório foram coletados os dados para a definição do universo do estudo.

Foram identificadas, no módulo 2 da Riviera de São Lourenço, 18 obras de construção de prédios de 6 e 7 andares, de residências secundárias, com um total de 824 trabalhadores.

No bairro de Maitinga, foram identificadas 11 obras de construção de residências secundárias, sendo 01 prédio e 09 conjuntos de casas geminadas de 2 pavimentos e 01 conjunto de casas geminadas de 3 pavimentos, com um total de 106 trabalhadores.

Neste primeiro momento foram identificadas nas duas regiões selecionadas do município de Bertioga, 29 obras de construção de residências secundárias com um total de 930 trabalhadores (universo da pesquisa).

2.2. *Na segunda fase*, foi realizado um levantamento para identificação dos trabalhadores. Para tanto foram estabelecidos os seguintes critérios para definição da amostra: a) com relação ao trabalhador: nome, procedência e local de moradia; e b) com relação a obra: etapa da construção.

Com base nesses critérios foram selecionadas 03 obras no bairro de Maitinga e 05 obras no módulo 2 do Loteamento Riviera de São Lourenço, no bairro de São Lourenço – Bertioga.

O levantamento para identificação dos trabalhadores nas obras selecionadas foi realizado através de entrevistas, com o seguinte roteiro: nome da obra; tipo de construção; endereço; responsável pela construção; autorização da obra pela prefeitura; número de trabalhadores; nome; sexo; data de nascimento; idade; local de nascimento; endereço da residência (anexo II).

Nesta segunda fase, nas 03 obras do Bairro de Maitinga foram entrevistados 59 trabalhadores e no módulo 2 do loteamento da Riviera de São Lourenço foram entrevistados 155 trabalhadores e um trabalhador não quis dar entrevista. Com este

levantamento foi estabelecida a primeira amostra (amostra 1) deste estudo, com um total de 214 trabalhadores.

2.3. *A terceira fase*, teve como objetivo traçar um perfil dos trabalhadores da construção civil de residências secundárias do Município de Bertoga, a partir de aspectos das condições de vida e trabalho.

Considerando o universo dos 214 trabalhadores entrevistados do Módulo 2 da Riviera de São Lourenço e do bairro Maitinga, foi realizado um estudo amostral. O critério adotado para a amostra foi o sorteio, considerando a representatividade das áreas selecionadas na composição percentual do universo. Assim, foram sorteados 50 trabalhadores (amostra 2).

Esta fase foi realizada através da aplicação de um questionário. As questões foram elaboradas a partir da concepção de saúde como uma produção social resultante de fatores determinantes na vida "concreta" dos trabalhadores, enquanto sujeitos sociais e históricos, de um segmento social em que a categoria trabalho tem fundamental importância.

Diante da impossibilidade de abranger a totalidade dos fatores, bem como a abrangência de cada fator, que contribui para a produção social da saúde, considerando ainda os dados levantados nas fases anteriores e a literatura sobre os trabalhadores da construção civil, definimos para fins deste estudo, alguns aspectos dos seguintes fatores: identificação do trabalhador, migração, trabalho, moradia, família, estilo de vida, associativismo e perspectivas futuras (anexo III)

2.4. *Na quarta fase*, estabelecida a configuração da população dos trabalhadores da construção civil de Bertoga, foi realizado um estudo de natureza qualitativa, por entender que o método qualitativo é o que possui "a capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito", sendo apto para a descoberta de novas ligações e explicações de significados sobre aquilo que queremos investigar (Serapioni, 2000).

As abordagens qualitativas, de acordo com Minayo, citada por Lefèvre, são mais capazes "de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes

aos atos, às relações e as estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (Lefèvre, 2000).

Segundo Lefèvre, “muitas pesquisas qualitativas, apoiadas em pressupostos sociológicos, trabalham num espaço denominado “campo”, que faz com se deva entender as pessoas, objetos e também sujeitos destas pesquisas, como um conjunto de indivíduos que, situados numa dada posição do campo, são identificáveis como uma categoria na medida em que, segundo Bourdieu, detém habitus e representações semelhantes, que se traduzem em determinadas práticas sociais e modalidades de discursos que as expressam” (Lefèvre, 2000).

Para esta etapa o Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre, 2000) foi a estratégia metodológica adotada pois possibilita, como coloca Lefèvre “visualizar melhor a representação social na medida em que ela aparece não sob uma forma (artificial) de quadros, tabelas e categoria, mas sob uma forma (mais viva e direta) de um discurso, que é, como se assinalou, o modo como os indivíduos reais e concretos, pensam” (Lefèvre & Lefèvre, 2003). A obtenção dos dados, foi realizada através de entrevistas semi - estruturadas sobre as condições de vida e trabalho. Foi estabelecida uma amostra intencional de 11 trabalhadores, sendo 07 trabalhadores do Modulo 02 da Riviera de São Lourenço e 04 trabalhadores do bairro de Maitinga, respeitando-se, também nesta fase a participação percentual das áreas na composição do universo.

O enfoque da entrevista foi significado do trabalho na trajetória de vida do trabalhador da construção civil de Bertioga, com três questões: **1.** Você está satisfeito com o rumo que a sua vida tomou? **2.** E seu trabalho, se você pudesse escolher, escolheria este trabalho? **3.** E o que você espera da sua vida daqui para frente?

3. Etapa da análise sistemática e elaboração da dissertação: esta etapa foi desenvolvida durante todo o processo do estudo, começando desde a etapa exploratória , com a sistematização e análise das informações de cada etapa antes de passar para a etapa seguinte. Evidentemente, as etapas não se completam numa seqüência linear, mas se interpolam em vários momentos, sugerindo apenas um movimento constante no confronto teoria - prática (Lüdke, 1986).

Os desafios da Promoção da Saúde no mundo dos trabalhadores

*A cidade é o único lugar em que
se pode contemplar o mundo
com a esperança de produzir um futuro.*

Milton Santos

Neste capítulo busco colocar em questão a Promoção da Saúde como um movimento dentro do campo da saúde que pode efetivamente contribuir para a primazia do ser humano, em toda a sua complexidade como sujeito da história e que o desenvolvimento econômico seja emancipador e possa garantir os direitos de todos os cidadãos. Um desenvolvimento econômico que não vise essencialmente à acumulação de riqueza, mas sim a melhoria da qualidade de vida dos grupos sociais, segundo critérios por eles estabelecidos.

Com o intuito de apreendermos o significado atual de Promoção da Saúde faremos um resgate histórico deste conceito. Santos e Westphal (1999) analisaram a recente mudança de paradigma no campo da saúde, enfatizando a saúde como produção social e as "cidades saudáveis" e a "saúde da família" como projetos estruturantes. Mais recentemente, Czeresnia, chama a atenção que, mesmo tendo passado quatro anos, ainda "o discurso da promoção não é homogêneo e apresenta contradições que correspondem a interesses divergentes. Há uma extensa produção de trabalhos sobre o tema que torna evidente o quanto as estratégias em promoção da

saúde contemplam perspectivas das mais conservadoras às mais progressivas” (Czeresnia, 2003).

Uma das mais importantes contribuições do movimento da Promoção da Saúde é ter superado o enfoque centrado na doença e ter colocado em questão a concepção de saúde. A concepção de saúde, no nosso entender, é o que vai distinguir a promoção da saúde das outras áreas da saúde e também explicitar os respectivos compromissos políticos.

Mendes (1996), Santos e Westphal (1999) e Czeresnia (2003) alertam para a questão que a discussão do conceito de promoção da saúde tem como ponto de partida o próprio conceito de saúde e mais ainda, o que diferencia o conceito da promoção da saúde do conceito de prevenção é justamente o conceito de saúde.

Neste sentido, neste breve resgate histórico do conceito de Promoção da Saúde buscamos identificar, qual a concepção de saúde que a proposta tem como referencial.

Resgate histórico do conceito de Promoção da Saúde

Desde de 1920, temos referência ao uso do termo promoção da saúde por Winslow, quando definiu a saúde pública como “a ciência e arte de evitar doenças, prolongar a vida e desenvolver a saúde física, mental e a eficiência, através de esforços organizados da comunidade para o saneamento do meio ambiente, o controle das infecções na comunidade, a organização dos serviços médicos e paramédicos para diagnóstico precoce e o tratamento preventivo de doenças, e o aperfeiçoamento da máquina social que irá assegurar a cada indivíduo, dentro da comunidade, um padrão de vida adequado a manutenção da saúde” (Buss,2003).

Segundo Buss, para Winslow, “a promoção da saúde é um esforço da comunidade organizada para alcançar políticas que melhorem as condições de saúde da população e os programas educativos para que o indivíduo melhore sua saúde pessoal, assim como para o desenvolvimento de uma ‘maquinaria social’ que assegure a todos, os níveis de vida adequados para a manutenção e o melhoramento da saúde” (Buss, 2003).

Assim, em Winslow, podemos observar a ênfase nas relações entre saúde e condições de vida, além da valorização da organização da comunidade. Mas, sua concepção de saúde está estritamente referenciada, na doença, quando define a saúde pública como a ciência e arte de evitar doenças.

Outro autor, entre os primeiros a fazer referência ao termo promoção da saúde, foi Sigerist (1946) quando definiu as quatro tarefas essenciais da medicina: a promoção da saúde, a prevenção de doenças, a recuperação dos enfermos e a reabilitação (Buss,2003).

Segundo Buss, Sigerist afirmou que "a saúde se promove proporcionando condições de vida decentes, boas condições de trabalho, educação, cultura física e formas de lazer e descanso", para o que, pediu "o esforço coordenado de políticos, setores sindicais e empresariais, educadores e médicos" (Buss,2003).

É interessante que em Sigerist, podemos observar uma distinção entre a promoção da saúde e as demais tarefas da medicina. Para Sigerist, a promoção da saúde tem como referência a saúde que pode ser promovida a partir de "condições de vida decentes, boas condições de trabalho, educação, cultura física e formas de lazer e descanso" e que extrapola a atuação dos profissionais de saúde, mas sim demanda "esforço coordenado de políticos, setores sindicais e empresariais, educadores e médicos".

No entanto, as demais tarefas essenciais da medicina, para Sigerist, ou seja a prevenção de doenças, recuperação dos enfermos e a reabilitação, estão referenciadas na doença.

Leavell & Clarck (1965) utilizam o conceito de promoção da saúde ao desenvolverem o modelo da história natural da doença, como um dos elementos do nível primário de atenção das medidas preventivas. "As medidas adotadas para a promoção da saúde não se dirigem à determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem estar gerais" (...) tais como: " a educação e motivação sanitárias, (...) um bom padrão de nutrição, (...) aconselhamento e educação adequados dos pais, (...). recreação e condições agradáveis no lar e no trabalho (...).

Trata-se, portanto, de um enfoque centrado no indivíduo, com uma projeção para a família ou grupos, dentro de certos limites (Buss,2003).

Assim, podemos observar que o conceito de promoção da saúde em Leavell & Clarck tem como referência a doença, sendo a promoção adotada como uma das medidas de prevenção, com enfoque basicamente centrado no indivíduo. Nesta mesma linha conceitual, a partir da segunda revolução epidemiológica, o movimento da prevenção das doenças crônicas, a promoção da saúde “passou a associar-se à medidas preventivas, sobre o ambiente físico e sobre os estilos de vida, não mais voltadas exclusivamente para indivíduos e famílias” (Buss,2003).

A promoção da saúde ganha uma nova ressignificação a partir das últimas décadas do século XX, principalmente no Canadá, nos Estados Unidos e nos países da Europa Ocidental, com uma certa ambigüidade, ou seja, às vezes, como uma reação aos altos custos da medicalização e do uso da alta tecnologia pela medicina e outras, como um movimento social que visa ampliar o âmbito da atuação da saúde para além do enfoque restrito a doença e ao corpo humano e com um compromisso político de transformação da sociedade.

Na década de 60 do século XX, podemos constatar um esforço visando superar a orientação predominante do campo da saúde centrada no controle da enfermidade “Entre os inúmeros intentos registrados com tal orientação, merecem destaque especial a abertura da China Nacionalista ao mundo exterior – com a realização das duas primeiras missões de observação de especialistas ocidentais promovidas pela Organização Mundial da Saúde, sob a liderança de Halfdan Mahder (1973-1974) e o movimento canadense desenvolvido a partir do Relatório Lalonde – Uma Nova Perspectiva na Saúde Canadense (1974), posteriormente reforçado com o Relatório Epp – Alcançando Saúde para Todos (1986)” (Ferreira & Buss, 2001).

Esses autores afirmam que “esses dois acontecimentos estabeleceram para importantes movimentos de convergência na conformação de um novo paradigma formalizado na Conferência de Alma-Ata (1978),(...) e a Primeira Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde (1986) com a promulgação da Carta de Otawa.- Canadá” (Ferreira & Buss, 2001).

Ao relato das missões enviadas à China, Ferreira & Buss, atribuem “as primeiras observações relativas ao cuidado da saúde que extrapola a tradicional abordagem da atenção médica, referindo-se ao conjunto de atividades para a melhoria da saúde, predominantemente realizadas em ambiente rural, desenvolvidas desde 1965, com a inclusão da: organização da comunidade local; atenção aos anciãos, mais além da assistência do Estado; produção do desenvolvimento de indústrias caseiras; ajuda às escolas e serviços em geral; organização do povo para cuidar da saúde ambiental; realização de cuidados preventivos e tratamentos, incluindo o uso de ervas medicinais; apoio à manutenção da ordem social no tráfego, policiamento e nos incêndios; promoção de campanhas de saúde em todos os níveis visando substituir velhos costumes e mobilização da comunidade para: movimentos de massa contra as “quatro pestes, limpeza das casas , quintais e ruas, orientação de hábitos higiênicos, manutenção e uso da água potável, construção de unidades rurais de saúde, preparação de insumos simples (utensílios, pílulas, poções), controle da limpeza de locais públicos” (Ferreira & Buss, 2001).

Assim é interessante notar que “estas atividades eram desenvolvidas, pelos Comitês Comunais, (...) envolvendo (...) os mais distintos segmentos da população, (...) sob a orientação dos responsáveis pela saúde (...) - os chamados “médicos descalços” (barefoot doctors)” (Ferreira & Buss, 2001).

Ferreira & Buss constataam ainda o aproveitamento dessas idéias contidas nos relatos das missões à China na conformação da proposta de atenção primária de saúde, adotada por todos os países do mundo, identificando-as em alguns trechos da Declaração de Alma-Ata (1978), ressaltando porém que, “ao ampliar a visão do cuidado da saúde em sua dimensão setorial e de envolvimento da própria população, superava o campo de ação dos responsáveis pela atenção convencional dos serviços de saúde. Entretanto, estes últimos, (os profissionais da saúde) instintivamente, concediam maior prioridade à perpetuação das atividades com as quais estavam mais familiarizados, que eram, justamente, aquelas (...) mais diretamente relacionadas com os problemas de saúde – aqui considerada no sentido clássico de ausência de

enfermidade, e não com o completo bem-estar físico, mental e social que a própria OMS havia consagrado 35 anos antes (...)” (Ferreira & Buss, 2001).

Esses autores reconhecem que a proposição contida nos relatos das missões enviadas à China, adotada na Declaração de Alma-Ata, “era correta e desde o princípio apontava na direção da nova concepção de promoção da saúde, embora não totalmente delineada, porém já valorizando a saúde como componente central do desenvolvimento humano, ressaltando, sem usar a terminologia de determinantes da saúde, os fatores necessários para assegurar a qualidade de vida e o direito ao bem estar social (Ferreira & Buss, 2001).

Na evolução histórica do conceito de Promoção da Saúde, o Relatório Lalonde – Canadá (1974), contribuiu com a caracterização do campo da saúde em quatro componentes: biologia humana, assistência à saúde, ambiente e hábitos de vida. Mais ainda, este documento “evidencia que o tradicional padrão assistencial era o componente que menos efeito parecia ter para se promover uma melhor saúde” (Ferreira & Buss, 2001). A importância dessa contribuição foi a incorporação pelo Sétimo Programa de Trabalho da Organização Mundial de Saúde – OMS (1984-1989), dos quatro componentes apontados no Relatório Lalonde como determinantes da saúde.

No entanto, no Canadá, segundo Ferreira & Buss, o enfoque privilegiado de Promoção da Saúde foi dado às ações referentes “aos estilos de vida, com ênfase na ação individual, fato que foi objeto de amplo criticismo porque, ao mesmo tempo que poderia influenciar o alcance de uma vida melhor, estava, por outro lado, culpando a própria vítima por sua possível enfermidade” (Ferreira & Buss, 2001).

Contra-pondo-se a esta abordagem individual da Promoção da Saúde, surge uma abordagem social, destacada principalmente pelo Relatório de Sir Douglas Black, (1980) na Inglaterra, “que despertou a atenção internacional para a amplitude da iniquidade social e a relação de classe social com indicadores de morbidade e mortalidade”.

Para Czeresnia (2003), esta revalorização da promoção da saúde trata-se do resgate, com um novo discurso, do pensamento médico social do século XIX, que enfatiza as relações entre a saúde e condições de vida. Assim Czeresnia afirma:

"inspiradas em um pensamento progressista, a medicina social, na América Latina, e a saúde coletiva, no Brasil, desenvolveram uma tradição crítica própria. O resgate do pensamento médico social do século XIX ocorreu a partir da década de 70 do último século como um posicionamento científico e político que estudou as relações entre a saúde e sociedade, caracterizando processos econômicos e políticos, como a origem de perfis epidemiológicos complexos, próprios a situações de intensa desigualdade" (Czeresnia, 2003).

Este momento no campo da saúde do Brasil é muito bem relatado por Tambellini: "Pode-se dizer que a fase inicial (década de 60 e inícios da de 70) deste processo de transformação das maneiras de pensar os antigos problemas de saúde se caracterizou pela explicitação do social, enquanto categoria científica, entre os elementos determinantes básicos da condição de saúde das populações e também da organização dos sistemas de atenção à saúde. Ao mesmo tempo em que se iniciava a discussão, por parte das Ciências Sociais, sobre o surgimento e desenvolvimento econômico e social, conforme visto por alguns autores e tendências principalmente ligadas a uma posição de esquerda" (Tambellini, 2002).

Czeresnia, valorizando a produção brasileira diz que "um sinalizador da vitalidade de uma produção científica própria, capaz de propor mudanças na estruturação das políticas de saúde no Brasil, foi o resultado da VIII Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 1986, mesmo ano da I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em Otawa, considerada o marco fundador do movimento da Promoção da Saúde no mundo" (Czeresnia, 2003).

Mas Tambellini, ao relatar a inserção da epidemiologia no ensino médico coloca claramente a concepção de saúde presente naquele momento histórico no Brasil: "a Epidemiologia abriu para os profissionais de Saúde Pública e da Medicina Preventiva, a possibilidade de uma discussão epistemológica (não completada até hoje) sobre as categorias básicas usadas para estudar a saúde e a doença nas coletividades, num momento de grandes dificuldades e cerceamento político que dificultavam a pesquisa e a elaboração de projetos alternativos em saúde, incidindo sobre as capacidades de produzir e explicitar novas idéias e modelos científicos. Neste contexto, o objeto de

estudo vislumbrado foi aquele constituído pelo grupo de indivíduos doentes comparados com grupos de indivíduos sadios retirados do universo da população sob estudo. A categoria que fazia distinção entre os dois grupos populacionais era a doença. (...) Era uma visão reducionista, na medida em que considerava o coletivo composto pelo "somatório das características das pessoas em relação com as características da doença" (Tambellini, 2002).

A autora coloca os limites desta abordagem quando afirma que "não era possível abordar na forma complexa exigida pela realidade os aspectos fundamentais da doença, das necessidades das populações e de seus grupos específicos no que diz respeito, aos elementos depois considerados como determinantes das condições de saúde, entre eles, as possibilidades de acesso e uso efetivo dos serviços de atenção médica ou as condições de vida, trabalho, educação, saneamento em suas interações dinâmicas nos diversos momentos e fases dos processos coletivos" (Tambellini, 2002).

As dificuldades e limitações relatadas por Tambellini, podem ser compreendidas se considerarmos que "a medicina estruturou-se com base em ciências positivas e considerou científica a apreensão de seu objeto (Mendes Gonçalves, 1994). O discurso científico, a especialidade e a organização institucional das práticas em saúde circunscreveram-se a partir de conceitos objetivos, não de saúde, mas de doença" (Czeresnia, 2003).

Este é um dos grandes desafios da saúde. "A saúde pública/saúde coletiva é definida genericamente como campo de conhecimento e de práticas organizadas institucionalmente e orientadas à promoção da saúde das populações (Sabroza, 1994 in Czeresnia, 2003). Mas como bem coloca, Czeresnia, "uma primeira questão é a de a saúde pública se definir como responsável pela promoção da saúde enquanto suas práticas se organizam em torno de conceitos de doença" (Czeresnia, 2003).

No entanto, a questão é ainda mais complexa, pois também a promoção da saúde, ao superar a conceito de saúde como ausência da doença, deve enfrentar o desafio de definir o seu conceito de saúde. Neste sentido, a primeira pergunta que se impõe de maneira imperativa é qual a concepção de saúde da promoção da saúde.

Considerando que as transformações estruturais pelas quais passa a nossa sociedade historicamente abalam os paradigmas estabelecidos e criam novas concepções em todos os campos de conhecimento, há necessidade de contextualizar a concepção de saúde.

Sendo a saúde concebida como ausência de doenças, conseguiu-se na sociedade, avanços inestimáveis, dentro dessa perspectiva, como, por exemplo: o aumento significativo da expectativa de vida, o controle de grandes endemias, o avanço do conhecimento do complexo corpo humano com o auxílio da biotecnologia, a cura e prevenção de doenças que no passado dizimavam populações inteiras.

Contudo, como nos diz, Briceño-León, "hoje sabemos e dispomos de cada vez mais produtos tecnológicos para a atenção médica, que impactam a consciência da sociedade e incrementa seu nível das expectativas, porém tudo isto ocorre em um contexto histórico no qual não se têm modificado as condições sociais e econômicas básicas da vida cotidiana de milhões de pessoas e onde a distância tende a ser maior entre ricos e pobres. Dispomos no mundo, de caríssimos e sofisticados equipamentos que nos permitem medir ou tentar reparar os danos / agravos que causa a fome ou a ausência de água potável..." (Briceño-León, 2000).

Assim, podemos dizer que a saúde pública, tendo práticas consolidadas em torno da doença e tendo que enfrentar os problemas contemporâneos colocados pelas transformações estruturais da sociedade atual, que encontra-se numa fase de transição, entre o modelo curativista baseado no conceito de saúde tendo como referencial a ausência de doença e a proposta da Promoção da Saúde, compromissada com uma concepção de saúde mais ampla.

No entanto, esta concepção mais ampla é focalizada sob vários aspectos e ângulos: como uma produção social, como uma utopia, um ideal/bem a ser conquistado e também como uma síntese de múltiplos processos e ainda, como um compromisso com a transformação da sociedade.

Para alguns autores, a saúde é enfocada como uma produção social. Para Westphal, "a Promoção da Saúde, que tem como pressuposto fundamental a produção social da saúde, incorpora além dos aspectos biológicos que interferem no processo

saúde-doença, os determinantes sociais, econômicos e ambientais, ampliando assim o conceito de saúde, para além da consideração simples de saúde como ausência de doença" (Westphal, 1997).

O que vem caracterizar a promoção da saúde, modernamente, segundo Buss, "é a constatação do papel protagonizante dos determinantes gerais sobre as condições de saúde: a saúde é produto de um amplo espectro de fatores relacionados com a qualidade de vida, incluindo um padrão adequado de alimentação e nutrição, de habitação e saneamento, boas condições de trabalho, oportunidades de educação ao longo de toda vida, ambiente físico limpo, apoio social para famílias e indivíduos, estilo de vida responsável e um espectro adequado de cuidados de saúde. Suas atividades estariam, então, mais voltadas ao coletivo de indivíduos e ao ambiente, compreendido, num sentido amplo, por meio de políticas públicas e de ambientes favoráveis ao desenvolvimento da saúde e do reforço da capacidade dos indivíduos e das comunidades (empowerment)" (Buss, 2003).

Para Campos também a saúde pode ser produzida, "indicando um processo sobre o qual intervém práticas sociais, e está relacionado tanto a necessidades sociais quanto a práticas de intervenção e controle. No caso dos sistemas este objeto é representado pela doença ou por situações que a potencializem, quer digam respeito ao indivíduo ou ao meio. O objetivo, o fim, ou a finalidade desses serviços é a produção da saúde" (Campos, 2000).

A concepção da saúde, para alguns autores, tem explicitamente um compromisso político com a transformação social da sociedade:

Para Briceño-León "a saúde é uma síntese de uma multiplicidade de processos, do que acontece com a biologia do corpo, com o ambiente que nos rodeia, com as relações sociais, com a política e a economia internacional. A saúde é o índice do bem estar, talvez o mais importante indicador do bem estar alcançado por uma população. Uma amostra palpável do nível de desenvolvimento social alcançado por uma sociedade, e uma condição essencial para a continuidade do mesmo desenvolvimento.(...). A saúde é também a base sobre a qual se constrói a felicidade

dos indivíduos, sua realização como pessoas e sua contribuição ao máximo de satisfação coletiva” (Briceño-León, 2000).

Para Lefèvre, “isto significa uma concepção de saúde mais próxima da realidade dos sujeitos sociais: em uma palavra, não pode haver Promoção de Saúde sem que haja, simultaneamente equidade, o que representa um enorme desafio a ser transposto em sociedades como as nossas, tão marcadas historicamente pela iniquidade (...). A Promoção de Saúde é uma estratégia de enfrentamento, não dos efeitos, dos sintomas e dos sinais, mas das causas profundas das doenças em geral, da Doença com D maiúsculo” (Lefèvre, 2000).

Mais ainda, “a estratégia da Promoção da Saúde é claramente social, política e cultural, posto que saúde é uma utopia a ser definida em suas coordenadas espaço-temporais, o que implica claramente o protagonismo de indivíduos não técnicos e de movimentos sociais, assim como a ação combinada de políticas públicas, modificação de estilos de vida e intervenção ambiental, através de um amplo arco de medidas políticas, legislativas, fiscais e administrativas” (Stachtchenko & Jenicek, 1990 apud Buss, 2003).

Podemos observar que as concepções de saúde, seja como produto social, seja como utopia, seja como estratégia de transformação da sociedade, possuem uma magnitude que extrapolam o âmbito do setor saúde.

No entanto, segundo, Fernandez & Regules (1994), “a Promoção da Saúde é uma estratégia complementar, não de substituição das demais estratégias em saúde pública, mas (e não há contradição) por sua vez integral, por afetar a todos os elementos que até agora vinham intervindo, aportando novos instrumentos e reorientando suas finalidades” (Fernandez & Regules 1994 apud Buss, 2003).

Se por um lado, a promoção da saúde, como colocam alguns autores, nasceu no contexto de sociedades capitalistas neoliberais da necessidade de controlar os custos desmedidamente crescentes da assistência médica, por outro lado, segundo Briceño-León, “o modelo de ausência da enfermidade é o modelo curativo que se difundiu no mundo durante o século XX, e que se impôs a partir dos grandes desenvolvimentos e êxitos da tecnologia e das drogas médicas. Este modelo curativo, que se baseia na

concepção da saúde como tratamento do agravo e ausência de enfermidade, tem particularmente, um grande apoio de quase todos os atores do processo: dos funcionários, dos fabricantes e distribuidores de produtos e tecnologia médica e altíssimo apoio da população, inclusive da população mais pobre, a qual exige que o Estado mantenha e impulse o modelo hospitalar” (Briceño-León, 2000).

Este autor esclarece ainda que “isto acontece porque esta é a representação social dominante que existe da saúde e nesse contexto, o modelo curativo proporcionado pelo Estado é a única alternativa que a população vê para conservar ou repor saúde. E isto é assim porque essa representação é a única maneira como se tem apresentado a saúde na possível ação oficial dos políticos em busca de votos que oferecem hospitais, e sempre, ao referir-se à atenção médica e hospitalar, a chamam “setor saúde”, ao invés de como deveria chamá-lo “setor hospitalar ou médico”. Porém, este modelo há alguns anos entrou em crise no mundo, pois não satisfaz a população e nem reduz a iniquidade” (Briceño-León, 2000).

Briceño-León, vai mais adiante propondo que “a reforma do setor deve partir de uma mudança substancial na concepção de saúde e o que deve ser a intervenção na saúde.” Para este autor, “um modelo de saúde desejável tem que atravessar necessariamente, pelo desenvolvimento social. Precisamos desenvolvimento social, precisamos progresso econômico, porém o progresso econômico que se necessita para superar a pobreza pode também provocar danos no ambiente e pode enfermar a população” (Briceño-León, 2000).

Considerando esse quadro referencial é possível delinear alguns cenários para o futuro e apontar caminhos para uma atuação dentro de um novo paradigma, relacionando a saúde aos impactos das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas na coletividade. Significa também pensar em promoção de saúde do trabalhador como um compromisso de encontrar respostas contemporâneas ao marco teórico-prático da economia global e à demanda histórica posta a nossas sociedades de gerar emprego, habitação, alimentação, educação, proteção social e ocupação adequada do tempo livre. Significa conceber o trabalho vinculado não só ao local de trabalho, ou mesmo a relação de trabalho estabelecida, mas, de maneira ampliada, a

fatores que valorizem o trabalhador enquanto ser humano e cidadão com sua respectiva história de vida.

Do ponto de vista dos trabalhadores, significa a sua participação na organização, no compartilhamento dos objetivos do trabalho e na definição de políticas públicas que visem a melhoria de vida da população. Estas novas concepções exigem também uma nova prática social que transcenda a, ainda fundamental, porém insuficiente e precária, concepção de prevenção de acidentes e de doenças do trabalho e doenças profissionais, apontando para uma linha de ação onde o trabalhador é o sujeito na construção da sua cidadania, intervindo para garantir seus direitos a lazer, moradia, educação, saúde, transporte, entre outros.

Na realidade brasileira marcada por profundas desigualdades sociais e contradições, a busca da conquista da equidade, por meio da participação social, da intersetorialidade, da sustentabilidade e da elaboração e implementação de políticas públicas compromissadas com a qualidade de vida certamente constituem caminhos a serem percorridos.

O município de Bertioga – terra de migrantes

“...Ou esperando o dia de voltar pro norte
Pedro no sabe mais talvez no fundo
Espera alguma coisa mais linda do mundo
Maior do que o mar
Mas pra que sonhar
Se dá o desespero de esperar demais
Pedro pedreiro quer voltar atrás
Quer ser pedreiro pobre e nada mais
Sem ficar esperando, esperando, esperando...”

Pedro Pedreiro
Chico Buarque/1965

Com o intuito de compreender o contexto das condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil, enquanto sujeitos sociais abordaremos, neste capítulo, o município de Bertioga, cenário deste estudo, a partir da constituição do seu território e de alguns aspectos das condições objetivas de vida da sua população. Também apresentaremos contribuições do Projeto Bertioga Município Saudável para o diagnóstico participativo do município.

O enfoque do território, terá em vista o ensinamento de Milton Santos, de que “o território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de cada país e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual” (Santos, 1977).

Mais ainda, Santos afirma que “na medida em que são representativas das épocas históricas, as técnicas funcionando solidariamente em sistemas, apresentam-se assim, como base para uma proposta de método. Esses sistemas técnicos incluem, de um lado, a materialidade e, de outro, seus modos de organização e regulação. Eles autorizam, a cada momento histórico, uma forma e uma distribuição do trabalho. Por

isso a divisão territorial do trabalho envolve, de um lado, a repartição do trabalho vivo nos lugares e, de outro, uma distribuição do trabalho morto e dos recursos naturais. Estes têm um papel fundamental na repartição do trabalho vivo. Por essa razão a redistribuição do processo social não é indiferente às formas herdadas e, o processo de reconstrução paralela da sociedade e do território pode ser entendido a partir da categoria de formação sócio-espacial” (Santos, 1977).

Nesse sentido, na tentativa de apreendermos a realidade de um município o conceito de território é fundamental: “O que interessa discutir é, então, o território usado, sinônimo de espaço geográfico. E essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território” (Santos, 1977). Assim buscaremos no histórico da constituição do território Bertioga, alguns fatos e aspectos que possam nos ajudar a entender a realidade atual do município.

Um pouco da história de Bertioga

Historicamente Bertioga sempre foi, durante seus quase 500 anos, “um lugar de passagem ou de pouso, quase nunca como um lugar de fixação e moradia” (Suwabe, 1998).

Os primeiros habitantes foram os indígenas que se deslocavam para o lugar, hoje denominado Bertioga, em determinadas épocas do ano, em busca de alimentos, como relata Staden, citado por Tulik: “tínhamos que nos acautelar contra os tupinambás duas vezes por ano (...) Uma destas épocas é novembro, quando amadurece o milho, que chamam de abati (...). Além disso, devíamos contar com eles em agosto. Neste tempo procuram uma espécie de peixes que emigram do mar para as correntes de água doce, para aí desovar” (Tulik, 1981).

Os tupinambás também conseguiram impedir a fixação das expedições colonizadoras, pois para eles os colonos europeus eram inimigos, que além de ocuparem suas terras, destruíam as mesmas, através de queimadas. Por isso, denominaram estes colonos de caçara – “cai – significa queimada e çara, o agente, o executor, aquele que executa, faz ou conduz”, segundo Santos, citado por Suwabe (Suwabe, 1998).

No século XVIII, "devido o uso de azeite de baleia na iluminação pública e particular de cidades como Santos, São Paulo, São Vicente e parte do Rio de Janeiro, Bertioga viveu um período de 'exuberância e movimento' com a Criação da Armação para pesca das Baleias. Este período chega ao fim em 1834, quando a indústria baleeira, se viu arruinada devido ineficácia administrativa" (Tulik, 1981).

Segundo Medeiros, citado por Suwabe, "o fim do período baleeiro determinou a ruína da Bertioga insular e o fim daquele florescimento efêmero da Bertioga continental. Em princípios do século XX, Bertioga seria (...) um núcleo de pescadores, dos mais pobres, com cerca de duas dúzias de casas defronte ao porto da barca e três pequenas casas de comércio" (Suwabe, 1998).

Somente na década de 1940, com a construção da Colônia de Férias do SESC, começa em pequena escala e de forma modesta a construção de residências secundárias* em Bertioga, devido alguns autores, à dificuldade de acesso, pois este era realizado apenas através de embarcações que cruzavam o canal, entre Guarujá e Bertioga.

No entanto, "com o asfaltamento, em 1958, da estrada Guarujá-Bertioga, viu-se no município um pequeno incremento na indústria da construção civil, relacionado à construção de residências secundárias, motivada pelo aumento de turistas que chegavam ao então distrito pertencente ao município de Santos. Fato este que foi

* Segundo o IBGE, residências secundárias são "os domicílios particulares que servem de moradia (casa ou apartamento), isto é, os usados para descanso de fim de semana, férias ou outro fim (IBGE,1991:13, in Tulik,2001).

Segundo Tulik (2001), no caso das residências secundárias "a questão conceitual e a necessária busca por uma definição são em parte reflexos da profusão de termos alternativos, de sentido amplo ou restrito, nos mais diversos idiomas, aplicados conforme as modalidades turísticas praticadas e as especificidades locais: em português, encontramos os termos domicílio de uso ocasional (IBGE), residência e outras formas de uso corrente, como casa de campo, de temporada, de praia, de veraneio, além de chalé, cabana, sítio e chácara de lazer ou de recreio; em francês, residence secondaire, maison de campagne, residence touristique; em inglês, second home, vacation home; em espanhol, segunda cãs, segundo hogar, casas vacacionales; em italiano, seconda casa; e outros tantos termos que devem existir para expressar aquele que não é o domicílio principal" (Tulik, 2001).

consolidado e intensificado com conclusão das obras de construção do trecho Bertioga-São Sebastião da rodovia Rio-Santos e posteriormente, com a ligação planalto-litoral, representado pela Rodovia Mogi-Bertioga, em 1985” (Suwabe, 1998).

Com a construção destas rodovias, Bertioga contempla uma das características básicas, necessárias no primeiro momento, para a evolução de uma área com potencial para a concentração de residências secundárias, ou seja, melhoria das condições de acesso (TuliK, 1995).

Segundo Suwabe, “numa análise de sua história, podemos notar que Bertioga esteve sempre alternando altos e baixos. Ora moldado por um avanço de sua economia e crescimento de sua população, ora havendo o decréscimo de ambos. Porém, é nítido que em seus diversos momentos Bertioga teve importância, não por sua população fixa ou por seu crescimento urbano e industrial, mas sim, por atrair uma população flutuante, graças à sua abundância e a diversidade de recursos naturais explorados de diversas formas por esta população que, de forma geral, não se fixava definitivamente ali” (Suwabe, 1998).

Bertioga: uma cidade turística

Sua vocação está estampada no seu nome oficial - Estância Balneária de Bertioga e também é apresentada por seus moradores, com muito orgulho como uma cidade turística.

No desenvolvimento do projeto Bertioga Município Saudável, na etapa do Mapeamento de Lideranças do Município, em abril 2000, em resposta a pergunta sobre o sonho que estas lideranças tinham para Bertioga, dentre um total 245 citações dos participantes, as mais citadas foram 28 referentes à administração pública e 28 foram relacionadas ao turismo (Araí, 2002).

Mas o que significa ser uma cidade turística?

Para responder a esta questão é importante entendermos o que é o turismo. Segundo, Bustos Cara, o turismo representa um dos “requerimentos próprios da sociedade moderna em plena transformação”. Mais ainda, “desde um ponto de vista territorial, o turismo é grande consumidor de espaços, é também produtor e

transformador da primeira magnitude. É, ao mesmo tempo consumidor de território, quer dizer, utilizador não só o espaço, senão as condições sociais que lhe dão sentido e é sobre esse território organizado e com sentido que impacta. Por outro lado é igualmente consumidor e produtor de tempo, de tempo em diferentes sentidos, tanto de tempo livre, de tempo como duração, como de tempo histórico. Uma história que se produz para ser consumida" (Bustos Cara, 2001).

Segundo Cruz, "o turismo surge como atividade econômica organizada em meados do século XIX e, àquele tempo, utilizava-se, integralmente, de infra-estruturas criadas em razão de outros usos do território. De lá para cá, entretanto, a atividade deixa, paulatinamente, de ser uma usuária passiva dos territórios para tornar-se mais um agente condicionador de seu (re) ordenamento" (Cruz, 2001).

A crescente importância do turismo pode ser apreendida quando este setor é colocado por todos os atores sociais do município em questão como aquele que resolverá todos os problemas. Esta importância é também alardeada por "organizações mundiais relacionadas à gestão da atividade, como a Organização Mundial de Turismo - OMT e World Travel and Tourism Council - WTTC; por governos nacionais e locais interessados no desenvolvimento da atividade; pela "mass media"; e por uma parcela da recente produção acadêmica sobre o tema" (Cruz, 2001).

Mais ainda, segundo Cruz as "estatísticas oficiais mostram, ainda, que a atividade turística apresenta números expressivos, também, no que se refere a deslocamentos de fluxos, à mão-de-obra empregada, à geração de renda, entre outro" (Cruz, 2001).

Segundo Arai, os participantes das oficinas do Projeto Bertioiga Município Saudável concordam que o turismo, mesmo que seja impactante sobre o meio ambiente, constitui-se em uma das alternativas para o município, sendo necessário que haja uma preparação para a boa acolhida dos turistas, conciliando a geração de renda com a preservação do meio ambiente.

"Temos que nos preparar para o turista voltar" - morador da Riviera (Araí, 2002).

“O turismo pode trazer uma gama muito grande de empregos para Bertioga... turismo bem feito - ecoturismo” - morador de Rio da Praia (Araí, 2002).

“Turismo traz dinheiro. Temos que receber o turista e dar formas para que ele não destrua a cidade” - participante do grupo do Delphino (Araí, 2002).

No entanto, Cruz ressalta que “a importância do turismo reside menos nas estatísticas que mostram parcialmente, seu significado e mais na sua incontestável capacidade de organizar sociedades inteiras e de condicionar o (re) ordenamento de territórios para sua realização” (Cruz, 2001).

Antes mesmo da emancipação política do município, o turismo começou a substituir a pesca como atividade econômica. Segundo Ribeiro (2002), até a década de 1940 a população de Bertioga era basicamente de pescadores. A partir da década de 50 e mais intensamente na década de 70, a ocupação da região de Santos, que incluía o atual município de Bertioga foi intensificada por grandes investimentos no setor secundário e de construção civil, além do incremento em turismo. Data desta época a construção do trecho da Rodovia Rio – Santos (BR – 101). Em 1985 foi construída a Rodovia Mogi-Bertioga (SP 98) aumentando ainda mais o fluxo de turistas (Ribeiro apud Araí, 2002).

Assim Bertioga vai se inserindo na lógica econômica do turismo através das construções das rodovias, pois como afirma Cruz “a crescente importância econômica do turismo é causa e consequência de sua ampliada necessidade de intervenção espacial. Para que o turismo – inserido na lógica de uma atividade econômica organizada – possa acontecer, faz –se necessária à criação de um sistema de objetos, que estão relacionados à locomoção de pessoas, à sua hospedagem, às suas necessidades de alimentação, capaz de atender à demanda de ações que lhe é própria. O conjunto resultante desses objetos e de ações (Santos, 1994, 1996, 1997) requeridos pelo uso turístico do espaço, distingue o lugar turístico da atualidade dos outros lugares” (Cruz, 2001).

Segundo Cruz, a “outra face da dimensão espacial do turismo diz respeito ao fato de esta ser a única entre as atividades econômicas modernas que consome, elementarmente, espaço. É dessa característica que decorrem suas mais fundamentais

especificidades, como a fixidez do seu produto, o atrativo turístico (Sanchez, 1991; Urry, 1996; Bertocello, 1998) e a conseqüente necessidade de deslocamento do consumidor até o produto a ser consumido" (Cruz, 2001).

Assim, o turista tem que se deslocar para o espaço definido como turístico e aí, podemos apreender a importância das construções das rodovias de acesso ao município de Bertioga.

Como se configura o território de Bertioga como uma cidade turística?

O território do município de Bertioga corresponde à definição dada por Santos, "o conceito de território corresponde a frações funcionais do espaço" (Santos, 1997). Corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados atores sociais (que lhe atribuem determinadas funções) num dado momento histórico (Cruz, 2001).

Nas oficinas desenvolvidas durante o Projeto Bertioga Município Saudável, Araújo observa "outro aspecto muito presente nas oficinas é a visão fragmentada que os moradores têm de Bertioga. Muitos, por exemplo, denominam o "centro" da cidade de Bertioga, como se o seu bairro também não fizesse parte do mesmo município" (Araújo, 2002).

Segundo Araújo, essa fragmentação é provocada por barreiras geográficas, físicas, sociais, culturais e político administrativas. As barreiras físicas são os muros dos condomínios, os portais, a estrada Rio-Santos. A cidade é povoada por imagens compartilhadas que não permitem enxergar o outro lado da rodovia, do muro, do portal...(Araújo, 2002). Estas barreiras favorecem a segregação sócio-espacial tão presente em Bertioga.

Esta frase do morador de Bertioga expressa durante as oficinas do Projeto Bertioga Município Saudável explicita a questão da segregação sócio-espacial: "*Bertioga é muito extensa e assim você enxerga partes, os problemas da Bertioga não aparecem como um todo e sim por bairros*" - morador do Indaiá (Araújo, 2002).

Para Araújo, "as barreiras sociais são caracterizadas pela falta de acesso à educação, à saúde, ao emprego e aos serviços das diferentes camadas sociais de Bertioga, especialmente as que se referem à comunicação e informação marcando as

grandes diferenças sociais entre a população que mora nos condomínios, do lado do mar e a que mora em favelas ou habitações precárias do lado das montanhas, da área de preservação ambiental” (Araí, 2001).

As desigualdades sociais dimensionadas no território do município foram também reconhecidas pelos participantes do Projeto Bertioga Município Saudável:

“Quem foi para lá não tinha possibilidade de comprar terreno aqui. Tem estrada, mas não vejo viadutos e artérias. O lado de lá tem que se integrar. Levar movimento, restaurante”- participante do grupo de Delphino (Araí, 2002).

“Tem que levar informação. Lá não chega nada. A questão do lado de lá e do lado de cá, não é física, é moral. Quem mora do lado de lá, cuida dos filhos do pessoal daqui. Bertioga não tem identidade”- participante do grupo do Delphino (Araí, 2002).

Ainda segundo Araí, “as barreiras culturais são as provocadas pelas diferenças existentes entre os diversos segmentos que compõem a população de Bertioga, caiçaras, nordestinos e turistas” (Araí, 2002). Devemos incluir também os índios guaranis, da Aldeia do Rio das Silveiras.

“O caiçara tem medo de turista, perdeu suas áreas para os ricos, teve que morar em outras áreas. Com esse crescimento a população invade tudo”- participante do Delphino (Araí, 2002).

Para Araí, as barreiras políticas são decorrentes da recente emancipação do município e a inexistência de abairramento ou um enfoque administrativo mais descentralizado, com acesso de serviços a todas as localidades de Bertioga. A centralização administrativa e a valorização do Centro – como a Bertioga, promove também a centralização dos recursos para investimentos (Araí, 2002).

“A maioria daqui não tem endereço - não podemos receber correspondência” - morador de Boracéia”(Araí, 2002).

“... e eu sinto que quando falam em integração, não só de Riviera, mas de Bertioga como um todo, e é uma cidade que não tem integração e é uma cidade que é difícil fazer um monte de coisa, você não consegue reunir as pessoas, muita coisa não dá certo, e todo mundo reclama aqui, principalmente a Riviera, mas ninguém quer

fazer alguma coisa para melhorar isso” – participante da oficina do futuro na Riviera (Arai, 2002).

O espaço geográfico do município de Bertioga caracteriza-se por uma faixa estreita de terra entre o Oceano Atlântico e a Serra do Mar, cortada no meio pela Rodovia Rio-Santos. O Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável de Bertioga, PDDS, Lei municipal nº 315/98 divide Bertioga em cinco áreas geomorfologicamente: Região I – Caiubura, Região II – Centro, Região III – Indaiá, Região IV – Costa do Sol e Região V – Boracéia. Este critério, porém não contempla a realidade do uso e parcelamento do solo e menos ainda o espaço funcionalizado.

Em Bertioga a desigualdade social se explicita de diversas maneiras, mas é nas tipologias dos assentamentos habitacionais que encontramos sua mais marcante demonstração. Dividem o mesmo território de um lado, os numerosos condomínios e loteamentos de médio e alto padrão, com casas do tipo denominado de segunda residência e do outro lado os assentamentos subnormais, na maioria favelas com ausência ou precária infra-estrutura urbana básica, comumente localizadas em áreas inadequadas de risco do ponto de vista da saúde e segurança dos moradores e/ou em áreas de proteção ambiental (Comarú, 2004).

No entanto, o território é composto de espaços que formam “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 1994).

Os sistemas de objetos e os sistemas de ações interagem (...) “de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes” (Santos, 1994).

Esse movimento dialético entre forma (objetos) e conteúdo (ações) é presidido pelo espaço, soma dos dois, e é, igualmente, “o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica” (Santos, 1994).

Este movimento é visível em Bertioga, onde são criados espaços para o turismo (loteamentos e condomínios de alto e médio padrão) e espaços que são conseqüências do turismo (núcleos de favelamento). No entanto, eles formam um "conjunto indissociável, solidário e também contraditório", formam o município de Bertioga (Santos, 1994).

Conforme Knafou, os territórios turísticos caracterizam-se, no final das contas", pelo confronto que abrigam entre duas territorialidades distintas, "a territorialidade sedentária dos que aí vivem freqüentemente, e a territorialidade nômade dos que passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que freqüentam"(Knafou, 1996 apud Cruz, 2001)

No entanto, "é no confronto entre essas diferentes territorialidades que se gestam os mais importantes paradoxos que caracterizam o uso de territórios pelo turismo, como por exemplo, a segregação espacial de turistas e residentes e a geração de processos inflacionários que elevam preços de produtos, de serviços e da terra, beneficiando empreendedores turísticos, por um lado, e prejudicando residentes, por outro" (Cruz, 2001).

Os moradores já explicitam preocupação a respeito dos desdobramentos desta situação: *"Riviera é densamente urbanizada que no futuro pode dar problemas de água, de esgoto. Boracéia que é menos urbana também tem problemas: não tem rede de água tratada. Esgoto tratado no centro e na Riviera. Água tratada tem do lado de lá da pista -[rodovia Rio - Santos], do lado de lá tem muito pouco"* - participante das oficinas do Projeto Bertioga Município Saudável (Araí, 2002).

Situação semelhante é identificada em outras regiões do Brasil: "a criação de espaços alienados de seu contexto, sob diversos aspectos (tipo "bolhas", "simulacros", "não-lugares") constitui mais um entre os desdobramentos socioespaciais do processo de urbanização movido pelas políticas regionais de turismo do Nordeste. Essa alienação se configura na materialidade dos objetos introduzidos nesses espaços e nas barreiras materiais e imateriais que os separam de seu entorno, bem como pelo tipo de uso do território a que eles induzem, ou seja, espacialmente concentrador, do ponto de vista da infraestrutura" (Cruz, 2001)

Este movimento também é confirmado por Luchiari (1998), ao falar da urbanização turística como expressão do fenômeno turístico, ressaltando sua capacidade transformadora do espaço, que recria a identidade do lugar e produz um espaço social híbrido, "onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização socio-espacial". Este movimento entre o velho e novo, acelerado pela urbanização turística gera novas paisagens, consome outras, traz à cena novos sujeitos sociais, elimina ou marginaliza outros e redesenha as formas de apropriação do espaço urbano, substituindo antigos usos e elegendo novas paisagens a serem valorizadas pelo lazer (Luchiari,1998).

No âmbito do Projeto Bertioga Município Saudável, durante as atividades desenvolvidas no diagnóstico participativo, Araí relata que, "um tema conflituoso e contraditório que marcou as Oficinas do Futuro, foi a representação sobre o condomínio Riviera de São Lourenço para a população de Bertioga. A Riviera constitui-se para muitos, numa imagem compartilhada do desejo projectual de ascensão a uma vida melhor. Seus conjuntos de prédios formam um bloco homogêneo de uma imagem monumental que estaria enraizada na história da cidade" (Araí, 2002).

"Toda cidade tem que se tornar uma Riviera"- morador de Indaiá. (Araí, 2002).

Continua Arai, "ao mesmo tempo, há uma outra imagem compartilhada que representa o conflito e a contradição gerada por este projeto de qualidade de vida. A medida que foi gerada uma possibilidade concreta deste ideal para um segmento da população – a maior parte de uma classe média alta – foram criadas condições de ampliação das iniquidades locais que no momento começam a gerar problemas como a insegurança e a violência expressando com isto a consciência da contradição que o bairro representa. Seus moradores mudaram para lá em busca de melhoria de qualidade de vida e já têm manifestado a consciência de podem estar no "meio de um fogo cruzado", conforme pode ser abstraído nas frases abaixo:

"A Riviera é modelo, mas gerou favelas, [pelos] os trabalhadores do empreendimento"- morador da Boracéia (Araí, 2002).

"Contraste, Riviera tão rica e Bertioga sem estrutura. Quando a obra termina os trabalhadores fazem os barracos próximos da Riviera, aumentando as favelas do bairro Indaiá" - morador de Indaiá (Araí, 2002)

"Nos temos situações bem distintas em Bertioga, nós temos hoje uma Riviera de São Lourenço, onde o padrão de vida é altíssimo, onde tem rede de esgoto, tem segurança, tem tudo que apresenta de bom, enquanto nós temos do nosso lado de cá, uma situação onde falta segurança, onde o saneamento básico é precário, onde falta iluminação nas ruas, então isso em virtude de que, uma má distribuição de renda, onde as pessoas lá têm apartamento, às vezes utilizam o apartamento uma vez por ano. Não é que essas pessoas não têm direito, fizeram, devem ter merecido ter esses apartamentos, mas cadê o outro lado, onde falta habitação, onde a gente não tem moradia" - participante do grupo do Delphino (Araí, 2002).

Duas situações distintas são identificadas por Sanchez (1991), no que se refere à relação turismo- território. Uma delas diz respeito a um turismo que não estabelece vínculos territoriais permanentes com o espaço do ócio a que se dirige: é o caso, por exemplo, do "turismo de hotelaria", que é uma modalidade de turismo em que os hotéis correspondem ao meio de hospedagem. A outra situação, conforme o autor, refere-se a um tipo de turismo permanente no uso do mesmo espaço, "o qual dá lugar a alguma forma de vínculo territorial psicológico, que seriam as segundas residências" (Sanches, 1991 apud Cruz, 2001).

O município de Bertioga, se caracteriza pelo turismo permanente e possui um índice excepcional de residências secundárias dentre o total de residências presentes no município, atingindo a marca de 63,23%, já no ano 1991. Este foi o segundo maior índice de todo o Estado de São Paulo, perdendo apenas para Mongaguá, cujo índice, no mesmo ano de 1991, foi de 69,52% (TuliK, 1995).

No caso das segundas-residências, a posse do meio de hospedagem e a reincidência da visita instigam uma relação mais duradoura e menos fugidia entre o turista e território turístico, o que o turismo de hotelaria dificilmente poderia estimular. Assim, " as segundas residências localizam-se, em geral, em áreas relativamente próximas às residências primárias de seus proprietários porque se destinam a um uso

freqüente. Além disso, somente podem acontecer com expressividade onde houver demandas solváveis, capazes de arcar com os custos de um segundo imóvel. Não por acaso o estado de São Paulo abriga mais de 50% do total de residências secundárias existentes no país” (Tulik, 1995 apud Cruz, 2001)

Segundo Bustos Cara, “a sociedade local produz imagens que a identificam, que orientam seu desenvolvimento, que a definem. O turismo em si se individualiza gerando um sistema de relações próprio, um campo que se tornando independente progressivamente, se especifica e se materializa em uma sociedade particular, que generalizando podemos chamar de artificial, às vezes nas temporadas, às vezes nos fins de semana (...). É nessa atividade onde certas práticas de deslocamentos se fazem mais evidentes para o capital, porém, o é conseqüentemente também para o emprego e para a gestão. As decisões podem ser tomadas em lugares muito diversos e os empregados podem vir desde muito longe (Bustos Cara, 2001).

Este mesmo autor nos diz da dificuldade de como captar desde o local, desde o município, esta enorme dinâmica. No entanto, ele aponta que “em uma imagem ou metáfora, o município parece ser o único ponto fixo sobre o qual se apóia todo este sistema e o único capaz de avaliar as conseqüências, mas imediatas e cotidianas dos habitantes. Tanto nos planos objetivos como subjetivos”.(Bustos Cara, 2001).

O vínculo entre a indústria da construção civil e o setor do turismo

Vamos abordar em linhas gerais a vinculação entre a indústria da construção civil e o setor do turismo com intuito de compreender a realidade do município de Bertoga e o contexto onde vivem e trabalham os trabalhadores da construção civil, participantes deste estudo.

A partir da década de 1970, as graves e consecutivas crises na economia brasileira, geraram muita instabilidade na indústria da construção civil e fez com que seus empreendedores começassem a investir no setor de turismo. Segundo Cruz, “a necessidade de migração de capitais de um para outro setor da economia, como forma de garantir sua reprodução em momentos de crise, é um dos fatores desencadeadores do casamento entre empreiteiras e atividade turística. Além disso, as políticas nacionais de incentivos financeiros e fiscais ao turismo minimizaram, significativamente, os riscos

de investimentos nesse setor, tomando os negócios em turismo altamente vantajosos.” (Cruz, 2001).

Entre os grandes projetos turísticos que receberam estes investimentos da indústria da construção civil no Brasil, podemos destacar: o Projeto Parque das Dunas – Via Costeira que teve mais de 50% de seus lotes negociados com grupos empresariais do ramo da construção civil; os proprietários dos sete primeiros hotéis edificadas na Via costeira até 1993 são, na sua maioria, originalmente proprietários de empreiteiras. Mais ainda o fato do primeiro megaresort do Brasil, em implantação em Sauípe (Linha Verde), estar inserido em uma fazenda de propriedade do grupo Odebrecht é, também, representativo dessa junção entre negócios da construção civil e negócios turísticos (Cruz, 2001).

Segundo Cruz, no entanto, esse processo de transformação de empreendedores do ramo da construção civil tampouco restringe-se ao litoral nordestino. A título de exemplo, cabe citar a Riviera de São Lourenço, um empreendimento turístico de residências secundárias, localizado no município de Bertioga, litoral norte de São Paulo. O loteamento que deu origem a Riviera pertence à construtora Sobloco, que iniciou sua implantação em 1979 e é responsável, até hoje, por sua administração. O projeto Jurerê Internacional, um loteamento turístico situado na praia de Jurerê, Florianópolis, surgiu (1980), também, da iniciativa de uma empresa do ramo da construção civil, denominada Habitasul (Cruz, 2001).

Os empresários que se dedicavam predominantemente à construção civil enveredaram para o ramo da hotelaria, para investimentos em algumas regiões/setores estratégicos, como o Norte/Nordeste e para os setores de reflorestamento, pesca e turismo, para os quais foram concedidos instrumentos de incentivos fiscais e de outra natureza, em decorrência da estagnação do mercado da construção e da nova proposta de desenvolvimento nacional, a partir de 1974 priorizou as questões urbanas (Cruz, 2001).

Damiani (1997) fala de um “sentido avassalador” na condução da atividade turística no país, considerando que ela “renova a possibilidade de enriquecimento e apropriação privada de espaços, antes secundários, às tramas da capitalização, que

assegura a reprodução de elites dominantes, agora através de “novos negócios” - e aqui a autora refere-se, especialmente, aos projetos turísticos nordestinos – acrescentando que, nesses casos, orla ganha “novos” velhos donos da terra; que reproduz transferências de renda e riqueza nacionais, para os mesmos grupos enriquecidos, significando, através de investimentos públicos, uma concentração da propriedade e da riqueza” (...) (Damiani, 1997).

Considerando o contexto apresentado neste capítulo abordaremos as condições de vida e trabalho do trabalhador da construção civil de Bertioga.

O cidadão trabalhador da construção civil de Bertioga

*"(...) Não foi a vida que eu queria.
Por isso que eu acho que não é bom.
Eu pretendia mudar de trabalho,
para um trabalho melhor mesmo.
É o que todo mundo quer.
Quem trabalha aqui só quer isso,
um trabalho melhor,
que não seja esforçado.
Tem dia que o trabalho não é mole.
É um trabalho duro, carrasco,
mas a pessoa tem que trabalhar
para sobreviver (...)"*

***Trabalhador da construção civil
de Bertioga***

Com a concepção da promoção da saúde, em cuja perspectiva este estudo foi desenvolvido e as características determinantes, do nosso ponto de vista, do território onde trabalham e vivem uma parte dos trabalhadores da construção civil que participaram deste trabalho, neste capítulo vamos apresentar o perfil deste trabalhador.

Conhecer os sujeitos sociais, sua interação com os diferentes grupos que pertencem, nos seus diferentes "papeis" que desempenham no processo histórico, seja este local, regional, ou em outros âmbitos e suas condições concretas de vida é condição fundamental para a Promoção da Saúde que se propõe a produzir saúde, a partir de determinantes sócio-econômicos, políticos, educacionais, culturais e ambientais, entre outros.

O cidadão trabalhador da construção civil de Bertioga, conforme já descrito e justificado, será representado pelos que trabalham nas obras dos bairros de Maitinga e no bairro de São Lourenço, especificamente no módulo 2 do Loteamento da Riviera de São Lourenço.

Caracterização das áreas de estudo

Este estudo realizado no município de Bertioga, especificamente em duas áreas de alta concentração de residências secundárias, identificou em sua primeira fase, 930 trabalhadores da construção civil. No bairro de Maitinga foram identificados 106 trabalhadores (perfazendo 12%) - e no bairro de São Lourenço, apenas no módulo 2 do loteamento Riviera de São Lourenço, foram identificados 824 trabalhadores (perfazendo 88%).

O bairro Maitinga, foi uma das áreas selecionadas pois começou a receber efetivamente investimentos em construção de residências secundárias somente a partir do ano de 2001, sendo portanto, recentemente definido pelos empreendedores como mais um espaço para receber os turistas em Bertioga.

A Riviera de São Lourenço, outra área selecionada para este estudo, teve seu projeto de loteamento de alto padrão de residências secundárias, elaborado na década de 60, do século XX. Porém somente na década de 80 é que começou a ser implantado. Inicialmente, os investimentos se concentraram na construção de casas e, na última década a construção de prédios foi priorizada. Riviera de São Lourenço tornou-se uma referência internacional em loteamento de residências secundárias.

Este loteamento é dividido em módulos e o ambiente construído se caracteriza por casas (térreas e sobrados) e prédios de até 8 andares. Possui também um centro comercial e equipamentos sociais das áreas da saúde, educação, cultura e promoção social.

Dentro do Loteamento Riviera de São Lourenço, foi selecionado para o nosso estudo o módulo 2, como foi mencionado anteriormente, era o módulo que concentrava o maior número de obras de construção civil.

Nas obras, encontradas nestes bairros Maitinga e no módulo 2 do loteamento Riviera de São Lourenço identificamos como responsáveis pelos investimentos destes empreendimentos: 13 construtoras, 06 pessoas físicas e 3 imobiliárias. No módulo 2 da Riviera de São Lourenço verificamos a atuação de grandes construtoras, enquanto que

no bairro Maitinga os investimentos em construção são de pessoas físicas e imobiliárias. São empreendimentos diferenciados, daí a diferença do número de trabalhadores como veremos a seguir.

Loteamento Riviera de São Lourenço - No módulo 2 do loteamento da Riviera de São Lourenço, localizamos inicialmente um total de 18 prédios em construção destinados a residências secundárias, com a atuação de 11 construtoras, sendo que 5 dessas construtoras atuam em mais de um empreendimento, no mesmo módulo.

As 18 obras encontravam-se em diferentes etapas de construção: 04 obras na etapa de locação, com um total de 50 trabalhadores; 03 obras na etapa da estrutura, com um total de 165 trabalhadores; 03 obras na etapa da alvenaria e vedações, com um total de 128 trabalhadores e 08 obras na etapa de acabamentos, com um total de 481 trabalhadores.

No processo de construção de uma obra, para cada etapa é necessário um número determinado de trabalhadores, com determinadas especializações. Assim podemos observar nas 18 obras, que a etapa de locação ocupa um menor número de trabalhadores, (média simples de 12 trabalhadores por obra) enquanto que a etapa de acabamento ocupa um maior número de trabalhadores, (média simples de 60 trabalhadores por obra).

Nas 18 obras de construção civil do módulo 2 do Loteamento da Riviera de São Lourenço trabalham um total 824 trabalhadores, segundo os dados obtidos pelas entrevistas com os responsáveis pelos trabalhadores nas obras, denominados de mestre de obras ou encarregado. O tipo de contrato de trabalho, segundo a informação dada, é a empreitada em todas as obras identificadas.

Bairro de Maitinga - No bairro de Maitinga foram localizadas 11 obras de construção civil destinadas a residências secundárias. Todas as obras são de construção verticalizada ou sobrados com mais de 2 pavimentos, sendo 09 conjuntos de casas geminadas com 2 pavimentos, um conjunto de casas geminadas de 3 pavimentos e 1 prédio de 07 andares.

Estas obras estavam em diferentes etapas de construção: 02 obras na etapa da estrutura, com um total de 18 trabalhadores; 04 obras na etapa da alvenaria e vedações, com um total de 41 trabalhadores e 05 obras na etapa de acabamentos, com um total de 47 trabalhadores.

Em Maitinga também observamos no processo de construção de uma obra, as especificidades de cada estágio de construção. Assim podemos observar nas 11 obras, que a etapa de estrutura ocupa um menor número de trabalhadores, (média simples de 09 trabalhadores por obra), enquanto que a etapa de acabamento ocupa um maior número de trabalhadores, (média simples de 9,4 trabalhadores por obra).

Nas 11 obras de construção civil do bairro de Maitinga encontramos um total 106 trabalhadores, segundo os dados obtidos nas entrevistas com os responsáveis.

Nas duas áreas selecionadas, o bairro de Maitinga e o módulo 2 do Loteamento Riviera de São Lourenço, foram localizadas 29 obras em execução sendo: 19 prédios, 01 conjunto de casas geminadas de 03 pavimentos e 09 conjuntos de casas geminadas de 02 pavimentos.

As obras pesquisadas encontravam-se nos seguintes estágios de construção: 13 obras na etapa de acabamentos; 07 obras na etapa de alvenaria; 05 obras na etapa de estrutura e 04 obras na etapa de locação.

O perfil do cidadão trabalhador da construção civil de Bertoga

1 – O cidadão trabalhador

Neste momento vamos fazer uma aproximação do cidadão trabalhador, utilizando os dados obtidos através de entrevistas com trabalhadores que compuseram a amostra ampliada de 214 trabalhadores (amostra 1) dialogando com os dados obtidos na entrevista mais aprofundada com 50 trabalhadores (amostra 2). A análise dos dados de procedência será feita incluindo os obtidos nas entrevistas com os responsáveis da obra ou pelos trabalhadores, ampliando o diálogo.

Sexo - No conjunto dos trabalhadores entrevistados, em todas as etapas deste estudo, foram encontrados apenas representantes do sexo masculino. No setor da

setores da atividade econômica, segundo o "Diagnóstico da mão de obra da construção civil no Brasil", elaborado pelo SESI, com dados da RAIS/88. (SESI,1988)

Este diagnóstico considera que a "diminuta concentração de contingente feminino no setor decorre das próprias características do processo produtivo, onde se utiliza, em larga escala, a força física." Mais ainda, assegura que "essa composição da mão de obra está respaldada na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, que veda ao empregador a contratação de mulheres em serviços em que demandem o emprego de força muscular superior a vinte quilos, para trabalho contínuo e vinte e cinco quilos, para trabalho ocasional." (SESI,1988)

Se por um lado, o mercado de trabalho formal é restrito à participação das mulheres, não podemos deixar de considerar o "papel" fundamental das mesmas no processo de produção de habitações, no âmbito dos mutirões dos movimentos sociais de moradia. As mulheres conquistaram recentemente o direito a titularidade da propriedade da casa nos programas habitacionais dos governos do município de São Paulo e do estado de São Paulo.

Idade - Em relação à idade dos trabalhadores entrevistados, os dados obtidos na amostra 1 e amostra 2 confirmam que a população trabalhadora da construção é uma população jovem.(**tabela 1**)

Tabela 1 - Faixa etária dos trabalhadores da construção civil.

	Amostra 1		Amostra 2	
	nº trabalhadores	percentual (%)	nº trabalhadores	percentual (%)
de 15 a 20 anos	04	1,8	-	-
de 21 a 25 anos	42	19,6	12	24,0
de 26 a 30anos	41	19,1	13	26,0
de 31 a 35 anos	38	17,7	10	20,0
de 36 a 40 anos	32	14,9	5	10,0
de 41 a 45 anos	20	9,3	3	6,0
de 46 a 50 anos	21	9,8	7	14,0
de 51 a 55 anos	05	2,3	-	-
de 56 a 60 anos	07	3,3	-	-
de 61 a 65 anos	03	1,4	-	-
de 66 a 70 anos	01	0,4	-	-
Total	214	100,0	50	100,0

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Nas duas amostras deste estudo, observamos que na faixa etária de 15 a 20 anos, considerado pela literatura o período de ingresso no mercado de trabalho, encontramos apenas 4 trabalhadores, o que nos permite inferir que setor da construção civil não é um setor que atrai os jovens, menores de 18 anos com intensidade.

A maior concentração dos trabalhadores encontra-se na faixa etária de 21 a 35 anos, tanto na amostra 1 como na amostra 2, perfazendo um total de 57% e de 70%, respectivamente dos entrevistados.

A utilização em larga escala da força física, na construção civil, por características de seu processo produtivo da construção, colocado anteriormente como sendo um fator restritivo a participação das mulheres no setor, pode ser um fator esclarecedor para entendermos a grande concentração dos trabalhadores entrevistados: homens na faixa etária de 21 a 35 anos. Neste sentido afirma Maricato, que "o intenso desgaste físico provocado pelas condições de trabalho da construção civil, faz com que a população seja sempre jovem" (Maricato,1984). Entretanto trata-se de adultos e não adolescentes.

O estudo realizado pelo SESI, confirma a colocação de Maricato "(...) o uso intensivo da mão de obra na Construção Civil ocasiona um elevado desgaste físico que compromete sobremaneira a saúde dos trabalhadores." (SESI,1988)

Talvez seja este também um dos motivos de encontrarmos no setor da construção civil de Bertioga, em número pouco significativo pessoas maiores de 65 anos, que já vão perdendo a força e energia necessárias para esta atividade.

Cor da pele - A cor da pele dos trabalhadores só pode ser identificada na amostra 2. Os trabalhadores declararam sua cor de pele, incluindo a categoria moreno*, que não constava no instrumental de pesquisa que considerou as seguintes alternativas: branca, negra, parda e amarela. A cor da pele predominante é a cor parda, de 26 trabalhadores (52%), seguida pela cor negra de pele de 11 trabalhadores

* O IBGE, para Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1992 - 1999 [não consta informações sobre o censo de 2000] considera "cor ou raça declarada pela pessoa segundo as seguintes opções: branca, preta, amarela (pessoa de origem japonesa, chinesa, coreana, etc.), parda (mulata, caboda, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça) ou indígena (pessoa indígena ou índia)" IBGE, **Estatísticas do século XX** [conceitos e definições], Rio de Janeiro, 2004.

(22%), da cor branca de pele de 7 trabalhadores (14%), da cor de pele moreno de 4 trabalhadores (8%) e finalmente dois (4%) trabalhadores com a cor da pele amarela. A cor da pele é historicamente importante entre os fatores de exclusão social na sociedade brasileira. Este dado foi obtido, para nos aproximar da confirmação da hipótese de que o trabalhador da construção civil pertence a um segmento da população geralmente excluído.

Documentos pessoais - Na caminhada para a conquista da cidadania, a documentação pessoal é um dos importantes quesitos. Todos os trabalhadores entrevistados na amostra 2 possuíam carteira de identidade e carteira de trabalho, documentação considerada básica para todo cidadão trabalhador brasileiro. Quanto ao PIS, 47 trabalhadores (ou seja 94%) possuíam a documentação. Somente 15 trabalhadores (30%) possuíam carteira de habilitação para motorista e apenas 06 trabalhadores (12%) possuíam o Cartão SUS (Sistema Único de Saúde).

Considerando que o setor da construção no Brasil, é um dos mais problemáticos com relação ao grande número de ocorrência de Acidentes de Trabalho e também de doenças ocupacionais e do trabalho, estar matriculado no Instituto Nacional de Previdência Social é de fundamental importância para os trabalhadores. Dos 50 trabalhadores entrevistados, na amostra 2, cerca de 37 trabalhadores (74%) tinham desconto como empregado assalariado da previdência social e 01 trabalhador pagava a previdência na categoria de autônomo. Temos assim 24% dos trabalhadores sem previdência social, o que é um percentual alto.

Quanto à assistência médica dos trabalhadores entrevistados na amostra 2, cerca de 54% não tem plano de Saúde e 34% recorrem ao pronto de socorro nos casos de doença.

Participação social - Vários fatores tomaram a categoria dos trabalhadores da construção civil, segundo Maricato, "uma das categorias mais desunidas, mais despolitizadas, com baixíssimo nível de sindicalização, preparadas para cumprir o papel que o setor espera dela, uma força de trabalho com baixa produtividade, mas totalmente disponível a praticamente qualquer remuneração e quaisquer condições de trabalho" (Maricato,1984).

Entre estes fatores, Maricato cita que além da “natureza do processo de trabalho, dividido em etapas concorre para a alienação do trabalhador em relação ao processo e ao produto do trabalho” (Ferro,1979 apud Maricato,1984), a alta rotatividade de trabalhadores, a existência de subemprego e também de empregados temporários. Segundo esta autora, a instabilidade no trabalho impede a tomada de consciência e a construção de relações políticas no sentido de organização da categoria. (Maricato,1984).

Os dados obtidos nessa pesquisa mostram que é muito pequena a participação do trabalhador da construção civil de Bertioga no sindicato da categoria profissional.

Nas entrevistas realizadas na amostra 2, com os trabalhadores da construção civil obtivemos os seguintes dados: a participação maior se refere ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Santos, com um total de 09 trabalhadores, como podemos verificar na **tabela 2**. Este sindicato, cuja área de abrangência inclui também a cidade de Bertioga não possui dados sobre os trabalhadores da construção civil de Bertioga.

Tabela 2 – Participação dos trabalhadores da construção civil. (amostra 2)			
Você participa de:		nº trabalhadores	percentual (%)
Associação	Não	44	88
	Sim	06	12
total		50	100
Sindicato	Não	38	76
	Sim	12	24
total		50	100
Outro grupo	Não	42	84
	Sim	08	16
total		50	100

Fonte: Pesquisa “Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil”. Bertioga. 2003

Os trabalhadores participam do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Santos (9), do Sindicato dos Comerciantes (1), do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Icó - Ceará (1) e do Sindicato dos Eletricistas (1). É importante notar que 04 trabalhadores participam da Associação de Moradores de Bairro e também do Sindicato da Construção Civil de Santos.

Os trabalhadores também participam dos grupos e iniciativas da sociedade civil, em pequena percentagem: Associação de Moradores de bairro (5) grupo religioso (5), grupo de escolarização (2) e grupo teatro e capoeira (1).

Os trabalhadores entrevistados gostariam de atuar nas seguintes instâncias participativas: sindicato dos trabalhadores da construção civil (10), associação comunitária (7), conselhos municipais (2) e de outros grupos: esporte (1); religioso (3); jovens (1); musica (2); dança (1).

Nota-se que 10 trabalhadores, ou seja 20%, gostariam de participar do sindicato da respectiva categoria profissional, mas provavelmente sua história e condições de vida limitam esta participação, como veremos ao longo desta apresentação. Por outro lado, é necessário compreendermos também como se dá a atuação do mencionado sindicato e mais ainda, em que medida esta facilita ou não a participação dos trabalhadores.

2 - O trabalhador cidadão – Procedência, Migração e a relação com o local de nascimento

Historicamente é no setor da construção civil que um grande contingente de trabalhadores brasileiros conseguem sua inserção no mercado de trabalho urbano.

Com o intuito de compreender a condição de migrante dos trabalhadores da construção civil de residências secundárias, focalizaremos a trajetória migratória tendo como referência a cidade de nascimento, da última residência e da residência atual.

Para esta análise serão utilizados os dados obtidos junto aos responsáveis pelas obras, pelos trabalhadores e também nas amostras 1 e 2.

Cidade de nascimento - A procedência informada* dos trabalhadores da construção de residências secundárias, no bairro de Maitinga e do Módulo 2 do Loteamento da Riviera de São Lourenço, de um total de 930 trabalhadores, demonstra a condição de migrante de mais de 50% dos trabalhadores. Como não temos dados

* Procedência informada: estamos denominando a informação sobre a origem do trabalhador obtida através dos responsáveis pelas obras e pelos trabalhadores.

sobre local de nascimento destes trabalhadores, não podemos fazer inferências sobre o total dos entrevistados, mas os dados da **tabela 3** indicam a possibilidade de quase todos serem originários de outros estados que não o Estado de São Paulo e outras cidades que não Bertioga.

Tabela 3- Procedência informada dos trabalhadores Mattinga e Riviera de São Lourenço, Bertioga. (universo)

	nº trabalhadores	percentual (%)
Nordeste	406	43,7
Nordeste e Minas Gerais	15	1,6
Minas Gerais	12	1,4
Espirito Santo	08	0,8
São Paulo	224	24,0
Bertioga	139	14,9
Guarujá	126	13,6
Total	930	100%

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

As entrevistas realizadas na amostra 1, reforçam essa hipótese de que a construção civil concentra mão de obra migrante, pois constatamos que nenhum dos 214 trabalhadores entrevistados nasceu em Bertioga. A grande maioria, 164 trabalhadores, ou seja 76,63% são nordestinos. Entre esses nordestinos, temos 47,56% dos trabalhadores são dos Estados da Bahia e do Piauí. (**tabela 3**)

Como podemos observar, o trabalhador migrante nordestino continua contribuindo, como vem acontecendo historicamente, com o seu trabalho para a transformação do ambiente construído nas cidades paulistas. Como também, o setor da construção civil do município de Bertioga continua representando ainda oportunidade de trabalho para os trabalhadores migrantes.

Da região sudeste encontramos um total de 40 trabalhadores (18,69%), sendo que dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo, são cerca de 31 trabalhadores, ou seja 81% dos trabalhadores desta região. Das regiões norte, sul e centro oeste temos apenas 10 trabalhadores, perfazendo apenas 4,67% da população entrevistada. (**tabela 4**)

Tabela 4. Residência atual e Região e Estado de nascimento dos trabalhadores (amostra 1)

Residência atual	Região	Estado de nascimento	nº trabalhadores	percentual (%)
Bertioga	Nordeste - 43	AL - 01	63	29,0
		BA - 11		
		MA - 07		
Residência	Norte - 01	PB - 04		
		PE - 06		
		PI - 10		
	Sudeste - 19	SE - 04		
		PA - 01		
		ES - 08		
Bertioga	Nordeste - 48	MG - 05	54	25,0
		SP - 06		
		BA - 08		
Alojamento	Centro oeste - 01	CE - 09		
		MA - 07		
		PB - 10		
	Sudeste - 04	PE - 03		
		PI - 08		
		RN - 02		
	Sul - 01	SE - 01		
		MT - 01		
		MG - 04		
Sub total			117	55,0
Guarujá	Nordeste - 38	BA - 10	47	21,0
		CE - 01		
		PB - 05		
	Sudeste - 09	PE - 03		
		PI - 13		
		RN - 02		
São Paulo	Nordeste - 26	SE - 04	30	15,0
		AL - 02		
		BA - 09		
	Norte - 02	CE - 03		
		MA - 01		
		PB - 04		
	Sudeste - 02	PE - 03		
		PI - 04		
		AC - 01		
Cidades do Interior Paulista	Nordeste - 05	PA - 01	14	7,0
		MG - 01		
		RJ - 01		
	Sudeste - 04	SP - 07		
		MG - 01		
		SP - 03		
	Sul - 05	PR - 05		
Cidades do Litoral Paulista	Nordeste - 04	BA - 02	06	3,0
		RN - 01		
		PI - 01		
	Sudeste - 02	MG - 01		
		SP - 01		
Total	214	214	214	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Tabela 5 – Cidade de nascimento dos trabalhadores.
Maitinga e módulo 2. Riviera S. Lourenço - Bertoga (amostra 2)

Região	Estado/cidade nascimento	nº trabalhadores	Percentual (%)
Nordeste	Alagoas (01)	41	82,0
	Mata Grande (1)		
	Bahia (10)		
	Banzaê (1)		
	Barrocas (1)		
	Catôlandia (1)		
	Cícero Dantas (2)		
	Coronel João Sá (1)		
	Itabuna (1)		
	Macaúbas (1)		
	Mortugaba (1)		
	Valente (1)		
	Ceará (02)		
	Carius (1)		
	Novo Oriente (1)		
	Maranhão (06)		
	Arari (1)		
	Codó (1)		
	Humberto de Campos (1)		
	Morros (3)		
	Paraíba (04)		
	Alagoa Grande (1)		
	Cacimba de Dentro (1)		
	Caraúbas (1)		
	Vieirópolis (1)		
	Pernambuco (06)		
	Carnaíba (1)		
Panela (1)			
Pombos (1)			
Santa Teresinha (1)			
São José do Egito (1)			
Timbaúba (1)			
Piauí (11)			
Acauã (2)			
Alto Longá (1)			
Castelo do Piauí (2)			
Floriano (1)			
Monsenhor Hipólito (1)			
São Miguel do Tapuio (1)			
Valença do Piauí (1)			
Várzea Grande (1)			
Vera Mendes (1)			
Sergipe (01)			
Laranjeiras (1)			
Sudeste	São Paulo (01)	07	14,0
	Guarujá (1)		
	Minas Gerais (03)		
	Águas Formosas (1)		
	Leopoldina (1)		
São João do Paraíso (1)			
Espirito Santo (03)			
Linhares (3)			
Sul	Paraná (02)	02	4,0
	Cobélia (1)		
	Engenheiro Beltrão (1)		
Total	50	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertoga. 2003

Na **tabela 5** podemos observar que 41 trabalhadores, ou seja, 82% dos trabalhadores da construção civil de Bertioga nasceram na região Nordeste. Sendo que, do Estado da Bahia e do Estado do Piauí temos 21 trabalhadores, representando 51,2% dos trabalhadores entrevistados nordestinos e 42% dos trabalhadores participantes deste estudo. Na amostra 1, como vimos anteriormente, também observamos a predominância de trabalhadores dos Estados da Bahia e do Piauí.

Podemos também verificar ainda na **tabela 5**, que todos os trabalhadores entrevistados, não procedem das capitais desses Estados e sim, nasceram em cidades do interior dos vários estados brasileiros.

Se considerarmos os dados sobre a escolaridade e a procedência dos trabalhadores, podemos concordar com a afirmação de Maricato de que a construção civil, "é a grande empregadora da mão de obra migrante e desqualificada, além de ser a porta de entrada para o trabalho urbano" (Maricato,1997).

Última residência - A observação da **tabela 6** demonstra que ainda grande contingente de trabalhadores vem diretamente do nordeste para Bertioga. Verificamos que 23 trabalhadores, ou seja 46% do total de trabalhadores tiveram sua última residência na região nordeste; 26 trabalhadores (52%) na região sudeste, e na região centro oeste 01 trabalhador, ou seja 2% do total de trabalhadores.

No **mapa 2** abaixo, estão localizadas as cidades da última residência do trabalhador da construção civil de Bertioga.

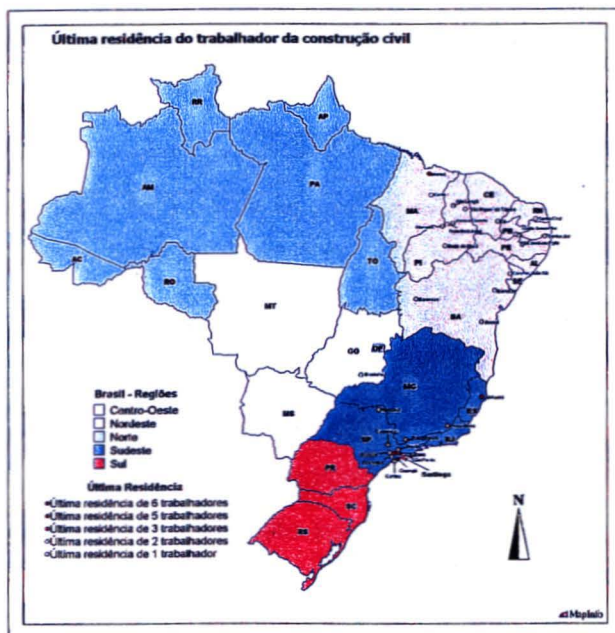


Tabela 6 – Cidade da última residência dos trabalhadores da construção civil (amostra 2)

Regiões	Estado de nascimento	cidade	nº trabalhadores	Percentual (%)
NORDESTE	Maranhão - 06	Morros (5)	23	46,0
		Codó (1)		
	Piauí - 07	Francisco Aires (2)		
		Várzea Grande (1)		
		São Miguel do Tapuio (1)		
		Alto Longá (1)		
		Floriano (1)		
		Brejo do Piauí (1)		
	Paraíba - 01	Virauna (1)		
Ceará - 01	Icó (1)			
Pernambuco - 03	Timbauba (1)			
	São José do Egito (1)			
	Santa Terezinha (1)			
Rio Grande do Norte - 01	Santa Cruz (1)			
Bahia - 04	Jequié (1)			
	Coronel João Sá (1)			
	Barrocas (1)			
	Barreiras (1)			
SUDESTE	Espirito Santo - 03	Linhares (3)	26	52,0
		Minas Gerais - 02		
	Leopoldina (1)			
	São Paulo - 21	Guarujá (6)		
		São Paulo (5)		
		Suzano (3)		
Santos (1)				
Santo Eduardo (1)				
Osasco (1)				
Ituverava (1)				
Diadema (1)				
Campinas (1)				
Arujá (1)				
Centro oeste	Goiás	Morrinho (1)	1	2,0
Total	50		50	100,0

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Desta mesma **tabela 6**, se compararmos com os dados referentes às regiões de nascimento dos trabalhadores entrevistados, podemos notar que 82% nasceram na região nordeste e que somente 46% dos trabalhadores têm esta região como referência da sua última residência.

Por outro lado, apenas 07 trabalhadores (14%) nasceram na região sudeste, mas 23 trabalhadores (46%) têm na região sudeste a referência da última residência.

Esses dados indicam que 16 dos trabalhadores (32%) nasceram na região nordeste e sul, mas se deslocaram para residir na região sudeste.

Residência atual - Quanto à residência atual, 41 dos trabalhadores (68%) residem em Bertioga, sendo 14 (28%) em suas residências e 27 (54%) residindo nos alojamentos das obras. Em São Paulo, moram 03 trabalhadores. No município de Guarujá moram 05 trabalhadores e 01 trabalhador mora em Santo André, como podemos verificar na **tabela 7**.

Tabela 7 – Residência atual e Estado de nascimento dos trabalhadores (amostra 2)				
Residência atual	Região	Estado de nascimento	nº trabalhadores	Percentual (%)
Bertioga Residência	Nordeste (8)	AL(1) BA(2) MA(1) PB(3) PE (1)	14	28
	Sudeste (5)	SP (1) ES (3) MG(1)		
	Sul (1)	PR(1)		
Bertioga Alojamento	Nordeste (25)	BA (5) CE (2) MA (5) PB (1) PE (9) PI(9)	27	54
	Sudeste (1)	MG (1)		
	Sul (1)	PR(1)		
Guarujá	Nordeste (5)	BA (02) PI (02) SE (01)	05	10
São Paulo	Nordeste (3)	BA (01) PI (01) PE (01)	03	6
Santo André	Sudeste (1)	MG (1)	01	2
Total	50		50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Mesmo não considerando os trabalhadores que vivem em alojamentos, que ainda não se assentaram definitivamente e observando atentamente os que residem em Bertioga, Guarujá e São Paulo, contrapondo a origem, podemos dizer que os trabalhadores da construção civil continuam em busca de trabalho, alimentando o fluxo migratório destas cidades, de forma significativa.

Dos entrevistados, 41 trabalhadores (82%) tem na cidade de Bertioga sua residência atual. Considerando a cidade de nascimento, a cidade da última residência e a cidade de Bertioga a sua residência atual, podemos verificar que estes trabalhadores realizaram os seguintes trajetos entre as cidades referenciais da situação de migração: 14 trabalhadores (38%) tiveram como ultima residência a cidade de nascimento (região nordeste) e como residência atual a cidade de Bertioga; 07 trabalhadores (17%) tiveram a última residência em cidade diferente da cidade de nascimento, mas no mesmo estado de nascimento (região nordeste) e em Bertioga, sua residência atual e 18 trabalhadores (45%) tiveram a ultima residência em cidade e estado diferente da cidade de nascimento e a residência atual Bertioga.

Podemos notar que 44% dos trabalhadores têm na região nordeste a cidade do nascimento e última residência e em Bertioga a residência atual, o que significa um total de 22 trabalhadores. Assim comprovadamente o setor da construção civil do município de Bertioga continua representando ainda oportunidade de emprego para trabalhadores nordestinos.

Ano da saída da cidade de nascimento - A **tabela 8** demonstra a continuidade do processo migratório dos trabalhadores para a região sudeste. O período de saída da cidade de nascimento para a maioria dos entrevistados, cerca de 33 (66%) é o período compreendido entre os anos 1981 e 2000. Desses trabalhadores, cerca de 21, ou seja, 42% saíram da cidade de nascimento, na década de 1990.

ano de saída	nº trabalhadores	percentual (%)
de 1963 a 1970	4	8
de 1971 a 1980	7	14
de 1981 a 1990	12	24
de 1991 a 2000	21	42
de 2001 a 2003	4	8
em branco	2	4
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

O processo migratório do trabalhador nordestino para o sudeste iniciou-se aproximadamente nos anos 30, para substituir o imigrante europeu na agricultura cafeeira. A partir da década de 50, com o desenvolvimento acelerado da industrialização e urbanização de São Paulo e a subsequente demanda por edificações

residenciais, industriais e comerciais provocada por esta nova atividade econômica é o trabalhador nordestino que vai suprir a necessidade de braços para o trabalho.

O processo migratório do trabalhador nordestino para o sudeste continua, como verificamos na tabela 8, e no caso deste estudo, com os trabalhadores agora inseridos na produção de residências secundárias para o setor do turismo, uma atividade nova na realidade econômica brasileira.

Motivo da saída - Considerando que é um grupo de trabalhadores migrantes, com 32,5 anos de média simples de idade, um grupo relativamente jovem, é importante conhecer os motivos que levaram estes trabalhadores a tomarem a decisão de deixar a cidade onde nasceram.

Para esta questão foi solicitado que o trabalhador citasse três motivos pelos quais ele tomou a decisão. Para se garantir o grau de importância na ordem das citações dos motivos apresentados pelos trabalhadores, os dados foram trabalhados com médias ponderadas. **(Quadro 1)**

Quadro 1- Motivo pelo qual saiu da cidade de nascimento (amostra 2)	
Motivo da saída	Total Ponderado
Falta de emprego	176
Conhecer outras cidades	56
Salário baixo	54
Perspectiva de melhoria de vida	31
Família	08

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

A falta de emprego foi o primeiro motivo colocado pela maioria dos trabalhadores, para a saída da cidade de nascimento. Podemos observar no quadro 1, que dentre os motivos citados, depois da falta de emprego, os trabalhadores colocaram a questão de conhecer outras cidades e também o baixo salário. Por fim, mas também relacionado aos motivos anteriores, eles apresentaram a perspectiva de melhoria de vida e também a família como motivo da saída da cidade de nascimento.

Quando perguntados se alguém ou alguma coisa ajudou a sair da sua cidade que nasceu, 26 trabalhadores, ou seja 52%, relataram que receberam convite de um

parente, 18, ou seja 32%, saíram por conta própria e apenas 6, ou seja 12%, de outra maneira.

Como a maioria dos trabalhadores era procedente de outros estados brasileiros foram feitas algumas questões relativas à condição social de migrante.

Saudade da cidade de nascimento: Quando perguntados "se sentiam saudade da cidade onde nasceram", 84% dos trabalhadores responderam afirmativamente, 10% dos trabalhadores responderam que não sentem e 6% dos trabalhadores não responderam a questão.

Os trabalhadores da construção civil sentem saudade da família, dos lugares da cidade, dos amigos, das festas e das comidas e frutas da cidade onde nasceram, conforme podemos constatar no **quadro 2**.

Quadro 2 - Do que sente saudade da cidade de nascimento (amostra 2)	
	Total ponderado
Família	142
Lugares da cidade	81
Amigos	69
Festa	12
Comidas/frutas	10

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Para matarem a saudade dos lugares onde nasceram, os trabalhadores migrantes da construção civil de residências secundárias do bairro de Maitinga e do módulo 2 do Loteamento Riviera de São Lourenço do Município de Bertioga, utilizam estratégias comumente utilizadas por todos os migrantes, fazem uso do telefone, passeiam, visitam, conversam e recebem parentes e amigos. Mais ainda, ficam esperando o dia de retornar para a cidade de nascimento e enquanto este dia não chega, ouvem e dançam as músicas da região e promovem reuniões para preparar comidas típicas e também saborear as frutas típicas, nas parcelas do total ponderado, apresentadas no **quadro 3**:

Quadro 3 - O que faz para matar a saudade (amostra2)	
	Total ponderado
Telefona	65
Passeia	25
Visita/conversa/recebe parentes e amigos	19
Espera chegar o dia de voltar	19
Ouve/dança músicas de lá	14
Prepara e/ou come pratos típicos e frutas de lá	11
Escreve cartas	08

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

À pergunta sobre "o que mais gosta do lugar onde nasceu", (**quadro 4**) os trabalhadores entrevistados citaram prioritariamente os lugares geográficos, como rios, açudes, entre outros. A família e os amigos, bem como as festas típicas, o futebol e as diversões foram lembrados.

Quadro 4. O que você mais gosta da cidade onde nasceu (amostra 2)	
	Total Ponderado
Lugares da cidade	39
Amigos	32
Família	23
Festas	23
Futebol	21
Tranquilidade	19
Diversões	18
Comida / frutas	18
Trabalho na roça	11
Escola	11

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Para a pergunta "o que não gosta do lugar que nasceu" (**quadro 5**) os trabalhadores entrevistados responderam a falta de emprego como fator prioritário. Colocaram também, a atuação de "maus políticos", a violência, o trabalho pesado, o salário baixo, a seca e o trabalho na roça, nesta ordem de importância, como está demonstrada na tabela abaixo. Podemos observar que dos 07 fatores mais citados, 05 estão relacionados diretamente com a questão do trabalho. (**quadro 5**)

Quadro 5 - O que você não gosta da cidade onde nasceu (amostra 2)	
	Total ponderado
Falta de emprego	45
Atuação dos políticos	23
Violência	20
Trabalho pesado	17
Salário baixo	12
Seca	08
Trabalho na roça	07

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

A falta de trabalho foi mencionada pelos trabalhadores tanto como o principal motivo para a saída e como também o que eles não gostam do lugar onde nasceram. Podemos afirmar que a principal causa destes trabalhadores terem se tornado migrantes está diretamente relacionada a questão do trabalho.

3 - O trabalhador cidadão - Escolaridade e formação profissional

Um fator determinante no processo de exclusão social é a escolaridade. Por não ter tido historicamente acesso à escola, o trabalhador da construção civil aparece na literatura sempre como mão de obra desqualificada (Maricato,1987; Sesi,1998). Quando observamos a **tabela 9**, verificamos que, infelizmente esta realidade continua. Dos trabalhadores entrevistados, 28% não freqüentaram a escola ou freqüentaram apenas o primeiro ano do ensino fundamental – sendo os denominados "analfabetos funcionais" e 58% possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Assim, 86% dos trabalhadores da construção civil não possuem o ensino fundamental garantido pela Constituição Federal do Brasil.

Tabela 9 – Formação escolar dos trabalhadores (amostra 2)		
formação escolar	n° trabalhadores	percentual %
Não freqüentaram a escola	03	6
Freqüentaram 1º ano Ensino Fundamental	11	22
Ensino Fundamental incompleto	29	58
Ensino Fundamental completo	02	4
Ensino Médio incompleto	02	4
Ensino Médio completo	02	2
Ensino Superior incompleto	01	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Em relação à formação profissional identificamos que dos trabalhadores entrevistados, apenas 05 fizeram cursos pagos profissionalizantes no âmbito da construção civil. Esses cursos foram oferecidos pelo SENAI e foram pagos pela construtora ou pela prefeitura. Há apenas um caso em que o curso foi pago pelo próprio trabalhador.

Quanto aos treinamentos, verificamos que cerca de 13 trabalhadores (26%) fizeram treinamentos sobre segurança no trabalho e técnicas do setor da construção civil. Estes treinamentos ocorreram no período de 1996 a 2000. Segundo os trabalhadores, nem todos os treinamentos foram cobrados e a construtora pagou os treinamentos, quando necessário.

O investimento dos empregadores, na formação profissional destes trabalhadores é muito pequeno. A maioria preocupa-se em diminuir acidentes, que pode interferir na certificação da qualidade da empresa e comprometer o futuro da empresa nos processos licitatórios.

4 - O trabalhador cidadão – Família

A condição de migrante do trabalhador, imposta por necessidade de sobrevivência, como vimos anteriormente, reflete na forma de relação familiar e distanciamento do núcleo familiar. Assim, verificamos que o trabalhador da construção civil de Bertioga tem, na maioria das vezes, sua família, ou mesmo parte dela, em um ou mais estados brasileiros. Esta é uma situação muito comum no Brasil que segundo alguns autores é um país com sua população em movimento.(**tabela 10**)

Vejamos: com a família em Bertioga, 8% dos trabalhadores e com a família em Bertioga e outras regiões brasileiras 24% dos trabalhadores. Com a família em São Paulo, 24% dos trabalhadores e com a família em São Paulo e outras regiões, 32%. Com a família nas regiões brasileiras, sem nenhum familiar em São Paulo ou Bertioga, observamos 12% dos trabalhadores.

Tabela 10 – Local da Residência da Família do Trabalhador – (amostra)

	N.º trabalhadores	Percentual (%)
Bertioga –SP -	04	8
Bertioga –SP -Nordeste	07	14
Bertioga –SP –Sudeste	04	8
Bertioga - SP- Nordeste - Norte	01	2
São Paulo	12	24
São Paulo – Nordeste	15	30
São Paulo – – Sudeste	01	2
Nordeste	04	8
Sudeste	01	2
Centro oeste - Nordeste	01	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Considerando o número de pessoas citadas pelo trabalhador, como pertencentes ao grupo familiar, verificamos que 38% dos entrevistados possuem o grupo familiar composto por 11 pessoas, 16% com 8 pessoas, 14% com 07 pessoas. Os graus de parentesco citados que compõem este núcleo familiar foram pais, irmãos, cônjuge e filhos. (quadro 6)

Quadro 6– Composição familiar do trabalhador (amostra2)				
Estado civil	N.º filhos / n.º trabalhadores		N.º trabalhadores / dependentes	
Casado ou vive junto (27)	Até 02 filhos	15	até 02 dependentes -	06
	Acima de 02 filhos	07	02 – 04 dependentes -	10
	Não tem	08	>04 dependentes -	04
Solteiro (15)			não tem dependente -	00
	Até 02 filhos	02	até 02 dependentes -	03
	Não tem	13	02 – 04 dependentes -	02
			>04 dependentes -	02
Não respondeu (8)			não tem dependente -	01
	Não tem	08	até 02 dependentes -	01
			02 – 04 dependentes -	03
			>04 dependentes -	04
		não tem dependente -	00	

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Como podemos notar no **quadro 6**, dos 56%* entrevistados casados ou que "vivem juntos", cerca de 55%* tem até dois filhos e 59%* tem até quatro dependentes. Constatamos que 30%* dos entrevistados são solteiros e dentre estes apenas dois trabalhadores tem filhos e 33%* tem até quatro dependentes. Dos trabalhadores, os 16%* que não responderam sobre o estado civil, 50%* tem até quatro dependentes.

* Os percentuais foram calculados a partir dos dados do quadro 6.

A família é muito valorizada pelos trabalhadores que mantêm contato através de várias formas. A condição econômica como um dos principais determinantes da atual condição de migrante do trabalhador da construção civil de Bertioga, pode ser confirmada novamente, quando verificamos que 46% dos entrevistados enviam remessas de recursos financeiros, como podemos notar no **quadro 7**.

Quadro 7– Formas de contato com a família da cidade de nascimento (amostra2)		
	N.º trabalhadores/%	Total Ponderado
Por telefone	41 (82%)	123
Envia dinheiro	23 (46%)	46
Cartas	5 (10%)	5

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

A família para o trabalhador migrante se insere no contexto mais amplo de rede social. Baptista, em sua pesquisa sobre os nordestinos e suas redes sociais, verificou a utilização e importância da rede social como instrumento de solidariedade e auxílio mútuo na chegada e sobrevivência dos migrantes em São Paulo. Segundo a autora o trabalhador migrante "encontra apoio então nas redes sociais. A primeira delas é a própria família. Estendem-se do núcleo familiar para relações mais ampliadas, incluindo as relações de parentesco, vizinhança, de conterraneidade, de amizade, de sociabilidade, de apadrinhamento, de auxílio mútuo, de trabalho, no espaço do seu mundo familiar, da vizinhança, e ou no 'pedaço'. São movidas pela reciprocidade, cooperação, solidariedade e união, para enfrentarem os desafios em comum. Constituem-se em aglomerados familiares, em pilares sobre os quais os grupos migrantes constroem e reconstróem a sua identidade, em resposta às condições normais de existência, à estigmatização sociocultural enfrentada, e aos desafios decorrentes da escassez, do desemprego e da exclusão de que são vítimas". (Baptista,1998)

5 – O cidadão trabalhador – o trabalho

O setor da construção civil é geralmente caracterizado pelo seu processo produtivo simples e pelo uso de pouca tecnologia. Mas, "ainda que a presença de máquinas e equipamentos na construção civil tenha se expandido nas últimas décadas

e seu uso seja diferenciado de acordo com cada subsetor, a força de trabalho se mantém como elemento central do processo produtivo, caracterizado pelo grande parcelamento das operações desenvolvidas”. (SESI,1998). Daí podemos concluir que apesar da baixa escolaridade, a participação do trabalhador no processo produtivo é fundamental.

Passaremos agora a apresentar os dados obtidos na amostra 2, sobre o trabalho dos entrevistados.

A chegada à obra – Este aspecto “chegada à obra” é muito importante, porque o setor da construção civil caracteriza-se pela alta rotatividade e pela busca ativa de trabalhadores em local distante da obra, como uma estratégia de baratear os custos. Nossas questões eram: o trabalhador é arregimentado no nordeste ou trazido de outras obras? É o próprio trabalhador que encontra o emprego ou é procurado pelo empregador? Trataremos essas duas questões a seguir.

Podemos observar que 76% dos trabalhadores chegaram na obra para trabalhar porque foram indicados por algum amigo ou conhecido e 18 % dos entrevistados porque alguém foi buscar e apenas 4% passou pela obra e solicitou trabalho.(**tabela 11**)

Tabela 11 - Como chegou para trabalhar na obra (amostra 2)		
	nº trabalhadores	percentual (%)
alguém indicou (parente ou amigo)	38	76
alguém foi te buscar	9	18
passou pela obra	2	4
outro	1	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa “Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil”. Bertioga. 2003

Nas entrevistas os trabalhadores relataram que as indicações de emprego, na maioria das vezes, foram feitas por parentes ou amigos. Considerando que o principal motivo da saída da cidade de nascimento é a falta de emprego, podemos perceber que os trabalhadores para conseguir trabalho na construção civil se utilizam a rede de amigos e familiares para a inclusão no setor.

Por outro lado, podemos observar que entre os trabalhadores entrevistados, alguns ainda foram trazidos para trabalhar no setor da construção civil. Esta é uma

prática vigente no setor, instituída, através da subcontratação de empreiteiras, algumas, segundo Farah, "firmas de gatos", cuja preocupação exclusiva era arregimentar trabalhadores e oferecê-los às construtoras. (...) Os gatos mandavam buscar trabalhadores em outros Estados, particularmente na zona rural, ou colocavam representantes nas estações rodoviárias de centros como São Paulo e Rio contratando os recém chegados assim que desembarcavam" (Farah,1996).

Os nossos dados demonstram que esta prática ainda existe em Bertioga e já deve ter tido uma predominância no setor, mas neste momento são mais os trabalhadores que procuram emprego. O exército de reserva de mão de obra na cidade e o aumento do desemprego no país talvez sejam os fatores responsáveis por esta mudança.

Tempo de trabalho na construção civil - Com relação ao tempo de trabalho na construção civil, podemos verificar, na **tabela 12**, que cerca de 20% dos trabalhadores se inseriram neste setor econômico nos últimos cinco anos; 52% dos entrevistados já trabalham no setor no período de 5 a 15 anos; 14% no período de 15 e 25 anos e apenas 12% dos trabalhadores estão a mais de 25 anos trabalhando no setor.

Se considerarmos as características do processo produtivo deste setor, já exposto anteriormente como provocador de um grande desgaste físico, podemos entender que o trabalhador fica no setor de 5 a 15 anos, por necessidade de sobrevivência até encontrar outra forma de trabalho.(**tabela 12**)

Tempo de trabalho	N.º trabalhadores	Percentual %
< 5anos	10	20
5 a 10nos	16	32
10 a 15anos	10	20
15 a 20 anos	03	6
20 a 25 anos	04	8
25 a 30 anos	04	8
>30 anos	02	4
Não respondeu	01	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

As funções e atividades desenvolvidas - As funções exercidas pelos trabalhadores que participaram do universo da amostra 2, possibilitaram uma aproximação do processo produtivo da construção civil. Nas duas áreas estudadas

encontramos 29% dos trabalhadores exercendo a função de pedreiro e 20% a função de carpinteiro, perfazendo um total de 49% dos entrevistados, funções especializadas e fundamentais no processo produtivo da construção civil. (**quadro 8**). Encontramos ainda, 4% de trabalhadores na função de armador, 2% na função mestres de obras e 2% na função de encarregado de eletricitista. Nas funções de eletricitista, ajudante de eletricitista, empreiteiro e guincheiro, encontramos 1% dos trabalhadores em cada uma dessas funções.

No **quadro 8** estão inseridos todos os trabalhadores entrevistados na amostra 2 por função declarada. A partir dos discursos individuais elaboramos a descrição das funções do ponto de vista do trabalhador.

Como podemos observar neste quadro, o processo do produtivo da construção civil se caracteriza pelo parcelamento das operações desenvolvidas e uma organização de trabalho centrada em uma estrutura de ofícios, onde o saber dos "oficiais" é apreendido pelos aprendizes, no cotidiano do trabalho.

Quadro 8 - Funções e atividades declaradas (amostra 2)	
Função	Atividades desenvolvidas, segundo os trabalhadores
Pedreiro – 14 (28%)	Coloca azulejo, cerâmica, pastilhas, pisos, Faz alvenaria, massa, reboca parede, faz contrapiso Constrói casas, assenta tijolos e blocos Faz revestimento, quebra concreto e faz acabamento
servente pedreiro – 14 (28%)	Auxilia o pedreiro nas tarefas da obra: prepara e abastece com o material. Faz massa, pintura e faxina, Descarrega caminhão e carrega material (tijolos, massa) Ajuda o pedreiro a colocar a massa
Carpinteiro – 10 (20%)	Monta forma para assoalho Corta madeira faz painéis e monta no lugar O mestre faz o rascunho e a gente monta Faz painel, assoalho, caixa de madeira e telhado Faz formas para colocar concreto, assenta porta e faz forro. Faz estrutura, pilastras e escora de lajes
Armador – 4 (8%)	Trabalha com ferragem: dobra ferro e faz armação Faz liga, vira estribo, faz sapata, Faz coluna, faz laje e enrola arame
mestre obras – 2 (4%)	Responsável pelo andamento da obra; comanda a execução da obra Controla o andamento da obra (material e funcionários)
encarregado eletricitista – 2 (4%)	Responsável pelo material Responsável por toda a parte elétrica da obra através da coordenação
eletricitista – 1 (2%)	Mexe com a fiação, faz ligações, faz tubulação e executa projetos
ajudante eletricitista – 1 (2%)	Corta com lixadeira, põe tomada e puxa os cabos
empreiteiro – 1 (2%)	Responsável pelo serviço levando a turma dos trabalhadores
guincheiro – 1 (2%)	Transporta o material em geral pelo guincho

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Tempo na função atual – No quadro 9, podemos observar que o tempo de trabalho na mesma função está relacionado com a estrutura de ofícios da organização de trabalho, do setor da construção civil. Assim a localização do ofício dentro da organização do trabalho, pode significar mais ou menos especialização, mais ou menos poder de decisão e mais ou menos esforço físico.

Quadro 9- Tempo na função atual (amostra 2)	
Função Atual	Tempo na função atual (media/anos)
Encarregado eletricista (02)	22,0 anos
Carpinteiro (10)	9,1 anos
Mestre obras (02)	9,0 anos
Empreiteiro (01)	9,0 anos
Armador (04)	8,2 anos
Pedreiro (14)	8,1 anos
Eletricista (2)	7,0 anos
servente pedreiro (14)	4,4 anos
ajudante eletricista (01).	0,6 anos
Guincheiro (1)	16,0 anos

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Podemos observar no **quadro 9**, que os trabalhadores que exercem um ofício no processo produtivo da construção civil tem maior tempo de trabalho na mesma função: encarregado de eletricista, carpinteiro, mestre de obras, armador, pedreiro e eletricista. Observamos também que os ajudantes, com exceção do guincheiro, possuem o menor tempo de trabalho na mesma função.

Como a formação dos profissionais no setor da construção civil, na maioria das vezes, acontece no cotidiano do trabalho, em que o ingresso necessariamente se dá na condição de aprendiz, ajudante dos oficiais, passando para oficial e depois a mestre de obras. No entanto, a dificuldade de ascensão profissional no setor pode ser verificada com os entrevistados da amostra 2, quando os dados obtidos demonstram que apenas 9% dos trabalhadores, trabalharam em outra função na empresa atual.

6 - Histórico de trabalhador da construção civil

A historia dos trabalhadores da construção civil está intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento econômico no nosso país, com base no modelo concentrador

de renda e produtor de desigualdades sociais, regionais e locais, como já situamos anteriormente. Mais recentemente, o desenvolvimento do setor de turismo, como um setor economicamente importante, provoca uma transformação dos ambientes construídos nos locais definidos como turísticos, como construção de residências secundárias, de hotéis, entre outros. Como está inserido no mesmo modelo de desenvolvimento, acaba promovendo o desenvolvimento local, mas acentuando as desigualdades.

O fluxo migratório criado nas primeiras décadas do século XX, fez com que os trabalhadores nordestinos passassem a substituir os imigrantes europeus e mais tarde a suprir as necessidades do processo de industrialização paulista, na urbanização das cidades. Esse processo vem sendo reativado novamente pelo setor da construção civil, nas últimas décadas para atender as necessidades do setor de turismo.

Por outro lado, tem ocorrido o 'esvaziamento' do campo, como consequência das modificações com a introdução dos produtos agrícolas no mercado internacional e também com a ampliação do mercado interno, trouxe mudanças profundas nas relações de trabalho no campo, sendo também um dos fatores contribuiu para a elevada migração rural para as áreas mais industrializadas.

É neste contexto que se insere a história do trabalhador da construção civil de Bertioga, expulso do campo e absorvido pelo setor da construção civil, em cidade litorânea para produção de residências secundárias, um ator importante no processo de desenvolvimento local e também o mais atingido pela desigualdade gerada. Nas tabelas seguintes e comentários correlatos, estaremos apresentando justificativas para estas afirmações.

Inserção no mundo do trabalho - A dura realidade do mundo do trabalho se revela desde a infância para estes cidadãos. Dos entrevistados, 60% dos trabalhadores da construção civil de Bertioga iniciaram precocemente sua inserção no mercado de trabalho nas suas cidades de nascimento, como podemos notar na **tabela 13**.

Tabela 13 – Idade que começou a trabalhar (amostra 2)

Faixa etária	N.º trabalhadores	Percentual %
< 10anos	10	20
10 a 16 anos	20	40
16 a 20 anos	15	30
20 a 24anos	05	10
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Muitos, cerca de 60% dos trabalhadores fizeram parte do conjunto de menores que constitui a força de trabalho infanto-juvenil no nosso país. Se retomarmos os dados sobre a escolaridade já expostos anteriormente, onde 86% dos entrevistados têm apenas o ensino fundamental incompleto, percebemos claramente que o mundo do trabalho se sobrepõe e muitas vezes expulsa do mundo da escola estes trabalhadores, nas primeiras décadas de suas vidas.

Por fim, aponta ainda a **tabela 13**, que quase a totalidade dos entrevistados (90%) já estavam inseridos no mundo do trabalho antes dos 20 anos.

A caminhada na condição de trabalhador – Os trabalhadores da construção civil além de serem inseridos muito jovens no mundo do trabalho, o fazem na condição de "mão de obra desqualificada", como são denominados na literatura específica sobre mercado de trabalho, que usa como referência a escolaridade dos trabalhadores.

Na **tabela 14**, com base no histórico ocupacional categorizamos os trabalhadores pela condição de especialização (profissão ou ofício) e a zona (rural ou urbana) onde exerceu ou exerce sua atividade, no início de sua história profissional e no momento atual.

Observando os resultados podemos notar que a maioria dos entrevistados, 66% iniciou sua atividade como trabalhador *não especializado rural*. Por outro lado, 26% se inseriram no mercado como trabalhadores *não especializados urbanos* e 8% como trabalhadores *especializados urbanos*. Verificamos ainda que do total de 33 trabalhadores *rurais não especializados*, 38% trabalhadores transformaram-se gradativamente em trabalhadores *especializados urbanos*, ou seja, pedreiro, carpinteiro, mestre de obras, entre outros. Percentual significativo (28%) entretanto

mantiveram-se como não especializados, ou seja exercendo funções de apoio, secundárias e de baixa remuneração.(tabela 14)

Tabela 14- Histórico profissional dos trabalhadores		(amostra2)
Especialização inicial – Especialização atual	N.º trabalhadores	Percentual %
1. não especializado rural – não especializado urbano	14	28
2.não especializado rural – especializado urbano	19	38
3.não especializado urbano - não especializado urbano	04	8
4.não especializado urbano - especializado urbano	08	16
5 especializado urbano –não especializado urbano	01	2
6.especializado urbano – especializado urbano	03	6
7.não especializado urbano - (primeiro emprego)	01	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003
 * trabalhador especializado - estamos denominando o trabalhador com um ofício ou profissão definida.

No caso dos 24 trabalhadores *não especializados urbanos*, na origem (**categorias 3,4,5 e 6 da tabela 14**) observamos que 66% desses trabalhadores passaram para a condição de *especializados urbanos*, (**categorias 4 e 6**). Percebemos que apesar das grandes desvantagens com que entram e convivem no mercado de trabalho, mais de 50% conseguiram capacitar-se para uma profissão ou um ofício, muitas vezes no próprio exercício do trabalho.

Por outro lado, podemos observar que 36% dos trabalhadores *não especializados*, de modo geral, permaneceram nessa condição e isto significa continuar na condição de aprendiz, de ajudante na vida profissional por um tempo significativo para um trabalhador.

Expectativas futuras de trabalho -. O futuro incerto do trabalhador da construção está intrínseco ao próprio processo de produção e se faz presente ao término de cada obra, quando "a unidade de produção – o canteiro de obras – é desmontada e deslocada para outro terreno (na melhor das hipóteses), quando então a produção tem continuidade. Do contrário, ela é desmontada e a equipe é dissolvida" (Maricato,1997). Mais ainda, neste setor o trabalho é considerado bastante pesado, conforme afirmam os próprios trabalhadores, como veremos mais adiante.

A **tabela 15**, apresenta a intenção do trabalhador da construção civil de Bertioiga com relação ao seu próximo trabalho. Podemos observar que 58% dos entrevistados pretendem continuar no setor e/ou fazer carreira na construção civil, 24% querem mudar de profissão e/ou setor e 4% pretendem fazer qualquer trabalho.

Próximo trabalho	nº trabalhadores	percentual (%)
Continuar na mesma profissão/função	17	34
Fazer carreira na construção civil	12	24
Mudar de profissão/setor	07	14
Trabalhar na lavoura	05	10
Fazer qualquer trabalho	02	4
Outros	02	4
Não respondeu	02	4
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioiga. 2003

Entre os 58% dos trabalhadores que pretendem continuar na mesma função ou fazer carreira no setor da construção civil, encontramos muito mais trabalhadores que exercem uma função especializada do que ajudantes, vejamos: 100% dos trabalhadores que exercem a função de armador querem continuar; 100% dos eletricitistas, 100% dos mestres de obras; 80% dos carpinteiros; 70% dos pedreiros. (**quadro 10**)

Função Atual	Pretende continuar na função e /ou setor	Pretende mudar de função e/ou setor
Encarregado eletricitista (02)	02	
Carpinteiro (10)	08	02
Mestre obras (02)	02	
Empreiteiro (01)	01	
Armador (04)	04	
Pedreiro (14)	10	04
Eletricista (2)	02	
servente pedreiro (14)	04	10
ajudante eletricitista (01).		01
Guincheiro (1)	01	

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioiga. 2003

Entre os 24% dos trabalhadores que pretendem mudar de profissão e de setor, destacam-se os ajudantes onde 70% trabalhadores explicitaram essa intenção. Dois trabalhadores, ajudantes também colocam que querem ir para qualquer trabalho.(**quadro 10**)

Vínculo empregatício: Com relação ao vínculo empregatício, que é um dos aspectos considerados para efeitos de fiscalização, do Ministério de Trabalho e Emprego e também pela Prefeitura do Município, observamos que 82% dos entrevistados declararam ter registro do emprego na carteira profissional de trabalho, entre os contratados pelas construtoras, firmas e empreiteiras.(**tabela 16**)

Tabela 16 – Vínculo empregatício dos trabalhadores (amostra 2)

Contratado por	Vínculo empregatício	N.º trabalhadores	Percentual (%)
Construtora (30)	Registro em carteira	28	56
	Contrato por obra	01	02
	Sem registro	01	02
	Outro		
Firma (15)	Registro em carteira	11	22
	Contrato por obra	02	04
	Sem registro	01	02
	Outro	01	01
Pessoa (03)	Registro em carteira		
	Contrato por obra		
	Sem registro	03	06
	Outro		
Empreiteira (02)	Registro em carteira	02	04
	Contrato por obra		
	Sem registro		
	Outro		
50	100	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

No entanto podemos notar que 10% dos entrevistados não possuem registro em carteira e 6% trabalham por contrato por obra. Se retomarmos os dados já expostos sobre previdência social, verificamos que 24% dos trabalhadores entrevistados não tinham matrícula na previdência social. O fato de não terem registro e nem matrícula na previdência, nos mostra que a cidadania do trabalhador da construção civil de Bertioga tem um longo caminho a percorrer na garantia dos direitos básicos.

A jornada de trabalho – com os dados obtidos na amostra 2, verificamos que a jornada diária de trabalho desses trabalhadores acaba tendo a duração de 09 horas. Eles trabalham das 7 horas às 17 horas, com um intervalo de uma hora de almoço. Declararam receber hora extra cerca de 58% dos entrevistados. Notamos porém que tanto com relação à duração da jornada de trabalho, a quantidade de horas extras

trabalhadas e também ao pagamento das referidas horas extras, os trabalhadores não possuem clareza e nem controle da situação.

Remuneração – O setor da construção civil tem os níveis de remuneração “como um dos mais baixos entre os demais ramos da indústria e atividades assemelhadas.” (SESI 1998).

De acordo com os dados obtidos, o salário atual de 4% dos trabalhadores tem valor menor que o salário mínimo vigente. Verificamos que 61% recebem de 2 a 3 salários mínimos e 19% recebem acima de 4 salários mínimos.(**tabela 17**)

Salário do último trabalho*			Salário atual*		
Faixa salarial/ mês	nº trabalhadores ⁽¹⁾	Percentual %	Faixa salarial/mês	nº trabalhadores	Percentual %
menos de 1 s.m	12	25	menos de 1 s.m	02	4
de 1 s.m a 2 s.m	20	41	de 1 s.m a 2 s.m	08	16
de 2 s.m a 3 s.m	10	21	de 2 s.m a 3 s.m	29	61
de 4 s.m a 5 s.m	04	9	de 4 s.m a 5 s.m	04	9
mais de 5 s.m s	02	4	mais de 5 s.m s	05	10
	48	100		48	100

Fonte: Pesquisa “Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil”. Bertioga. 2003

* - valor declarado pelo trabalhador

1. 02 trabalhadores não responderam

2. s.m - salário mínimo – Valor R\$ 240,00

Se compararmos com os valores declarados de salário do último trabalho, podemos verificar que ocorreu aumento nos salários dos trabalhadores entrevistados.

Além do salário, complementam a remuneração dos trabalhadores entrevistados o valor recebido pelas horas extras (58% declararam receber) e o prêmio em dinheiro (12% declararam receber). Este prêmio, segundo os trabalhadores, é um incentivo à produtividade para cumprir os prazos estipulados para entrega da obra.

Processo de trabalho: A participação dos trabalhadores no processo produtivo da construção civil está delimitada por uma rígida estrutura de cargos na organização de trabalho e um processo de trabalho parcelado, com a separação entre concepção e execução já incorporada há muito tempo.

Segundo Vargas, "os trabalhadores são executores de projetos que nem sabem ler cuja tradução é feita na seqüência engenheiro-mestre-encarregado; a cada elo dessa transformação de ordens o conhecimento vai restringindo-se a partes menores da construção" (Vargas,1994)

Assim como podemos notar na **tabela 18**, que a decisão sobre o que será realizado e de que forma serão realizadas as atividades do dia, é tomada pelo encarregado ou mestre de obras, segundo 84% dos entrevistados.

responsável pela decisão	nº trabalhadores	percentual (%)
o encarregado/ mestre de obras	42	84
o próprio trabalhador	7	14
outro	1	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

O trabalho dos trabalhadores "especializados", segundo Vargas encontra-se bastante desqualificado e parcelado, restando-lhe o conhecimento de uma pequena parte da obra". (Vargas,1994).

No entanto, a organização do trabalho no setor da construção civil, se por um lado impõe uma disciplina de respeito à hierarquia e autoridade, por outro lado, possibilita a aprendizagem e aperfeiçoamento no ofício, o que pode contribuir para um aumento da autonomia e da auto confiança dos trabalhadores.

Assim podemos observamos que os entrevistados ao citarem as habilidades necessárias para o trabalho, destacam qualidades particulares, segurança, facilidades para aprender e concentração, entre outros. (**quadro 11**).

habilidade	nº trabalhadores
qualidades particulares	32
segurança	29
facilidade para aprender	18
concentração	17
sabe usar o material	15
experiência	13
atenção	10

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

No entanto, Vargas nos alerta que “o mestre, formado no canteiro, chega a esta posição depois de muitos anos de labuta em várias funções e após ter provado que sabe assumir a liderança dos trabalhadores” (Vargas, 1994). Assim como a passagem do ajudante a oficial não é assegurada.

Mas é necessário ter mais que conhecimento para fazer carreira no setor da construção civil. Vargas, mais uma vez nos esclarece, “é necessário também possuir as ferramentas essenciais ao seu trabalho” (Vargas, 1994).

Os dados obtidos nesse estudo, confirmam as afirmações de Vargas, como podemos verificar na **tabela 19**.

Tabela 19- Número de trabalhadores segundo propriedade de ferramentas (amostra 2)

	nº trabalhadores	Percentual (%)
do próprio trabalhador	25	50
da empresa	22	44
do encarregado/ mestre de obras	2	4
em branco	1	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa “Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil”. Bertogga. 2003

Dos entrevistados, cerca de 50% dos trabalhadores trabalham com suas próprias ferramentas e 44% com ferramentas da empresa. Este dado é bastante revelador das precárias condições de trabalho do trabalhador da construção civil.

Entretanto, além das precárias condições de trabalho os trabalhadores convivem com a possibilidade constante de desemprego que se manifesta a cada término de obra. (**tabela 20**)

Tabela 20 - Destino dos trabalhadores a cada final de obra (amostra2)

destino final	nº trabalhadores	Percentual (%)
são dispensados	23	46
vão trabalhar em outra obra da empresa	23	46
vão trabalhar em outra empresa	1	2
outro	3	6
Total	50	100

Fonte: Pesquisa “Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil”. Bertogga. 2003

Como podemos observar na **tabela 20**, segundo 46% dos entrevistados ao finalizar uma obra os trabalhadores são dispensados e também 46% afirmaram que os trabalhadores vão trabalhar em outra obra da empresa.

7 – O cidadão trabalhador – condições objetivas de vida

Bertioga, como vimos no capítulo 2, é uma cidade turística, com um modelo de desenvolvimento baseado no turismo de residências secundárias, majoritariamente de alto padrão. Este modelo de desenvolvimento, se por um lado, para os trabalhadores da construção civil, significa oportunidade de emprego, por outro lado, impede que esses mesmos trabalhadores tenham acesso a uma moradia digna, devido à elevação dos preços da terra urbanizada.

O surgimento de núcleos de favelamento em Bertioga está relacionado à vinda dos trabalhadores da construção civil para Bertioga, por ocasião da vinda dos grandes empreendimentos imobiliários em residências secundárias. Comarú conta que, “diversos moradores, técnicos e políticos que testemunharam, relatam que as favelas do Indaiá e de Boracéia (hoje entre as maiores da cidade) se iniciaram com os ex-operários das obras dos Loteamentos Riviera de São Lourenço e Morada da Praia, na praia de São Lourenço e de Boracéia, respectivamente (Comarú, 2004).

Bertioga, como bem definiu Comarú, fazendo uma análise sobre a intencionalidade dos investimentos realizados na produção do ambiente construído, é “uma cidade ao avesso, prioritariamente produzida para os que nela não moram.” (Comarú,2004).

moradia – As residências dos trabalhadores que moram em Bertioga estão, em sua maioria, localizadas em áreas de alta densidade e que possuem núcleos de favelamentos. (Comarú,2004). Na **tabela 21**, podemos verificar que 36% dos trabalhadores moram nos bairros de Vicente de Carvalho II, Indaiá e Mangue Seco. Os 46% dos trabalhadores que informaram que moram no Jardim São Lourenço, são trabalhadores que possuem como referência de moradia os alojamentos no Loteamento Riviera de São Lourenço. (**tabela 21**)

Bairro	nº trabalhadores	percentual (%)
Vicente de Carvalho II	04	10
Jd, Albatroz II	03	7
Vista Linda	01	2
Jd .São Lourenço	20	46
Jd. Paulista	02	4
Indaiá	06	14
Rio da Praia	02	4
Mangue Seco	03	7
Sítio São João	02	4
Vila Agaó	01	2
Total	34	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

A análise dos dados da **tabela 22** evidencia que 54% dos trabalhadores entrevistados moram em alojamentos, sendo que 18% moram permanentemente e 36% moram em alojamentos durante a semana. Somente 38% dos trabalhadores entrevistados moram com a família todos os dias. O trabalho para esses trabalhadores significa um fator de distanciamento do núcleo familiar.(**tabela 22**)

	nº trabalhadores	Percentual (%)
com a família todos os dias	19	38
no alojamento durante a semana	18	36
sempre em alojamentos	9	18
sozinho	2	4
outro	2	4
Total	50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

características das casas dos trabalhadores - dos trabalhadores entrevistados, podemos verificar que 54% possuem casa própria, (localizada muitas vezes em outros estados), 18% pagam aluguel e 10% moram em casa emprestada. Mais de 64 % dos trabalhadores moram em casas com mais de três cômodos e 40 % deles residem com mais de três pessoas.

Quanto ao saneamento básico, mais de 85% das residências recebem água encanada e 64% das casas estão com o sistema de esgoto ligado à rede pública.

Verificamos que em 27% das casas dos trabalhadores o esgoto é lançado a céu aberto ou no rio, 12% das residências possuem fossa e apenas uma 01 casa não tem esgoto.

alojamento - A proximidade entre a moradia e o local de trabalho é uma estratégia muito usada na história brasileira. Assim surgiram as senzalas, as "casas do empregado" no setor agrícola, as vilas operárias no setor industrial, entre outros. No setor da construção civil, o alojamento dentro do canteiro de obras é ainda muito utilizado para moradia de seus trabalhadores.

Em Bertioga, o alojamento da obra ainda é moradia para um número significativo de trabalhadores. Na amostra 1, realizada com 214 trabalhadores, observamos que 139 trabalhadores, ou seja, 65% moravam em alojamentos: sendo que, para 54 dos entrevistados, ou seja 39%, o alojamento é a residência permanente e para 85 trabalhadores, ou seja 62% é a residência durante a semana de trabalho.



Fotos: Alojamentos de trabalhadores da construção civil no Loteamento Riviera de São Lourenço Bertioga

O maior número de trabalhadores morando em alojamentos dentro dos canteiros de obras encontra-se no loteamento Riviera de São Lourenço, pois segundo os dados obtidos na amostra 1, dos 155 entrevistados do módulo 2 deste loteamento, 113 (ou seja, 73%) moravam nos alojamentos enquanto que no bairro de Maitinga, dos 59 entrevistados constatamos que 16 (ou seja, 27%) moram na obra.

Na amostra 2, de um total de 50 entrevistados, 27 trabalhadores (ou seja 54%) moram em alojamentos, como já foi citado anteriormente, sendo que para 18 desses trabalhadores (67%) o alojamento é a residência ocupada durante a semana e para 09 trabalhadores (33%), a residência permanente são os 24 alojamentos referenciados neste estudo.

características dos alojamentos – A realidade dos alojamentos tem sofrido poucas mudanças nas suas características básicas: são pequenos, porque devem ocupar pouco espaço dentro do canteiro de obras, nem sempre são limpos, com instalações sanitárias adequadas para um grande número de trabalhadores que ali residem. Dos 27 trabalhadores residentes nos alojamentos, 08 (30%) moram em alojamentos com menos de cinco (5) pessoas, 06 trabalhadores (22%) moram em alojamento que residem entre quinze (5) e dez (10) pessoas, 04 trabalhadores (15%) moram em alojamento que residem de quinze (15) a vinte (20) pessoas e 09 trabalhadores (33%) moram com mais de vinte (20) pessoas.

Com relação ao tamanho dos alojamentos verificamos, através dos dados obtidos na amostra 2, que dos 24 alojamentos referidos pelos trabalhadores, 06 possuem apenas um quarto, um (01) alojamento possui três quartos e catorze (14) alojamentos possuem mais de quatro quartos. Todos os alojamentos possuem água encanada. Quanto ao serviço de esgoto, 22 alojamentos estão ligados à rede pública e 02 possuem fossa.

O alojamento no canteiro de obras do setor da construção tem na literatura diferentes significados. Segundo Pinheiro (1987), o surgimento do alojamento dentro do canteiro de obras está relacionado à dispersão geográfica das obras e a conseqüente dificuldade de acesso pelos trabalhadores ao local de trabalho, bem como da impossibilidade de moradia do operário próximo às obras. Pinheiro, também considera que para o trabalhador, as razões de utilização do alojamento estão ligadas a sua estratégia de sobrevivência: menos gastos com transporte, mais horas de sono por noite, menos estresse para chegar ao trabalho e também ao recebimento de subsídio para três refeições (café da manhã, almoço e jantar). Esta autora acrescenta que para o trabalhador migrante da zona rural "significa não ficar na rua até receber o primeiro salário e ter pessoas para conversar, contar piadas, beber junto, para esquecer a saudade da terra e da família" (Pinheiro,1987).

No entanto para as construtoras, pode significar ter o trabalhador à sua disposição e controle durante todo o período da construção da obra, para o uso da extensão da jornada de trabalho, com "dobras" e "viradas" de 24 horas, mecanismo

comumente utilizado no setor da construção civil para cumprir os prazos determinados em contratos. (Pinheiro, 1987; Maricato,1984; Farah, 1996 e Vargas, 1997).

Bertioga - cidade pretendida para residência definitiva – Como foi exposto, anteriormente, o fim da obra para os trabalhadores da construção civil, pode representar sempre um recomeço: pode ser o desemprego, uma nova obra, uma nova profissão, um novo setor de trabalho e até mesmo uma outra cidade e outro Estado. Ou então, apenas uma nova obra.

Na **tabela 23**, podemos verificar que Bertioga foi escolhida como a cidade pretendida para residência definitiva por 30% dos entrevistados, enquanto que a cidade de nascimento foi apontada por 22% dos trabalhadores e São Paulo foi escolhida por 14% dos entrevistados. Na faixa etária acima de 40 anos, a cidade de nascimento não aparece como uma das alternativas escolhidas. (**tabela 23**)

Tabela 23 – Cidade pretendida pelo trabalhador, por faixa etária (amostra 2)

Faixa etária	Cidade	N.º trabalhadores	Percentual (%)
De 20 a 30 anos	Bertioga -SP	06	12
	Cidade de nascimento	06	12
	Guarujá - SP	04	08
	São Paulo	01	02
	Não respondeu	02	04
De 30 a 40 anos	Cidade de nascimento	05	10
	Bertioga - SP	04	08
	São Paulo - SP	04	08
	Campinas - SP	01	02
	Onde a firma mandar	01	02
De 40 a 56 anos	Bertioga - SP	05	10
	São Paulo - SP	02	04
	Paulínia - SP	01	02
	Onde arrumar emprego	02	04
Total		50	100

Fonte: Pesquisa "Condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil". Bertioga. 2003

Os dados da tabela acima evidenciam que a proposta de transformar Bertioga em um município saudável deve necessariamente considerar o fluxo migratório dos trabalhadores da construção civil e pensar em estratégias de inserção desses trabalhadores que possam garantir também condições dignas de vida e cidadania.

O trabalho na trajetória de vida do trabalhador da construção civil de Bertioga

*" Se trabalha é porque pra gente
encontrar outro tá meio difícil hoje em dia.
Pra encontrar outro trabalho tem que ter um estudo,
pra poder arrumar outro melhor
e o meu estudo é pouco. Aí não dá pra arrumar outro melhor.
tem que continuar nesse mesmo, por enquanto.
A gente não sabe ler, lê pouco,
então o lugar mais fácil que a gente achou foi a construção civil.
Tô trabalhando nele normal.
Mas se a gente tivesse uma outra oportunidade,
até mesmo um outro serviço, claro que a gente queria.
Um serviço até mais leve, sei lá, mais limpo, mais comum,
para a gente trabalhar, claro que todo mundo queria.*

***Trabalhador da construção civil
de Bertioga***

Este capítulo tem como objetivo apresentar o discurso do trabalhador da construção civil de Bertioga sobre o seu trabalho na trajetória de sua vida.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), foi a estratégia metodológica adotada pois "busca reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada "figura, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno" (Lefèvre & Lefèvre, 2003).

Na perspectiva da promoção da saúde a categoria trabalho é também um dos determinantes fundamentais na produção social da saúde. Assim, consideramos de importante conhecer quais são as representações sociais sobre o trabalho construídas pelos trabalhadores da construção civil, sujeitos históricos deste estudo.

Apresentaremos a seguir os discursos sínteses:

Pergunta 1: Você está satisfeito com o rumo que sua vida tomou?

Quadro síntese das idéias centrais (IC)

1.IC A	1.IC B	1.IC C	1.IC D	1.IC E	1.IC F
Não, porque quer progredir	Não, porque quer um trabalho mais leve	Sim, porque está empregado	Sim, mas espera melhorar mais	Sim, porque é vontade de Deus	Sim, porque está satisfeito com a vida e com a profissão

Discursos do Sujeito Coletivo

1.ICA: *Satisfeito a gente nunca tá. É que a gente sempre quer uma coisa a mais ou um emprego melhor, onde você tem estabilidade de crescer, vencer e superar a vida e as barreiras que o mercado de trabalho nos oferece. Meu gosto mesmo, eu queria tá ai estudando, pra mim mais tarde ser alguém. Quem sabe voltar estuda, fazer engenharia, que eu sempre sonhei em fazer.*

1.ICB: *Não, não tô não. Porque era pra ser melhor. Ter um trabalho melhor, porque esse trabalho é muito pesado. Não foi a vida que eu queria. Por isso que eu acho que não é bom. Eu pretendia mudar de trabalho, para um trabalho melhor mesmo. É o que todo mundo quer. Quem trabalha aqui só quer isso, um trabalho melhor, que não seja esforçado. Tem dia que o trabalho não é mole. É um trabalho duro, carrasco, mas a pessoa tem que trabalhar para sobreviver, por que senão, como diz o ditado: quem não trabalha faz coisa errada.*

1.ICC: *Certamente, porque no serviço que eu trabalho, que a gente ganha o pão de cada dia, graças a Deus. Estou, porque da onde eu vim pra aqui, em relação ao serviço, foi melhor do que eu estaria lá, onde eu morava. Porque lá, não tinha salário, não tinha nada. Aqui pelo menos, não tem também, mas tá melhor do que lá. E graças a Deus tô tomando saúde e felicidade e estou muito contente com o trabalho. Que eu trabalho, graças a Deus, que eu fiquei desempregado. Deus só me ajuda. Tô trabalhando aqui dentro, tô muito bem com os meus encarregados, meu patrão.*

Porque hoje eu estou aqui empregado, ajudo meu pai, minha família toda. O dinheiro não é muito não, mas dá pra ajudar eles. E primeiro lugar minha saúde tá bem, graças a Deus, não tenho problema nenhum de saúde. Satisfeito sim, trabalhando, ganhando um pouquinho dá pra controlar a vida. A gente passeia um pouco. Acho que é bom continuar sempre trabalhando pra ajudar, prá desenvolver a vida. Acho que é melhor.

1.ICD: *Grças a Deus, eu tô bem satisfeito. Em vista de antigamente, tá melhorando. Tá indo bem. Dá pra ir levando. Daqui pra frente, tem que ir tomando o rumo, do jeito que tá indo, tá bom. Espero ficar mais contente ainda e a gente espera cada vez melhorar pra frente.*

1.ICE: *Sim. Deus quis assim. Tô aqui, tô trabalhando, tô com saúde, graças a Deus. Então por isso, é importante. Espero em Deus que corra tudo bem, isso é importante pra gente.*

1.ICF: *Tô satisfeito, porque a vida que eu tenho, eu gosto dela, gosto da profissão que eu tenho. Por isso que sou satisfeito pela vida que eu tenho. Porque tô construindo uma família, tô podendo criar minha família. Com o meu esforço. Por isso estou satisfeito. Só, com meu esforço.*

Pergunta 2: E o seu trabalho, se você pudesse escolher, escolheria este trabalho?

Quadro síntese das idéias centrais

2.IC A	2.IC B	2.IC C	2.IC D	2.IC E	2.IC F
Não, porque gostaria de trabalhar em firmas grandes, em outra profissão, num trabalho melhor	Não, porque esta estudando ou pretende estudar	Não, porque quer ter negócio próprio	Sim, escolheria porque está habituado	Sim, escolheria porque é difícil encontrar outro emprego, ainda mais quem não sabe ler	Sim, porque é predestinado e gosta

Discursos do Sujeito Coletivo

2.ICA: *Se eu fosse que escolher mesmo, estaria na empresa onde eu estaria com bons fins lucrativos. Não precisaria levantar tão cedo e me matar tanto de trabalhar, para me manter. Eu queria trabalhar numa empresa onde eu tenha oportunidade de estudo, e onde você tem a capacidade de dar as suas idéias, tuas opiniões. Uma empresa onde eu pudesse ter tudo aquilo que eu não tenho. Vamos supor, trabalhá numa firma muito grande. Vamos supor, a Petrobrás. Mas com um cargo melhor. Gostaria de trabalha na Petrobrás sobre aquele negócio de vazação de óleo. Aquilo lá prejudica muita gente e os peixes também. Gostaria de aprende aquele jeito deles de trabalhá.*

Escolheria um serviço mais profissional, mais leve. Tipo, trabalhar em loja. Outro nível não tem condições que meu estudo é pouco. Mas teria vontade de trabalhá numa loja , lugar que tem movimento, lugar desenvolvido. Lojista é bom que seja profissão. Quem trabalha, tem uma lojinha, ganha dinheiro. Dá pra suprir a vida sossegado. Tem condições de aumentar, crescer, fazer alguma coisa a mais na vida. É melhor do que trabalhar nessa área que eu trabalho. É muito pesado, é muito cansativo. A gente trabalha porque é o jeito.

Escolheria um trabalho bem melhor. Porque a pessoa pra escolher uma coisa pra si, tem que escolher o que é bom. Então escolheria um trabalho mais leve, um trabalho numa metalúrgica. Porque o trabalho na metalúrgica é um trabalho sempre mais maneiro. Um trabalho em supermercado, onde já trabalhei, senti um trabalho maneiro e digno pra todo mundo. Melhor do que trabalho em obra. A pessoa tá desfilando com pessoas diferentes, tá trabalhando no meio do comércio, tá conhecendo pessoas novas e fazendo amizades, trabalhando. Então a pessoa se diverte e o trabalho é divertido também.

2.ICB: *Se fosse pra escolher de novo, eu escolheria um trabalho mais ... Porque um trabalho hoje em dia depende de estudo. Eu não tinha estudo, agora estou estudando, minha tendência é melhorar de outro rumo. Tanto faz nessa área, como tô estudando, daqui para frente se pudesse, era crescer na profissão. Na verdade mesmo*

eu queria me formar engenheiro e seguir minha carreira. A gente estuda pra poder engrandecer mais um pouco.

Esse aqui, realmente, você ganha um pouco mais, mas você trabalha muito, é pesado. Ter outra profissão é melhor do que essa daqui. Gostaria de escolher outro trabalho, não essa profissão minha.

2.ICC: *Escolheria outro serviço fora da obra. Podia ser qualquer outro serviço. Que fosse meu, assim que eu pudesse tocar o serviço pra mim. Cuidar dos meus negócios. Era muito melhor pra mim. Podia ser uma coisa simples, um barzinho, que eu pudesse tocar. Porque na obra, a gente trabalha porque a gente não tem outro tempo.*

2.ICD: *Escolheria porque já tô acostumado com ele. Pra mim, começar tudo de novo com outro vai ser mais complicado. Com este eu já tô mais habituado. O restinho da vida, vai com este mesmo.*

2.ICE: *Se trabalha é porque pra gente encontrar outro tá meio difícil hoje em dia. Pra encontrar outro trabalho tem que ter um estudo, pra poder arrumar outro melhor e o meu estudo é pouco. Aí não dá pra arrumar outro melhor. tem que continuar nesse mesmo, por enquanto. A gente não sabe ler, lê pouco, então o lugar mais fácil que a gente achou foi a construção civil. Tô trabalhando nele normal. Mas se a gente tivesse uma outra oportunidade, até mesmo um outro serviço, claro que a gente queria. Um serviço até mais leve, sei lá, mais limpo, mais comum, para a gente trabalhar, claro que todo mundo queria.*

2.ICF: *Eu não pretendo escolher outro trabalho, porque eu vivo neste trabalho, eu gosto dele e não tenho nada contra ele. Gosto desta profissão e não tenho preconceito pra ela não. Eu acho que a gente é predestinado, para sobreviver do trabalho que a gente tá. É claro, se a gente pudesse escolher... Eu queria ser um político? Eu queria ser um bancário? Eu queria ser isso e aquilo. Mas se Deus me botou nesta profissão que tô, é nela que vou.... Ou talvez quem sabe, mais tarde, eu possa até mudar. Quem sabe o que vai ser. É o destino que vai dizê pra gente. Deus colocou a gente nessa, então tem que seguir nessa aqui. E pedir a ele, graças a Deus, porque a gente tá aqui, nessa profissão.*

Pergunta 3 – E o que você espera da sua vida daqui para frente?

Quadro síntese das idéias centrais

3.IC A	3.IC B	3.IC C	3.IC D	3.IC E	3.IC F	3.IC G
Espera melhoria financeira e do futuro	Espera saúde, paz, tranquilidade e família	Espera voltar para o Nordeste	Espera mudar de emprego	Espera publicar livro	Espera que o novo presidente melhore a vida dos trabalhadores	Espera não sofrer mais

Discursos do Sujeito Coletivo

3.ICA: Espero é melhorar mais as coisas financeiramente e trabalhar. Que a gente melhora e tenha alguma coisa para o futuro e viver melhor. Todo mundo quer ter um futuro melhor.

Eu espero que melhore as coisas, em termos de conseguir alguma coisa. Dinheiro. Espero que pra nossa classe de pobre melhorasse mais o salário. Espero que um dia eu tenha alguma coisa na vida também.

Eu queria que melhorasse, apesar de faltar estudo na vida da pessoa. Não tenho o primeiro completo, então é seguinte, vê se Deus olha que a gente precisa de um lugar melhor. Deus é misericordioso, ele vai dar uma força. Eu pretendo mudar. Não sei se a minha sorte vai ser esta.

3.ICB: Graças a Deus, Deus sempre me olhou. Espero que a vida melhore para frente, saúde e felicidade e um emprego, porque a gente depende de um emprego. E continuar com saúde para ter mais força de vontade prá trabalhar. E ter bastante serviço, como esta tendo pra mim agora. Que não deixe, que não falte serviço, pra manter as coisas da gente em dia.

Eu espero pode criar minha filha e outro filho que tá vindo aí, e ter forças nos braços e ter força nas mãos, para poder segui em frente.

Graças a Deus, eu espero melhora. Que sempre a gente espera melhora e Deus ajudá. Que a esperança é ter melhora pra frente, saúde, felicidade. E emprego, que

não pode faltar, que a gente depende do emprego, depende do trabalho e felicidade e continuar a vida pra frente.

Eu espero é muita paz e tranqüilidade. Deus dando pra gente saúde e trabalhar mesmo que é o que a gente consegue, e ter parte da família junto com a gente. A gente vem tudo de longe, e a família tudo longe da gente, a gente se vê muito pouco, não pode ver direto... Mas a vida é assim mesmo, então a gente tem que trabalhar mesmo, e tocar o barco até Deus quiser. E quem sabe um dia a gente num volta tudo ficar tudo junto de novo. Então vamos esperar para frente, o que Deus quiser.

3.ICC: Eu espero voltar lá pro Nordeste e ficar lá junto com a minha mãe lá. Maior saudades da minha mãe e do meu pessoal. Vai fazer 9 anos que tô por aqui. Esse outro ano agora, que tá vindo aí, com fé em Deus, queria estar lá com ela.. Esse aí é um grande futuro para mim e para minha mãe também.

3.ICD: Em relação a minha vida, a mudança, como falei, de emprego. Desemprego é grande hoje em dia, você não tem muito o que escolher não. Mas como falei, a mudança de emprego, conseguir outro emprego melhor, trabalhar em outro setor. Porque esse aqui é bom porque você tá empregado hoje é bom, mas amanhã, você não sabe dia de amanhã. Você tá aqui hoje, amanhã pode ser mandado, não sabe o que espera o dia de amanhã pra você. E o setor, o trabalho, minha vida é bom, aqui é bom, porque graças a Deus tô com 9 mês já empregado aqui e faço parte da CIPA, então mais uns mês de ... não pode ser mandado.

3.ICE: Eu, no futuro mesmo é publicar meu livro, que eu to na luta aí já um tempo e seguir a minha vida escrevendo e trabalhando.

3.ICF: Que venha, perspectivas da vida, nos dê muita esperança de vida. E esse presidente que a gente tem aí, olhe um pouco por nós. Que a gente, que é trabalhador, acho que merece, que o mercado de trabalho aqui não tá fácil. Quem sabe, o presidente novo... Vamos vê se o ano que vem as coisas melhoram. Pra gente, no ramo de trabalho, esse ano não foi muita coisa não. Espero, a gente sonha com isso. A gente luta, dormi, dormi sonhando e acorda sonhando, pela espera de um Brasil melhor. Eu espero que agora chegue a nossa vez.

3.ICG: Ah! daqui pra frente, eu espero que eu não sofra tanto que nem já sofri.

Discussão dos dados

Este estudo teve como objetivo conhecer a situação sócio - econômica e as representações sociais dos trabalhadores da construção civil do município de Bertioga – SP, como uma possível contribuição para a inclusão social desses cidadãos na sociedade local, enquanto sujeitos participantes de políticas públicas locais na perspectiva da Promoção da Saúde, visando a melhoria da qualidade de vida e trabalho da população do município, compreendidos como determinantes fundamentais da saúde.

Neste sentido, a discussão dos resultados será realizada na perspectiva da promoção da saúde, considerando os pressupostos da estratégia de municípios saudáveis: participação social, de equidade, de intersetorialidade e a sustentabilidade que fundamentaram a implantação e o desenvolvimento do Projeto Bertioga Município Saudável.

Participação de segmentos excluídos – um limite do Projeto Bertioga Município Saudável

O desenvolvimento deste projeto, constou na etapa inicial de atividades que visavam apresentar a estratégia municípios saudáveis para os atores locais , bem como criar mecanismos de participação desses atores na realização do diagnóstico participativo da realidade do município. As atividades realizadas nessa etapa foram: oficinas de sensibilização com gestores locais e representantes de entidades da sociedade civil; constituição de uma comissão gerenciadora do projeto denominada “Comissão Intersetorial do Projeto Bertioga Município Saudável”; mapeamento das lideranças locais; oficinas regionais de sensibilização com a população e oficinas do futuro com os grupos das diferentes regiões do município.

É importante ressaltar que este processo de envolvimento dos atores locais e sistematização dos dados do diagnóstico participativo foram possibilitando a produção coletiva de conhecimento sobre o espaço de vida dos diferentes grupos sociais de Bertioga. O conhecimento sobre o espaço de vida apropriado pelos atores criou para estes novas necessidades em termos de participação nas políticas públicas locais.

Assim, numa etapa posterior, mas em continuidade ao diagnóstico participativo e envolvimento dos atores locais foram oferecidas oportunidades de capacitação para os participantes do Projeto assumirem autonomamente as intervenções de melhoria de qualidade de vida local e de elaboração de políticas públicas saudáveis: o curso de Formação de Agentes Multiplicadores em Assentamentos Humanos Saudáveis e as oficinas para Revisão do Plano Diretor de Bertioga.

Nos quatro anos de desenvolvimento do Projeto Bertioga Município Saudável participaram de suas atividades representantes de vários segmentos sociais, entre os quais podemos citar: poder executivo, poder legislativo, poder judiciário, associações de bairro, sindicato dos servidores municipais, associação comercial, associação de lojistas, associação dos ambulantes, partidos políticos locais, associação dos artistas e artesãos, lideranças guaranis, setor imobiliário, conselhos, entre outros.

No entanto devemos registrar que os trabalhadores da construção civil, um enorme contingente populacional que movimenta a economia da cidade, tiveram uma participação muito pequena no desenvolvimento do Projeto Bertioga Município Saudável, da mesma forma que acontece em relação ao sindicato, associações e outros grupos (tabela 2).

O fato de ter ocorrido uma mudança no governo local e a implantação de diretrizes políticas baseadas em pressupostos menos comprometidos com a participação social, talvez possa ser um dos fatores explicativos dessa pequena participação dos segmentos excluídos, dos quais os trabalhadores da construção civil fazem parte, conforme foi apresentado no capítulo anterior. Sem o compromisso do gestor local, o projeto Bertioga Município Saudável foi desenvolvido com representantes de grupos sociais mais organizados.

Segundo Dowbor, “a partir de um certo nível de destituição, os pobres perdem a autonomia de autoconstrução do seu espaço na sociedade, tornam-se excluídos. Gera-se assim uma imensa massa de população privada dos próprios instrumentos de redução da sua miséria, e onde conseqüentemente a livre iniciativa e a liberdade de mercado perdem qualquer sentido. No jogo da vida, é compreensível haver gente com mais ou menos sucesso. Mas para jogar é preciso pelo menos ter uma ficha, o capital inicial, sob forma de saúde, de educação, de dinheiro ou o que seja. Não se trata realmente de caridade. Trata-se do simples direito, enquanto ser humano, de participar do jogo social, de ascender ao ponto de partida” (Dowbor, 2000). Os trabalhadores da construção civil enquadram-se nesta descrição.

Os trabalhadores da construção civil no cenário de Bertioga

Neste sentido, a primeira confirmação deste estudo foi de que há muito mais trabalhadores da construção civil em Bertioga do que os registrados oficialmente no Relatório Anual de Informação Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego para 2002 (RAIS,2003). Este documento apresenta o registro de apenas 156 cidadãos empregados neste setor econômico. No entanto, em apenas duas áreas: o bairro de Maitinga e somente no módulo 2 do loteamento Riviera de São Lourenço, no bairro de São Lourenço do município de Bertioga, identificamos através de entrevistas com os encarregados e/ou responsáveis pelas obras de construção de residências secundárias um total de 930 trabalhadores.

Este dado, nos revela um universo que não consta das estatísticas oficiais, mas com o qual convivemos no desenvolvimento do Projeto Bertioga Município Saudável e que significa em apenas duas áreas estudadas, 500% a mais que os dados oficiais fornecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego para o município todo.

Se considerarmos que em toda a extensão do município de Bertioga existe, um grande investimento em construção de residências secundárias, podemos estimar que o total de trabalhadores da construção civil é muito maior do que consta oficialmente. Esta informação é ainda mais relevante se considerarmos que o Relatório Anual de Informação Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS) é uma base de dados para muitos estudos e para elaboração de políticas para os trabalhadores no Brasil.

Quem são os trabalhadores da construção civil de Bertiooga

Os dados obtidos neste estudo sobre o perfil dos trabalhadores da construção civil de Bertiooga confirmam a literatura existente sobre estes trabalhadores: homens migrantes nordestinos, na faixa etária de 21 a 35 anos, expulsos do campo e em busca de trabalho, com baixos níveis de escolaridade (Ribeiro,1980; Rebello,1981; Vargas,1985; Maricato,1987; Blanes,1992; Sesi,1998 e Dieese,2003).

No entanto, no contexto político e econômico de Bertiooga, em que o setor da construção civil é o mais importante da economia do município servindo de apoio ao setor de turismo, com a construção de residências secundárias de alto padrão, não conseguimos constatar nenhum indicador de melhoria nas condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil de Bertiooga, mas sim uma mera reprodução das históricas relações de trabalho e suas sérias conseqüências para vida dos trabalhadores e para a população do município.

As relações de trabalho estabelecidas pelos empreendedores do setor da construção civil com os seus trabalhadores retratam o que Minayo & Gomes (2000) já têm alertado, mas sem ouvir eco aos desafios apresentados: "a debilidade e a ruptura dos vínculos laborais tem levado amplos setores da população por um trajeto de insegurança, onde a convivência com o provisório perde seu caráter circunstancial. Se forma, inclusive em um contexto adverso, um processo de desestruturação/estruturação de identidades historicamente geradas em torno do trabalho. A este marco de degradação das condições de trabalho e de vida, se agrega a ausência do Estado na formulação e execução de políticas e estratégias de proteção social" (Minayo-Gomez, 2000).

Nesse sentido, a falta de emprego foi o principal motivo citado para a saída da cidade de nascimento pelos trabalhadores.**(quadro 1)**. Assim, o trabalho foi o fator determinante, mais citado como responsável pela expulsão do campo, onde foi gerada historicamente a identidade de seu núcleo familiar para aquele que é hoje trabalhador da construção civil. Este trabalhador vem para o mercado de trabalho urbano como a única alternativa viável de sobrevivência e então é inserido no setor da construção civil.

Diante desta situação este trabalhador não está satisfeito, ou está apenas conformado, com as condições impostas pelo rumo que sua vida tomou. Seu discurso demonstra explicitamente a questão da necessidade de sobrevivência que só pode ser conseguida através da venda de sua força de trabalho, em local distante de suas origens, muitas vezes sem sua família nuclear e nem mesmo a extensa. Este tem sido um fator determinante para se submeter às atuais condições de trabalho. No entanto, encontramos neste mesmo discurso as alternativas para melhorar suas condições de vida e trabalho:

Satisfeito a gente nunca tá. É que a gente sempre quer uma coisa a mais ou um emprego melhor, onde você tem estabilidade de crescer, vencer e superar a vida e as barreiras que o mercado de trabalho nos oferece. Meu gosto mesmo, eu queria tá ai estudando, pra mim mais tarde ser alguém. Quem sabe voltar estuda, fazer engenharia, que eu meu sempre sonhei em fazer. (1. ICA)

Como podemos verificar o estudo é apresentado pelo trabalhador como uma alternativa para melhorar suas condições de vida e trabalho. Se retomarmos os dados sobre a formação escolar desses trabalhadores (**tabela 9**) onde constatamos que 28% não freqüentaram a escola ou freqüentaram apenas o primeiro ano do ensino fundamental e que 86% não possuem o ensino fundamental completo, podemos entender o que representa para estes trabalhadores a possibilidade de obter uma formação escolar.

A insatisfação explicitada no discurso se refere também a uma característica histórica do trabalho na construção civil que é o fato de ser necessário o uso de muita força física pelos trabalhadores e a não adoção de novas tecnologias com o objetivo de melhorar as condições de trabalho:

Não, não tô não. Porque era pra ser melhor. Ter um trabalho melhor, porque esse trabalho é muito pesado. Não foi a vida que eu queria. Por isso que eu acho que não é bom. Eu pretendia mudar de trabalho, para um trabalho melhor mesmo. É o que todo mundo quer. Quem trabalha aqui só quer isso, um trabalho melhor, que não seja esforçado. Tem dia que o trabalho não é mole. É um trabalho duro, carrasco, mas a pessoa tem que trabalhar para sobreviver, por que senão, como diz o ditado: quem não trabalha faz coisa errada. (1. ICB).

Por outro lado, e também em decorrência de comparação com a situação vivenciada anteriormente, encontramos um discurso conformista com as seguintes condições como elemento apoiador: valorização da existência do salário, livre do desemprego e a possibilidade de ajudar a família:

Certamente, porque no serviço que eu trabalho, que a gente ganha o pão de cada dia, graças a Deus. Estou, porque da onde eu vim pra aqui, em relação ao serviço, foi melhor do que eu estaria lá, onde eu morava. Porque lá, não tinha salário, não tinha nada. Aqui pelo menos, não tem também, mas tá melhor do que lá. E graças a Deus tô tomando saúde e felicidade e estou muito contente com o trabalho. Que eu trabalho, graças a Deus, que eu fiquei desempregado. Deus só me ajuda. Tô trabalhando aqui dentro, tô muito bem com os meus encarregados, meu patrão.

Porque hoje eu estou aqui empregado, ajudo meu pai, minha família toda. O dinheiro não é muito não, mas dá pra ajudar eles. E primeiro lugar minha saúde tá bem, graças a Deus, não tenho problema nenhum de saúde. Satisfeito sim, trabalhando, ganhando um pouquinho dá pra controlar a vida. A gente passeia um pouco. Acho que é bom continuar sempre trabalhando pra ajudar, prá desenvolver a vida. Acho que é melhor. (1. ICC).

Trabalho no campo, na roça é também um trabalho pesado e mais ainda é sem salário e sem futuro, sobrevivendo nas mãos do dono da terra e sendo explorado por ele. É por isto que a fala seguinte expressa a satisfação com o trabalho presente, um pouco melhor que o do passado:

Graças a Deus, eu tô bem satisfeito. Em vista de antigamente, tá melhorando. Tá indo bem. Dá pra ir levando. Daqui pra frente, tem que ir tomando o rumo, do jeito que tá indo, tá bom. Espero ficar mais contente ainda e a gente espera cada vez melhorar pra frente. (1.ICD)

Podemos notar também que o fato do trabalhador estar satisfeito, não significa não ter esperanças de melhorar as condições de trabalho.

O discurso conformista tem também razões de ordem religiosa, como se a situação enfrentada fosse determinada por desígnios divinos. Cabe lembrar que historicamente a religião sempre teve o papel de facilitar a aceitação das duras condições de trabalho enfrentadas pelos trabalhadores:

Sim. Deus quis assim. tô aqui, tô trabalhando, tô com saúde, graças a Deus. Então por isso, é importante. Espero em Deus que corra tudo bem, isso é importante pra gente. (1.ICE)

Encontramos no discurso do trabalhador fatores importantes de satisfação com o trabalho: o gosto pela profissão e uma possibilidade criada pelo exercício desta profissão - a constituição e manutenção de uma família:

Tô satisfeito, porque a vida que eu tenho, eu gosto dela, gosto da profissão que eu tenho. Por isso que sou satisfeito pela vida que eu tenho. Porque tô construindo uma família, tô podendo criar minha família. Com o meu esforço. Por isso estou satisfeito. Só, com meu esforço. (1.ICF)

Para Ianni (1994) o movimento migratório dos trabalhadores cresce "a despeito das barreiras e preconceitos sociais, raciais, políticos, culturais, religiosos, lingüísticos e outros, cresce o movimento de trabalhadores em escala regional, continental e mundial. Multiplicam-se as direções dos movimentos migratórios, em função do mercado de força de trabalho, da progressiva dissolução do mundo agrário, da crescente urbanização do mundo, da formação da fábrica global" (Ianni , 1994).

Neste contexto do mundo do trabalho, o trabalhador migrante da construção civil de Bertioga discursa sobre o tipo de trabalho gostaria de trabalhar, tendo como referência o seu trabalho atual. Seu discurso enfatiza o desejo de mudança, com argumentos sobre as condições atuais e futuras de trabalho:

Se eu fosse que escolher mesmo, estaria na empresa onde eu estaria com bons fins lucrativos. Não precisaria levantar tão cedo e me matar tanto de trabalhar, para me manter. Eu queria trabalhar numa empresa onde eu tenha oportunidade de estudo, e onde você tem a capacidade de dar as suas idéias, tuas opiniões. Uma empresa onde eu pudesse ter tudo aquilo que eu não tenho. Vamos supor, trabalha numa firma muito grande. Vamos supor, a Petrobrás. Mas com um cargo melhor. Gostaria de trabalhar na Petrobrás sobre aquele negócio de vazação de óleo. Aquilo lá prejudica muita gente e os peixes também. Gostaria de aprender aquele jeito deles de trabalhar. (2. ICA)

Podemos observar que o trabalho é colocado como um meio para viabilizar a oportunidade de estudo e também de participação. Mais ainda, é a possibilidade de atuar na preservação do meio ambiente.

No entanto, segundo Sawyer (1997) "o migrante freqüentemente é identificado como o causador dos estragos no meio-ambiente, quando, na verdade, ele não é mais do que um participante passivo de um modelo de desenvolvimento que nunca priorizou

a sustentabilidade da exploração dos recursos naturais. Percebe-se que a solução das questões ambientais não poderá, dessa maneira, estar dissociada daquela referente às questões sociais que dizem respeito a essa população migrante” (Sawyer, 1997).

Os critérios definidos pelos trabalhadores para a escolha de um outro trabalho consideram: maior profissionalização, trabalho mais leve, menos cansativo e a falta de estudo. O setor do comércio é bastante atrativo para estes trabalhadores. Outro setor também citado foi a indústria metalúrgica:

Escolheria um serviço mais profissional, mais leve. Tipo, trabalhar em loja. Outro nível não tem condições que meu estudo é pouco. Mas teria vontade de trabalhar numa loja, lugar que tem movimento, lugar desenvolvido. Lojista é bom que seja profissão. Quem trabalha, tem uma lojinha, ganha dinheiro. Dá pra suprir a vida sossegada. Tem condições de aumentar, crescer, fazer alguma coisa a mais na vida. É melhor do que trabalhar nessa área que eu trabalho. É muito pesado, é muito cansativo. A gente trabalha porque é o jeito.

Escolheria um trabalho bem melhor. Porque a pessoa pra escolher uma coisa pra si, tem que escolher o que é bom. Então escolheria um trabalho mais leve, um trabalho numa metalúrgica. Porque o trabalho na metalúrgica é um trabalho sempre mais maneiro. Um trabalho em supermercado, onde já trabalhei, senti um trabalho maneiro e digno pra todo mundo. Melhor do que trabalho em obra. A pessoa tá desfilando com pessoas diferentes, tá trabalhando no meio do comércio, tá conhecendo pessoas novas e fazendo amizades, trabalhando. Então a pessoa se diverte e o trabalho é divertido também. (2.ICA)

Mais uma vez o estudo aparece no discurso do trabalhador, agora como fator que pode possibilitar “fazer carreira” no próprio setor da construção civil e isto significa também mudar de profissão, ter um trabalho mais leve:

Se fosse pra escolher de novo, eu escolheria um trabalho mais ... Porque um trabalho hoje em dia depende de estudo. Eu não tinha estudo, agora estou estudando, minha tendência é melhorar de outro rumo. Tanto faz nessa área, como tô estudando, daqui para frente se pudesse, era crescer na profissão. Na verdade mesmo eu queria me formar engenheiro e seguir minha carreira. A gente estuda pra poder engrandecer mais um pouco. Esse aqui, realmente, você ganha um pouco mais, mas você trabalha muito, é pesado. Ter outra profissão é melhor do que essa daqui. Gostaria de escolher outro trabalho, não essa profissão minha. (2.ICB)

Os argumentos para a escolha de um outro trabalho, para sair da obra, também incluem o desejo de deixar de ser empregado, de ter o seu próprio negócio:

Escolheria outro serviço fora da obra. Podia ser qualquer outro serviço. Que fosse meu, assim que eu pudesse tocar o serviço pra mim. Cuidar dos meus negócios. Era muito melhor pra mim. Podia ser uma coisa simples, um barzinho, que eu pudesse tocar. Porque na obra, a gente trabalha porque a gente não tem outro tempo. (2.ICC)

O discurso conformista do trabalhador da construção civil de permanência no trabalho atual retrata os dados apresentados na **tabela 15**, onde constatamos que 58% dos trabalhadores entrevistados pretendem continuar na mesma função e/ou setor. O argumento de que tem que começar tudo de novo, justifica ficar no trabalho atual mesmo porque já está acostumado:

Escolheria porque já tô acostumado com ele. Pra mim, começar tudo de novo com outro vai ser mais complicado. Com este eu já tô mais habituado. O restinho da vida, vai com este mesmo. (2.ICD)

Também neste mesmo sentido, de permanecer no trabalho atual os trabalhadores apresentam como argumentos a ameaça do desemprego e a falta de estudo. Com certeza, a flexibilização atual do mercado do trabalho, significa para estes trabalhadores concretamente trabalho temporário, cada vez mais precário, e exercido no mais das vezes na informalidade. Significa também um deslocamento maior do trabalhador em busca de seu trabalho. (Martins, 1998). Mesmo assim, os trabalhadores não deixam de reconhecer os aspectos de sujo e de ser pesado do trabalho que realizam:

Se trabalha, porque pra gente encontrar outro tá meio difícil hoje em dia. Pra encontrar outro trabalho tem que ter um estudo, pra poder arrumar outro melhor e o meu estudo é pouco. Aí não dá pra arrumar outro melhor. tem que continuar nesse mesmo, por enquanto. A gente não sabe ler, lê pouco, então o lugar mais fácil que a gente achou foi a construção civil. Tô trabalhando nele normal. Mas se a gente tivesse uma outra oportunidade, até mesmo um outro serviço, claro que a gente queria. Um serviço até mais leve, sei lá, mais limpo, mais comum, para a gente trabalhar, claro que todo mundo queria (2. ICE)

Ainda no discurso conformista encontramos também elementos que justificam a predestinação do trabalhador de exercer suas atividades no setor da construção civil, deixando toda e qualquer mudança ser decidida pelo destino:

Eu não pretendo escolher outro trabalho, porque eu vivo neste trabalho, eu gosto dele e não tenho nada contra ele. Gosto desta profissão e não tenho preconceito pra ela não. Eu acho que a gente é predestinado, para sobreviver do trabalho que a gente tá. É claro, se a gente pudesse escolher... Eu queria ser um político? Eu queria ser um bancário? Eu queria ser isso e aquilo. Mas se Deus me botou nesta profissão que tô, é nela que vou.... Ou talvez quem sabe, mais tarde, eu possa até mudar. Quem sabe o que vai ser. É o destino que vai dizê pra gente. Deus colocou a gente nessa, então tem que seguir nessa aqui. E pedir a ele, graças a Deus, porque a gente tá aqui, nessa profissão” (2. ICF)

Quais são os projetos de vida do trabalhador da construção civil de Bertiooga que traz retratado no seu histórico os traços da realidade brasileira marcada por uma profunda desigualdade econômica, social e política?

No discurso do trabalhador encontramos o desejo de viver melhor, de ter alguma coisa na vida. A alternativa colocada para que isto aconteça para a classe pobre (com a qual se identifica) é a melhoria salarial. A falta de estudo aparece como um fator limitante também dos projetos futuros:

Espero é melhorar mais as coisas financeiramente e trabalhar. Que a gente melhora e tenha alguma coisa para o futuro e viver melhor. Todo mundo quer ter um futuro melhor. Que melhore as coisas, em termos de conseguir alguma coisa. Dinheiro. Espero que pra nossa classe de pobre melhorasse mais o salário. Espero que um dia eu tenha alguma coisa na vida também. Apesar de faltar estudo na vida da pessoa. Não tenho o primeiro completo, então é seguinte, vê se Deus olha que a gente precisa de um lugar melhor. Deus é misericordioso, ele vai dar uma força. Eu pretendo mudar. Não sei se a minha sorte vai ser esta. (3.ICA)

O discurso do trabalhador apresenta como projeto de vida o fato de ter saúde para ter mais força de vontade para continuar trabalhando e ter bastante serviço.

Graças a Deus, Deus sempre me olhou. Espero que a vida melhore para frente, saúde e felicidade e um emprego, porque a gente depende de um emprego. E continuar com saúde para ter mais força de vontade prá trabalhar. E ter bastante serviço, como esta tendo pra mim agora. Que não deixe, que não falte serviço, pra manter as coisas da gente em dia.

O projeto de vida o trabalhador da construção civil nos apresenta uma dimensão abrangente considerando como elementos importantes a saúde, a paz, a tranqüilidade, a convivência com a família, o emprego e a felicidade:

Eu espero pode criar minha filha e outro filho que tá vindo aí, e ter forças nos braços e ter força nas mãos, para poder seguir em frente.

Graças a Deus, eu espero melhora. Que sempre a gente espera melhora e Deus ajudá. Que a esperança é ter melhora pra frente, saúde, felicidade. E emprego, que não pode faltar, que a gente depende do emprego, depende do trabalho e felicidade e continuar a vida pra frente.

Eu espero é muita paz e tranqüilidade. Deus dando pra gente saúde e trabalhar mesmo que é o que a gente consegue, e ter parte da família junto com a gente. A gente vem tudo de longe, e a família tudo longe da gente, a gente se vê muito pouco, não pode ver direto... Mas a vida é assim mesmo, então a gente tem que trabalhar mesmo, e tocar o barco até Deus quiser. E quem sabe um dia a gente num volta tudo ficar tudo junto de novo. Então vamos esperar para frente, o que Deus quiser. (3.ICB)

Também o retorno para a região de origem, o nordeste para o convívio com a família faz parte do discurso sobre as perspectivas futuras deste trabalhador. Neste sentido o trabalho é visto como um fator de desagregação familiar.

Eu espero voltar lá pro Nordeste e ficar lá junto com a minha mãe lá. Maior saudades da minha mãe e do meu pessoal. Vai fazer 9 anos que tô por aqui. Esse outro ano agora, que tá vindo aí, com fé em Deus, queria estar lá com ela.. Esse aí é um grande futuro para mim e para minha mãe também. (3. ICC)

Mesmo tendo clareza do grande desemprego que assola a realidade dos trabalhadores brasileiros, o trabalhador vislumbra a possibilidade de mudar para um emprego melhor futuramente, colocando a questão da grande rotatividade que caracteriza o setor da construção civil.

Em relação a minha vida, a mudança, como falei, de emprego. Desemprego é grande hoje em dia, você não tem muito o que escolher não. Mas como falei, a mudança de emprego, conseguir outro emprego melhor, trabalhar em outro setor. Porque esse aqui é bom porque você tá empregado hoje é bom, mas amanhã, você não sabe dia de amanhã. Você tá aqui hoje, amanhã pode ser mandado, não sabe o que espera o dia de amanhã pra você. E o setor, o trabalho, minha vida é bom, aqui é bom, porque graças a Deus tô com 9 mês já empregado aqui e faço parte da CIPA, então mais uns mês de... não pode ser mandado. (3.ICD)

O trabalhador da construção civil tem entre seus projetos de vida escrever e publicar livros:

Eu, no futuro mesmo quero é publicar meu livro, que eu to na luta aí já um tempo e seguir a minha vida escrevendo e trabalhando. (3.ICE)

Os trabalhadores estão esperando que o mercado de trabalho melhore com o novo presidente do Brasil.

Que venha, perspectivas da vida, nos dê muita esperança de vida. E esse presidente que a gente tem aí, olhe um pouco por nós. Que a gente, que é trabalhador, acho que merece, que o mercado de trabalho aqui não tá fácil. Quem sabe, o presidente novo... Vamos vê se o ano que vem as coisas melhoram. Pra gente, no ramo de trabalho, esse ano não foi muita coisa não. Espero, a gente sonha com isso. A gente luta, dormi, dormi sonhando e acorda sonhando, pela espera de um Brasil melhor. Eu espero que agora chegue a nossa vez. (3.ICF)

O projeto de vida para o trabalhador da construção civil inclui a esperança de ficar livre de sofrimentos:

Ah! daqui pra frente, eu espero que eu não sofra tanto que nem já sofri. (3.ICG)

Conhecer o que os cidadãos trabalhadores da construção civil pensam sobre suas condições de vida e trabalho e quais são seus projetos de vida é fundamental para o processo de transformação de Bertioga em um município saudável. É um conhecimento para subsidiar a elaboração de políticas públicas saudáveis, que necessariamente devem criar mecanismos que possibilitem a estes trabalhadores a saída desta inclusão degradante na vida urbana.

Considerações Finais

Os desafios de planejar e executar este estudo foram muitos e de várias ordens. Fazendo um breve resgate do desenvolvimento da investigação podemos apontar alguns deles:

1. Trabalhar com referencial teórico da promoção da saúde, o que significa creditar ao setor saúde um compromisso de produzir socialmente saúde, com a intenção de contribuir para melhorar as condições de vida e trabalho de uma categoria de trabalhadores. Nesse sentido, a categoria trabalho é focalizada como um dos determinantes da produção social de saúde, diferentemente da abordagem da área da saúde do trabalhador, que por razões históricas, tem se referenciado em um conceito mais amplo de saúde, incorporando a intersetorialidade, o saber dos trabalhadores e desenvolvimento econômico, entre outros, mas se preocupa basicamente em vigiar, controlar e eliminar os determinantes responsáveis pela produção das doenças dos trabalhadores.

Vale a pena registrar que a maioria das propostas de promoção da saúde para os trabalhadores seja no nível nacional ou internacional se restringem a uma atuação apenas no estilo de vida dos trabalhadores, baseada em mudanças comportamentais. Como exemplo, podemos citar o grande incentivo das empresas a programada "ginástica laborativa", realização de programas educacionais com o foco sobre prevenção de doenças, controle de alcoolismo e tabagismo e programas para realização de uma gama de exames preventivos.

2. Trabalhar na perspectiva de resgatar a cidadania negada aos trabalhadores migrantes do setor da construção civil, definindo procedimentos metodológicos e

abordagens de coleta de dados e análises que possibilitassem uma aproximação das condições de vida e trabalho do ponto de vista do trabalhador.

Historicamente a categoria dos trabalhadores da construção civil passou por um processo de desqualificação da mão de obra, quando o setor começou a se consolidar como uma atividade empresarial voltada para a atender a demanda de urbanização criada pela industrialização paulista. No lugar do imigrante europeu que possuía um saber acumulado sobre construção, a indústria brasileira passou a absorver o migrante expulso da zona rural e sem experiência anterior no exercício da atividade construtiva, submetendo-o a condições sub-humanas de trabalho e vida, tendo apenas o compromisso com a produtividade. O estigma de mão-de-obra desqualificada perpetua até hoje para esta categoria profissional e se manifesta nos baixos salários, nas precárias condições de vida, entre outros.

3. As características do processo produtivo do setor da construção civil, principalmente a mobilidade do local de trabalho, o parcelamento das etapas de trabalho e a alta rotatividade, acrescentando a inexistência de dados locais e insuficiência e inexatidão de dados secundários sobre os trabalhadores da construção civil representaram obstáculos enfrentados na definição do desenho do estudo no que concerne a realização do trabalho de campo.

No entanto queremos ressaltar que a participação efetiva dos trabalhadores em todas as etapas do desenvolvimento do trabalho foi um fator facilitador de todo processo.

Apresentaremos a seguir as conclusões deste estudo:

1. A primeira confirmação deste estudo, como já citado anteriormente no segundo capítulo, é que o número de trabalhadores da construção civil em Bertioga é bem maior do que os 156 trabalhadores registrados oficialmente no Relatório Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS, 2003). O estudo em apenas duas pequenas, de alta concentração de construção de residências secundárias, identificou 930 trabalhadores, que atuavam em 29 obras localizadas no módulo 2 do Loteamento da Riviera de São Lourenço e do bairro de Maitinga. (tabela 3)

2. A segunda confirmação é que o setor da construção civil criou e continua contribuindo com o fluxo migratório de Bertioga, mantendo em 11,70% a taxa geométrica de crescimento anual, considerada uma das mais altas do Estado de São Paulo (IBGE, 2000).

Nesse sentido, constatamos que todos os trabalhadores entrevistados eram migrantes, na sua maioria nordestinos e que chegaram em Bertioga, vindos muitas vezes diretamente da sua cidade de nascimento para trabalhar no setor da construção civil. (tabelas 3, 4, 5 e 6)

A expulsão gerada pela falta de trabalho no local de origem, (quadro 1) a instabilidade decorrente do emprego provisório no setor da construção civil no local de chegada, (tabela 19) são fatores que fortalecem a intenção de grande parte dos trabalhadores de permanecer na cidade de Bertioga, (tabela 20) e faz com que o setor da construção civil se torne um fator determinante do crescimento desordenado da cidade.

3. Os dados obtidos neste estudo permitiram traçar um perfil do cidadão trabalhador da construção civil de Bertioga com dados sobre idade, sexo, cor da pele, participação, migração, condições de trabalho e moradia. Esperamos que seja uma contribuição para romper com a "invisibilidade oficial" imposta a esses trabalhadores.

4. O estudo das representações sociais sobre o trabalho na trajetória na vida de trabalhador da construção civil de Bertioga nos permitiu perceber os vários e muitas vezes, contraditórios significados da categoria trabalho para a vida destes cidadãos: o trabalho enquanto mera estratégia de sobrevivência; o trabalho enquanto provocador de deslocamentos e impondo o distanciamento da família; o trabalho enquanto oportunidade de ser um profissional respeitado, entre outros. No entanto, quase todos expressam o quanto o trabalho é pesado e como gostariam de ter possibilidade de estudar para melhorar as condições de vida e trabalho.

O processo que a estratégia município saudável, como um projeto estruturante do campo da saúde, desencadeia um processo tem como fundamento a concepção de saúde como vida em constante transformação. Tal fato orienta para a inclusão de todos os setores governamentais, não governamentais e privados e atores da sociedade se

associem para o desenvolvimento de ações necessárias para produzir saúde socialmente, melhorando a qualidade de vida da população. Trata de superar o papel tradicional do setor saúde de curar e prevenir doenças. Neste sentido o trabalhador da construção civil deve ser inserido como um ator de grande importância, ao lado dos representantes do governo local, empresários, sindicatos, entidades da sociedade civil, organizações não governamentais e outros grupos sociais.

Assim na perspectiva da Promoção da Saúde, visando contribuir com os atores compromissados com o projeto de transformar Bertioga em um município saudável apresentamos algumas propostas que poderiam colaborar para melhorar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores da construção civil da cidade.

As políticas locais podem ter um efeito muito grande na melhoria das condições de vida dos municípios, apesar de "não estarmos acostumados a olhar o município como espaço social e econômico integrado, ou seja, como unidade de acumulação" e de pensarmos sempre nas grandes políticas como solução (Dowbor, 2001).

A saúde como um conceito positivo, tratada desde o nível local até o nacional, como uma política pública saudável inclusiva, poderá colaborar para que o trabalhador da construção civil vá conquistando sua cidadania, com propostas de ações intersetoriais, baseadas em parcerias e alianças. A elaboração de uma política econômica coerente com as condições concretas de vida dos grupos sociais locais poderá gerar um processo articulado de desenvolvimento comprometido com a melhoria da qualidade de vida da população.

Para concluir, diante do contexto de vida, das condições de trabalho, do perfil do cidadão trabalhador da construção civil de Bertioga e da atuação do setor no município sugerimos a elaboração de uma política pública municipal para o trabalhador da construção civil que contemple: a criação de cooperativas de prestação de serviços de manutenção e construção de residências, política habitacional específica para esta categoria profissional no plano diretor da cidade, regulamentação municipal para contratação de trabalhadores pelos grandes empreendimentos imobiliários e programas de formação e capacitação profissional para os cidadãos trabalhadores da construção civil de Bertioga.

Ainda vale ressaltar que a situação dos trabalhadores da construção civil de Bertioga não é um evento local, desarticulado das políticas econômicas e de desenvolvimento, nacionais. Neste sentido é necessário dar visibilidade a questão, para que ela se torne um mote para a resolução dos problemas das desigualdades regionais do país , que uma vez mantida não colabora para a construção da necessária equidade em nível nacional.

Bibliografia

1. ABRASCO. Qualidade de vida e saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva** 2000.
2. Almeida NF, Paim JS. **A crise da Saúde Pública e a utopia da saúde coletiva**. Salvador (BA): Casa da Qualidade; 2000.
3. Andrade L, Barreto ICHC. Promoção da Saúde e Cidades/Municípios Saudáveis: propostas de articulação entre saúde e ambiente. In: Minayo MCS, Miranda, AC, organizadores. **Saúde e Ambiente sustentável: estreitando nós**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2002.
4. Arai VJ. **Análise de um processo participativo na experiência de implantação de um projeto Município Saudável**. São Paulo; 2002. [Tese de Mestrado - Faculdade de Saúde Pública da USP].
5. Arai VJ, Caricari AM. **Levantamento preliminar do tecido social no município de Bertioga**. Prefeitura Municipal de Bertioga, Faculdade de Saúde Pública da USP, mimeo, 2000.
6. Berlinguer G. Globalização e Saúde global. Dossiê Saúde Pública. Universidade de São Paulo. **Estudos Avançados** 1999; 13(35): 21-38.
7. Bertioga (Município). Herjack – Engenharia S/C Ltda. **Diagnóstico para assentamentos subnormais do Município de Bertioga**. Bertioga, 2002.
8. Bertioga; Prefeitura Municipal. **Diagnóstico de saúde do município de Bertioga**. (xerocopiado). Bertioga, 1999.
9. Biocca M. **La comunicazione sul rischio per la salute: nel teatro di sagredo**. Torino: Centro Scientifico Editore;2002
10. Blanes, DN. **O trabalhador acidentado na construção civil - sua trajetória na busca de seus direitos**. São Paulo; 1992. [tese de mestrado – PUC – São Paulo]
11. Bravermann H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**.

- 12.**Brandão CR. A pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez; 2003.
- 13.**Briceño-León R, Minayo MCS, Coimbra CEA (coord) **Salud y equidad: una mirada desde las ciencias sociales.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2000.
- 14.**Buss PM. Uma introdução ao conceito de Promoção da Saúde. In: Czeresnia D, Freitas CM. (orgs) **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões.** Rio de Janeiro: editora Fiocruz; 2003.
- 15.**Bustos Cara R. El turismo y los procesos de transformacion territorial. In: Turismo: **Espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec; 2001.
- 16.**Caricari, A M. Arai, V. et. al. Primeira Oficina de trabalho do Projeto Bertioga Município Saudável. **Relatório.** Prefeitura Municipal de Bertioga – Faculdade de Saúde Publica da USP, 2000.
- 17.**Carvalho AI. Da Saúde Pública às políticas saudáveis. Saúde e Cidadania na Pós-Modernidade. **Cienc. saúde coletiva** 1996; 1(1): 104-21.
- 18.**Carvalho JAM. O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na década de 80. In: Patarra NL, coordenador. **Migrações internacionais – Herança XX, Agenda XXI.** São Paulo: FNUAP; 1996.
- 19.**Campos, G.W.S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda.** São Paulo: Hucitec, 2000.
- 20.**Cepedoc, Centro de Estudos, pesquisa e documentação sobre cidades saudáveis da FSPUSP. Subsídios para revisão do Plano Diretor de Bertioga à luz do Estatuto da Cidade: contribuição dos membros da sociedade civil por meio do Projeto Bertioga Município Saudável. **Relatório** (mimeo). São Paulo, 2002.
- 21.**Cepedoc. **Projeto de Apoio ao Movimento de Municípios Saudáveis no Estado de São Paulo. Relatório de Avaliação,** 2003 (mimeo).
- 22.**Czeresnia D, Freitas CM. (orgs) **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões.** Rio de Janeiro: editora Fiocruz; 2003.

- 23.**Comarú FA. **Políticas de habitação e desenvolvimento urbano em municípios saudáveis: o caso de Bertioga.** São Paulo; 2004 [tese de doutorado – Faculdade de Saúde Pública da USP].
- 24.**Cruz RCC. **Política de Turismo e Território.** 2ª ed. São Paulo: Contexto; 2001.
- 25.**Damiani AL. Turismo e lazer em espaços urbanos. In: Rodrigues AB (org.). Turismo. Modernidade, globalização. São Paulo: Hucitec, 1997.
- 26.**Dieese. **Indústria da construção civil de Jaraguá do Sul: diagnóstico e opinião dos Trabalhadores,** Escritório Regional de Santa Catarina, 2003.
- 27.**Dornelas SM. Um flagrante na clandestinidade. **Travessia** 1998; 11(30): 30-3.
- 28.**Dowbor L. O que acontece com o trabalho? (documento preliminar para discussão). 2001. Artigo online – <http://www.ppbr.com/ld/artigos.asp>
- 29.**Duarte CMR. Equidade na legislação: um princípio do sistema de saúde brasileiro? **Cienc. saúde coletiva** 2000; 5(2).
- 30.** Farah MFS. **Processo de trabalho na construção habitacional: Tradição e Mudança.** São Paulo: Annablume/Fapesp; 1996.
- 31.**Ferraz ST. A pertinência da adoção da filosofia de cidades saudáveis no Brasil. **Saúde debate** 1993; 41(dez).
- 32.**Ferraz ST. **Cidades Saudáveis: uma urbanidade para 2000.** Brasília: Paralelo 15; 1999.
- 33.**Ferreira JR, Buss PM. Atenção primária e promoção da saúde. **Promoção da Saúde.** Ministério da Saúde; 2001.
- 34.**Ferreira JR, Buss PM. O que o desenvolvimento local tem a ver com a Promoção da Saúde? In: Zancan L, Bodstein R, Marcondes W (orgs) **Promoção da Saúde como caminho para o desenvolvimento local.** Abrasco/Fiocruz, 2002.
- 35.**Fleury ACC, Vargas N, coordenadores **Organização do trabalho: uma abordagem interdisciplinar: sete casos brasileiros para estudo.** São Paulo: Atlas; 1983.

- 36.** Fundação Europeia para Melhoria das condições de Vida e de Trabalho. **Promoção da Saúde no Trabalho na Europa.** Luxemburgo, Serviços das publicações oficiais das Comunidades Europeias, 1998.
- 37.** Fundação IBGE. **Censo demográfico 2000: resultados preliminares.** São Paulo: IBGE; 2002.
- 38.** Fundação IBGE. **Contagem da População da População 1996 e Malha Municipal do Brasil 1997.** São Paulo: IBGE; 1998.
- 39.** Fundação IBGE. **Estatísticas do Século XX.** São Paulo: IBGE; 2004.
- 40.** Fundação SEADE. **Perfil Municipal, 2001.** São Paulo: Fundação SEADE; 2001.
- 41.** Fundação SEADE. **Pesquisa da Atividade Econômica Paulista.** São Paulo: Fundação SEADE; 2001.
- 42.** Gerschman SA. **Democracia Inconclusa: um estudo da reforma sanitária brasileira.** Rio de Janeiro: Fiocruz; 1995.
- 43.** Gomez CM, Costa SMFT. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cad. saúde pública** 1997; 13 (Supl. 2): 21-32.
- 44.** Heimann LS, Carvalheiro JR, Donato AF, Ibanhes LC, Lobo EF, Pessoto UC. **O Município e a Saúde.** São Paulo: Hucitec; 1992.
- 45.** Ianni O. O mundo do trabalho. **Rev. Fund. Seade, São Paulo Perspec;** 1994 8(1).
- 46.** Jannuzzi, PM. **Migração e mobilidade social: Migrantes no mercado de trabalho paulista.** Campinas: Autores Associados; 2000.
- 47.** Koga D. **Medidas de cidades entre territórios de vida e territórios vividos.** São Paulo: Cortez; 2003.
- 48.** Lacaz FAC. Saúde dos trabalhadores: cenário e desafios. **Cad. de saúde pública** 1997; 13 Supl. 2: 7-19.
- 49.** Lefèvre F, Lefèvre AMC, Teixeira JJV. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa.** Caxias do Sul : EDUCS; 2000.

- 50.**Lefèvre F. **Doença, decifra-me ou devoro-te. O dilema da promoção da saúde. Mitologia Sanitária.** São Paulo: EDUSP; 1999
- 51.** Lefèvre, AM & Lefèvre F. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Caxias do Sul: Educs; 2003.
- 52.**Lüdke M, André M, editores. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU; 1986.
- 53.**Luchiani, MTDP. Urbanização turística – um novo nexu entre o lugar e o mundo. In: Lima LC (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico.** Fortaleza: UECE; 1998.
- 54.**Maricato E. **Brasil, Cidades: alternativas para a crise urbana.** Petrópolis (RJ): Vozes; 2001.
- 55.**Maricato E. **Indústria da construção e política habitacional.** São Paulo; 1984. [Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP].
- 56.**Maricato, E. **Habitação e Cidade.** São Paulo: Atual; 1997.
- 57.**Martine G. **A mobilidade geográfica da população brasileira: tendências recentes e perspectivas.** [Apresentado ao Seminário: Dinâmica Demográfica e Desenvolvimento; 1993; Rio de Janeiro, (BR)] Mimeo.
- 58.**Martins JS. O problema das migrações no limiar do Terceiro Milênio. In: Martins JS. **O fenômeno migratório no limiar do 3º. Milênio: Desafios Pastorais.** Petrópolis: Vozes; 1998. p. 19-34.
- 59.**Minayo MCS, organizador. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** . Petrópolis: Vozes; 1994.
- 60.** Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco,1992.
- 61.**Ministério da Saúde. **Norma Operacional Básica – SUS n. 1/96.** Brasília (DF): Diário Oficial da União; 1996.

- 62.Ministério da Saúde. **Promoção da Saúde**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2001
- 63.Mendes EVM. **Uma agenda para a Saúde**.São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco;1996.
- 64.Mendes R. **Cidades Saudáveis no Brasil e os processos participativos: os casos de Jundiá e Maceió**. São Paulo; 2000. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP].
- 65.Naja AL, Marques EC, organizadores. **Saúde e espaço: estudos metodológicos e técnicas de análise**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1998.
- 66.Pinheiro AB. **As marmitas da pobreza: um estudo de caso com os trabalhadores da construção civil**. Rio de Janeiro, 1987. [tese de mestrado da Escola Nacional de Saúde Pública]
- 67.Prefeitura do Município de Bertioga. Secretaria de Planejamento e Obras - **Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentado de Bertioga**. Bertioga: Prefeitura Municipal de Bertioga; 1998.
- 68.Prefeitura Municipal de Bertioga. **Diagnóstico de saúde do Município de Bertioga**. Bertioga: Prefeitura Municipal de Bertioga; 1999. Mimeo.
- 69.Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília (DF): Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 1996.
- 70.Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório sobre o desenvolvimento humano**. Brasília (DF): Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 1999.
- 71.Projeto Bertioga Município Saudável. **Relatório da Pesquisa Exploratória do Projeto Bertioga Município Saudável**. Bertioga; 2000 abr.. Mimeo
- 72.Projeto Bertioga Município Saudável. **Relatório das Oficinas do Futuro do Projeto Bertioga Município Saudável**. Bertioga; 2000 nov.. Mimeo.

- 73.**Projeto Bertioga Município Saudável. **Relatório das Oficinas Regionais do Projeto Bertioga Município Saudável.** Bertioga; 2000 agost.. Mimeo.
- 74.** Projeto SESI na Indústria da Construção. **Diagnóstico da mão de obra do setor da construção civil.** 2ª ed. Brasília: Sesi DN; 1998.
- 75.**Relatório Anual de Informações sociais – RAIS – Ministério do Trabalho e emprego, 2002.
- 76.**Rattner H. Tramas – **Trabalho, meio ambiente e saúde: uma introdução.** In: **Trabalho, meio ambiente e saúde: uma abordagem interdisciplinar.** [Material produzido para o 3º Fórum social Mundial Porto Alegre - Grupo Tramas; 2003 jan; Porto Alegre].
- 77.**Rocha LE, Rigotto RM, Buschinelli JTP, organizadores. **Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil.** São Paulo: Vozes; 1993.
- 78.**Santos M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Editora Hucitec; 1994.
- 79.** Santos M. **A urbanização brasileira.** 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec; 1996.
- 80.**Santos M. **Espaço e método.** 4ª ed. São Paulo: Nobel; 1996.
- 81.**Saule Junior N, organizador. **Direito à cidade: trilhas legais para o direito às cidades sustentáveis. POLIS – Instituto de Formação e Estudos em Políticas Sociais.** São Paulo: Max Limonad; 1999.
- 82.**Sawyer D. Migração e meio ambiente. Para onde vamos? **Travessia** 1997; 10(28): 5-9.
- 83.**Secretaria de Saúde de Bertioga. **Relatório da Diretoria da Vigilância Epidemiológica e Sanitária da Secretaria de Saúde de Bertioga.** Bertioga; 2002. Mimeo.
- 84.**Serapione M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias de integração. **Cienc. saúde coletiva** 2000; 5 (1): 187-92.

- 85.**Spolle MV. **O fim do alojamento na construção civil: uma "porta de entrada" a menos para o migrante na metrópole.** São Paulo, 2001. [tese de mestrado da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP].
- 86.**Suwabe MH. **O desenvolvimento Turístico de Bertioga: uma abordagem sobre os Assentamentos de Residências Secundária, TGI-II.** São Paulo: Depto de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 1998.
- 87.**Tambellini AT. Desafios Teóricos na relação produção, ambiente e Saúde. In: Porto MFS, Freitas CM, organizadores. **Problemas ambientais e vulnerabilidades: abordagens integradoras para o campo da Saúde Pública.** Rio de Janeiro: CESTEH /ENSP/FIOCRUZ; 2002.
- 88.**Trevisan SP. Ciência, meio ambiente e qualidade de vida: uma proposta de pesquisa para uma universidade comprometida com sua comunidade. **Cienc. saúde coletiva** 2000; 5(1): 179-86.
- 89.**Tulik O. **Praia do Góis e Prainha Branca: Núcleos de Periferia Urbana na Baixada Santista.** São Paulo: Fundo de Pesquisa do Museu Paulista; 1981. [Coleção Museu Paulista. Geografia. Vol.1. Edição do Fundo de Pesquisa do Museu Paulista da USP].
- 90.**Tulik O. **Turismo e meios de hospedagem: casa de Temporada.**São Paulo: Roca, 2001.
- 91.**Vargas N. Racionalidade e Não-Racionalização: o caso da construção habitacional. In: Fleury ACC, Vargas N. **Organização do Trabalho: uma abordagem interdisciplinar: sete casos brasileiros para estudo.** São Paulo: Atlas, 1983.
- 92.**Westphal MF, Santos JLF. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade, **Rev. estudos avançados** 1999; 13(35).
- 93.**Westphal MF, Ziglio E. Políticas Públicas e investimentos: a intersetorialidade. In: **O Município no século XXI: cenários e perspectivas.** São Paulo: CEPAM; 1999.
- 94.**Westphal MF. Municípios Saudáveis: aspectos conceituais. **Saúde soc** 1997; 6(2).

95.Yáziqi E, Carlos AFA, Cruz RCA. **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 1999.

96.Zancan L, Bodstein R, Marcondes W (orgs) **Promoção da Saúde como caminho para o desenvolvimento local.** Abrasco/Fiocruz, 2002.

Leis

Brasil (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.** 27ª.edição: São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.

Bertioga (Município): **Lei 315-98 que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentado.** Bertioga, 1998.

Anexos

Anexo I

Faculdade de Saúde Pública – USP

As condições de vida e de trabalho dos trabalhadores da indústria da construção civil, na perspectiva da promoção da saúde: o caso de Bertioga.

Instrumento 01 : Levantamento das obras de construção civil do Bairro de Maitinga e módulo 2 do Loteamento Riviera de São Lourenço, bairro São Lourenço - Bertioga - SP

1.Nome da construtora: _____

2.Nome do empreendimento: _____

3. Tipo de construção:

prédio casa 02 pavimentos 03 pavimentos outro

4. Endereço da obra: Rua /Avenida _____

Nº ____ Referência de Localização: _____

5. Quantos trabalhadores trabalham na obra atualmente? _____

6. Qual a procedência da maioria dos trabalhadores? _____

7. Tipo de contrato: _____

8. Responsável pelos trabalhadores: _____ **Telefone:** _____

9. Melhor horário para entrevista: _____

10. Em que etapa está a obra ? (cada etapa/ número de operários / diferentes especializações)

Locação:(colocação de piquetes) **Fundação:**(colocação de estacas:embaixo da terra)

Estrutura: (pilares, vigas, lajes: para cima da terra);

Alvenaria e vedações: (colocação de tijolos, etc.);

Acabamentos: (revestimentos, azulejos, piso, pintura,etc.).

Anexo II

Faculdade de Saúde Pública - USP

Pesquisa: As condições de vida e trabalho dos trabalhadores do setor da construção civil, na perspectiva da promoção da saúde: o caso de Bertioga.

Instrumento N.º02

N.º

Área:

OBRA :

1.Tipo: () casa () prédio () outra _____

2.Endereço: Rua / Av. _____ N.º _____

Bairro: _____

Referência da localização: _____

3..Responsabilidade pela construção:

a) () Proprietário b) () Construtora c) () Outros _____

Endereço: Av./Rua _____ N.º _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: () _____

4. **Obra autorizada pela prefeitura:** sim () não ()

5. Caso não esteja autorizada, vai pedir regularização?

6. NÚMERO DE TRABALHADORES:

Quantos trabalhadores estão trabalhando na obra?

7. IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES:

7.1. Nome: _____

Sexo M () F () Data de Nascimento ____/____/____ Idade ____

7.2. Profissão: _____

7.3. Função na obra: _____

8. Endereços do trabalhador:

1º Endereço

Av./Rua _____ Nº _____

Bairro _____ Cidade _____

Estado _____ Telefone () _____

2º Endereço: (caso o trabalhador esteja morando na obra)

Av./Rua _____ Nº _____

Bairro _____ Cidade _____

Estado _____ Telefone () _____

Obs: _____

Pesquisadores:

1. _____

Data: __/__/2003

2. _____

Anexo III

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE PRÁTICA DE SAÚDE PÚBLICA

Pesquisa: *As condições de vida e trabalho dos trabalhadores do setor da construção civil, na perspectiva da promoção da saúde: o caso de Bertioga.*

Questionário

Objetivo: construir um painel das condições de vida e de trabalho dos trabalhadores da construção civil de Bertioga

IMPORTANTE

TODAS AS INFORMAÇÕES PRESTADAS SÃO SIGILOSAS E PERTENCEM À UNIVERSIDADE. A DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS SERÁ REALIZADA QUANDO A ANÁLISE ESTIVER FINALIZADA.

O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA NÃO É OBRIGATÓRIO.

AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO DE TODOS QUE RESPONDEREM AO QUESTIONÁRIO.

JULHO 2003

Instrumento N º 03

Nº

Área:

1. Localização do Domicílio:

Endereço: Av./Rua _____ Nº _____

Bairro _____ **Cidade** _____ **Estado** _____

Os itens 2 e 3 devem ser preenchidos segundo a impressão do pesquisador

2. Características Físicas da Via de Acesso *(Facilidades e dificuldades)*

.....
.....

3. Características Físicas do Domicílio *(paredes, telhado, teto, insolação, etc.)*

.....
.....

Pesquisadores:

1. _____

2. _____

Data: ____/____/2003

Bloco A – Identificação do Trabalhador (respostas do entrevistado)

A.1. Qual o seu nome?:

A.2. Qual a data do seu nascimento? _____ / _____ /19 _____

A.3. Qual a sua idade? _____ (anos).

A.4. Sexo: [1] M () 2] F()

A.5. Qual a sua cor? 1]Amarela() 2]Branca ()3] Negra()4] Parda()

A.6. Em que cidade você nasceu?.....

A.7. Em que Estado fica esta cidade?

A.8. Você freqüentou a escola? 1] Sim () 2] Não ()

A.9. Até que série /ano da escola você freqüentou?.....

Importante: Especificar ano/série e grau de ensino:

* 1ª a 8ª ano/série – Ensino Fundamental

* Curso de alfabetização

*1ª a 3ª ano/série – Ensino Médio

* Supletivo

*Ensino Superior (especificar ano e curso)

A.10. Em que cidade / Estado foi a sua última residência?

Cidade..... Estado.....

A.11. Em que cidade / Estado é sua residência atual ?

Cidade..... Estado.....

Se residir em Bertiooga fazer as questões A 15 e A 16

A.12. Há quanto tempo mora em Bertiooga? _____anos _____meses

A.13. Onde mora em Bertiooga? Av./Rua

N.º..... Bairro.....

Residência: () Alojamento: ()

Observações:.....

Bloco B – Aspectos de Migração

B.1. Em que ano você saiu da cidade /lugar onde você nasceu?.....

B.2. Porque você saiu da sua cidade? Pense em 3 motivos e me diga:

- 1] Falta de emprego ()
- 2] Queria conhecer outras cidades ()
- 3] Salário Baixo ()
- 4] Outros () Quais?
 - a.
 - b.
 - c.

B.3. Alguém ou alguma coisa ajudou você a sair da sua cidade / lugar?

- 1] Recebeu uma proposta de emprego ()
- 2] Recebeu um convite de um parente ()
- 3] Saiu por conta própria ()
- 4] Outro ? () Qual?.....

B.4. Você sente saudade do lugar/ cidade onde você nasceu? 1] Sim () 2] Não()

(SE NÃO VÁ PARA A PERGUNTA B. 7)

B.5. Do que você sente saudade do lugar /cidade onde nasceu?

- 1]
- 2]
- 3]

B.6. O que você faz para matar a saudade do lugar /cidade onde nasceu?

- 1]
- 2]
- 3]

B.7. O que você mais gosta do lugar /cidade onde você nasceu?

- 1]
- 2]
- 3]

B.8. O que você não gosta do lugar /cidade onde você nasceu?

- 1].....
- 2].....
- 3].....

Observações:.....
.....

Bloco C – Trabalho e Salário

1. Historia Ocupacional

Por favor, pense em todos os trabalhos que o você já teve e tente lembrar as principais mudanças que aconteceram. Agora, responda perguntas seguintes:

C.1. Há quanto tempo você trabalha na construção civil?.....

Tempo total de trabalho na construção civil. ____ Anos ____ Meses

C.2. Qual é o nome da sua atual função?

C.3. Descreva o que você faz nesta função atual:.....

C.4. Há quanto tempo você trabalha nesta função? ____ anos ____ meses ____ dias

C.5. Como você veio trabalhar nesta obra?

- [1] alguém indicou () [2] passou pela obra ()
[3] leu um anuncio () [4] alguém foi te buscar () Quem?.....
[5] outro. Qual?

C.6. Você já trabalhou em outra função nesta empresa? **1]** Sim () **2]** Não ()

1] Função: Quanto tempo? ____ anos ____ meses ____ dias

2] Função: Quanto tempo? ____ anos ____ meses ____ dias

3] Função: Quanto tempo? ____ anos ____ meses ____ dias

C. 7. TRABALHO Nº 1

Quando começou a trabalhar no seu primeiro emprego?

Você trabalhou no primeiro emprego do: ano 19 [][] ao: ano 19[][]

dos : idade [][] aos: idade [][]

1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)

.....

2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....

3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()

4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....

5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)

.....

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 2, anote a razão:

.....

C. 8. TRABALHO Nº 2

Quando começou a trabalhar no seu segundo emprego?

Você trabalhou no segundo emprego do: ano 19 [] [] ao: ano 19 [] []

dos : idade [] [] aos: idade [] []

- 1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)
.....
- 2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....
- 3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()
- 4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....
- 5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)
.....

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 3, anote a razão:

.....

C. 9. TRABALHO Nº 3

Quando começou a trabalhar no seu terceiro emprego?

Você trabalhou no terceiro emprego do: ano 19 [] [] ao: ano 19 [] []

dos : idade [] [] aos: idade [] []

- 1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)
.....
- 2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....
- 3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()
- 4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....
- 5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)
.....

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 4, anote a razão:

.....

C. 10. TRABALHO Nº 4:

Quando começou a trabalhar no seu quarto emprego?

Você trabalhou no quarto emprego do: ano 19 [] [] ao: ano 19 [] []

dos : idade [] [] aos: idade [] []

- 1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)
.....
- 2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....
- 3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()
- 4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....

5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)
.....

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 5, anote a razão:
.....

C. 11. TRABALHO Nº 5

Quando começou a trabalhar no seu quinto emprego?

Você trabalhou no quinto emprego do: ano 19 [] [] ao: ano 19 [] []

dos : idade [] [] aos: idade [] []

1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)
.....

2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....

3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()

4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....

5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)
.....

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 6, anote a razão:
.....

C. 12. TRABALHO Nº 6

Quando começou a trabalhar no seu sexto emprego?

Você trabalhou no sexto emprego do: ano 19 [] [] ao: ano 19 [] []

dos : idade [] [] aos: idade [] []

1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)
.....

2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....

3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()

4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....

5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)
.....

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 7, anote a razão:
.....

C. 13. TRABALHO Nº 7

Quando começou a trabalhar no seu sétimo emprego?

Você trabalhou no sétimo emprego do: ano 19 [] [] ao: ano 19 [] []

dos : idade [] [] aos: idade [] []

1] O que você fazia? (*Descrever detalhadamente a ocupação*)

2] Quem era o seu patrão? (*Construtora / Empregador / Autônomo*).....

3] Você tinha carteira assinada? Sim () Não ()

4] Em que cidade você trabalhava?..... Em que Estado?.....

5] Em que setor de produção era o trabalho? (*classificação feita pelo pesquisador*)

Se há um período sem ocupação antes do trabalho 8, anote a razão:

Se houver mais que 07 trabalhos, use a folha complementar

C.14. Durante algum dos trabalhos que teve, necessitou parar de trabalhar por um período por motivo de doença? 1] Sim () [2] Não () (**Se não, vá para a questão c.15**)

A. Se sim, em qual trabalho?..... Trabalho n.º []

Quando? Do ano 19 [] [] ao ano [] []

Quanto tempo? ____anos ____meses ____dias

B. Se sim, em qual trabalho?.....Trabalho n.º []

Quando? Do ano 19 [] [] ao ano [] []

Quanto tempo? ____anos ____meses ____dias

C. Se sim, em qual trabalho?.....Trabalho n.º []

Quando? Do ano 19 [] [] ao ano [] []

Quanto tempo? ____anos ____meses ____dias

C.15. Quando terminar este trabalho, para onde (cidade / Estado) você vai ou pretende ir trabalhar?.....

C.16. O que você vai fazer ou pretende fazer no novo trabalho?

C.17. Você já sofreu algum acidente de trabalho?

1] Sim () 2] Não () (**SE NÃO, VÁ PARA A QUESTÃO C 27**)

C.18. Que tipo de acidente você sofreu?

C.19. Em que atividade você sofreu o acidente?

C.20. Você ficou afastado? 1] Sim () 2] Não ()

C.21. Quanto tempo você ficou afastado do trabalho? ____Anos__ Meses __ Dias

C.22. Você sofreu algum acidente de trabalho no ano de 2002? 1] Sim () 2] Não ()

C.23. Que tipo de acidente você sofreu?

C.24. Em que atividade você sofreu o acidente?

C.25. Você ficou afastado? 1] Sim () 2] Não ()

C.26. Quanto tempo você ficou afastado do trabalho? ____ Anos __ Meses __ Dias

Observações:.....

3. Condições de Trabalho

C.27. Qual seu vínculo empregatício? (**Há possibilidade de marcar mais de uma alternativa**)

- 1] () Registro em carteira a] () diarista b] () mensalista
- 2] () Sem registro
- 3] () contrato por empreitada
- 4] () contrato por trabalho (definir)
- 5] () Contrato por obra (definir)
- 6] () Outro. Qual?

C.28. Você é contratado por quem? (pessoa, firma ou empresa)

4. Jornada de trabalho:

C.29. Qual seu horário de trabalho?

Das ____às ____horas, com intervalo de ____ hora(s) almoço.

C.30. Quantas horas você trabalha por dia? (**PARA ANOTAÇÃO DO PESQUISADOR**)

- 1] 08 horas ()
- 2] mais de 08 horas ()
- 3] menos de 08 horas ()
- 4] outro. Qual?

5. Horas Extras

C.31. Você faz horas extras? **1]** Sim () **2]** não () **(SE NÃO, VÁ PARA QUESTÃO C.34)**

C.32. Quantas horas extras você faz ?

1] Diárias _____ horas

2] Semanais _____ horas

3] Mensais _____ horas

4] outro. Qual? _____ horas

C.33. Quantas horas extras você fez no último mês? _____ horas

Observação:.....

6. Remuneração

C.34. Qual o seu salário no emprego anterior?

1] Mensal R\$

2] Quinzenal R\$

3] Semanal R\$.....

4] Outro. Qual?..... R\$.....

C.35. Qual é seu salário atual?

1] Mensal R\$

2] Quinzenal R\$

3] Semanal R\$.....

4] Outro. Qual?..... R\$.....

C.36. (Só para quem faz horas extras) Quanto você recebe por horas extras?

1] Mensal R\$

2] Quinzenal R\$

3] Semanal R\$.....

4] Outro. Qual?..... R\$.....

C.37. Você recebe algum prêmio em dinheiro ? **1]** Sim () **2]** Não ()

Se recebe, qual o valor?

1] Mensal R\$

2] Quinzenal R\$

3] Semanal R\$.....

4] outro. Qual? R\$.....

C.38. Quantas pessoas dependem dos seus rendimentos (incluindo companheira, filhos, parentes)?pessoas

C.39. Em que data e quanto foi seu último aumento salarial ?

Data:..... Valor / % do aumento:.....

Observação:.....

7. Previdência Social:

C.40. Você tem algum desconto no seu salário para a previdência social?

1] Sim ()

2] Não ()

Se sim: **a]** Como empregado () **[b]** como autônomo ()

Observação:.....

C. 49. Na sua opinião, você tem algum problema que dificulta o seu trabalho?

1] Sim () **Se sim, qual (is)?**

2] Não ()

- 1]**
- 2]**
- 3]**

C.50. As equipes de trabalho são sempre as mesmas? **1]** Sim () **4]** Não ()

Se mudam, porque acontecem as mudanças de equipes de trabalho?

- 1]**
- 2]**
- 3]**

C.51. Há quanto tempo você trabalha nesta empresa? __ano(s) __meses __ dias

C.52. Em quantas obras desta empresa você trabalhou durante este tempo?obras

C.53. O que acontece geralmente com os trabalhadores a cada final de obra?

- 1]** vão trabalhar em outra obra da empresa ()
- 2]** vão trabalhar em outra empresa ()
- 3]** são dispensados ()
- 4]** outro. Qual?

C.54. Quando o patrão ou o encarregado acha que o trabalhador fez alguma coisa errada, o que acontece? Cite 3 exemplos:

- 1]**
- 2]**
- 3]**

Observações:.....

Um dia na vida do trabalhador da construção civil

C.55. O que você fez ontem no seu dia?

1.Em casa / alojamento, ao acordar:

- 1]** Horário: **das** **às**
- 2]** Atividade:.....
- 3]** Ferramenta / equipamento:.....
- 4]** Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

2. Em casa / alojamento, antes de ir ao trabalho:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

3. Ida ao trabalho:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

4. No trabalho, ao chegar:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

5. No trabalho:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

6. Almoço:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Local:.....
- 3] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

7. No trabalho, depois do almoço:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

8. No trabalho:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

9. Lanche:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Local:.....
- 3] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:.....

10. No trabalho, depois do lanche:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

11. Depois do trabalho, antes do jantar:

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

12. Jantar :

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Local:.....
- 3] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:.....

13. Depois do Jantar :

- 1] Horário: *das* *às*
- 2] Atividade:.....
- 3] Ferramenta / equipamento:.....
- 4] Com quem?.....

Comentário do trabalhador:

Observação:.....

Bloco D –Moradia e Família

D.1. Com quem você mora?

- 1] com a família todos os dias () [ir para D.2 e não fazer de D.9 a D.14]
- 2] no alojamento durante a semana/ família fim de semana() [ir para D.2]
- 3] sempre em alojamentos () [ir para D. 9]
- 4] outro. Qual?

D.2. A casa onde você mora é:

- 1] própria () 2] aluguel () 3] emprestada ()
- 4] alojamento no Município de Bertiooga () (ir para questão D.9.)
- 5] outro

D.3. Quantos cômodos têm sua casa ?

- 1]um ()2]dois () 3]três () 4]quatro () 5]mais de 4 ()6] outro _____

D.4. Quantas pessoas moram na sua casa?

- 1]uma () 2]duas () 3]três () 4]quatro () 5]outro () __Pessoas.

D.5. A casa que você mora tem água encanada?

- 1]Sim () 2]Não () 3]outro ()

D.6. Como é o esgoto da sua casa?

- 1] Ligado a rede pública () 2] Fossa ()
- 3] Lançado a céu aberto na vala ou rio () 4] Outro

D.7. Quanto tempo você demora para chegar da sua casa ao trabalho?

_____Horas _____minutos. Outro _____

D.8. Na sua casa tem:

- 1] Geladeira () 5] Forno microondas ()
- 2] Televisão () 6] Vídeo ()
- 3] Aparelho de som com CD () 7] Maquina de lavar roupa ()
- 4] Microcomputador () 8] outros() Quais?.....

Alojamento(só para os que moram no alojamento durante a semana ou sempre)

D.9.Quantos cômodos têm o alojamento?

- 1]um () 2]dois () 3]três () 4]quatro () 5]mais de 4 () 6]outro _____

D.10. Quantas pessoas moram no alojamento?

- 1] menos de 5 ()
- 2] de 5 a 10 pessoas ()
- 3] de 10 a 15 pessoas ()
- 4] de 15 a 20 pessoas ()
- 5] outro () pessoas.

D.11. O alojamento que você mora tem água encanada?

1] Sim () 2] Não () 3] outro ()

D.12. Como é o esgoto do alojamento?

1] Ligado a rede pública () 2] Fossa ()
3] Lançado a céu aberto na vala ou rio () 4] Outro

D.13. Quanto tempo você demora para ir do alojamento para o seu trabalho?

_____ Horas _____ minutos. Outro _____

D.14. No alojamento tem:

1] Geladeira () 4] Forno microondas ()
2] Televisão () 5] Vídeo ()
3] Aparelho de som com CD () 6] Máquina de lavar roupa ()
7] outros. Quais?

Composição familiar

D.15. Qual o seu estado civil?

1] solteiro () 2] casado () 3] vivendo junto ()
4] separado (desquitado / divorciado) () 5] viúvo ()
6] outro. Qual?.....

D.16. Você tem filhos? 1] Sim () 2] Não () (*SE NÃO VÁ PARA A PERGUNTA.D.18*).

D.17. Quantos filhos você tem? _____ filhos.

D.18. Família

Orientação: Este quadro deve ser preenchido segundo a referencia familiar do trabalhador. Ex.: Você tem pai vivo? Qual o nome? Qual a sua idade? Até que ano foi ou vai à escola? No que trabalha? Em que cidade / Estado mora? (se o familiar for falecido, coloque a observação na frente do nome)

Nº	Qual o nome?	Qual a idade?	Sexo	Até que ano foi ou vai à escola?	No que trabalha?	Onde mora?	Cidade e Estado

D.19. Sua família possui:

- 1] Casa própria ()
- 2] Roça /Propriedade Agrícola /Terra ()
- 3] Equipamentos agrícolas ()
- 7] outros. Quais?

D.20. Quais as formas de contato que você mantém com sua família?

- 1] Por telefone () Toda semana() todo mês () outro () Qual
- 2] Cartas () Toda semana () todo mês () outro () Qual
- 3] Envia dinheiro () Toda semana() todo mês () outro () Qual
- 4] Outros. Quais? .

Observações.....

Bloco E – Estilo de Vida

Alimentação: subnutrição, hábitos alimentares e aspectos culturais da alimentação.

E.1. Inquérito Nutricional – Recordatório de 24 horas

(dados que devem ser compreendidos e interpretados pelo pesquisador)

REFEIÇÃO	ALIMENTO / PREPARAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Desjejum		
Lanche da Manhã		
Almoço		
Lanche da Tarde		
Jantar		
Ceia		

E.2. Dia da semana: _____

Observações:.....

Questões complementares

E.3. Quem prepara a sua alimentação?

1. Você mesmo a faz () (*vá para a pergunta E.5.*)
2. Você compra marmitta pronta()
3. Você recebe na obra()
4. Outra procedência. () Qual?

E.4. Você gosta da sua comida?

1. Sim. Por quê?
2. Não. Por quê?.....

E.5. Nos dias de FOLGA a sua alimentação é a mesma? 1] Sim () 2] Não ()

E.6. Se não, o que você costuma comer de diferente? _____

E.7. Você recebe cesta básica? 1] Sim () 2] Não ()

E.8. Que alimentos você mais gosta de comer?

- a) _____
- b) _____
- c) _____

E.9. Que alimentos você mais sente vontade de comer? (dos q ele tem acesso e/ou não tem mais acesso?)

- a) _____
- b) _____
- c) _____

E.10. Quantas vezes você bebeu bebida de álcool nos últimos 15 dias?

Quantidade	Unidade (a)	Por (b)
(1)	Copo pequeno – 50mL	(1) dia
(2)	Copo de café – 100mL	(2) semana
(3)	Copo de geléia – 250mL	(3) mês
(4)	$\frac{1}{2}$ garrafa ou garrafa pequena ou lata – 330mL	(4) fim de semana
(5)	Garrafa – 700-750mL	
(6)	Garrafa – 1 L	

E.11. Perfil de atividade física: coloque X na coluna correspondente

Quantas horas por dia você passa:	Meia hora ou menos	Meia hora a 1 hora	1 a 2 horas	2 a 4 horas	4 a 8 horas	Mais de 8 horas
Dormindo						
Assistindo televisão						
Lendo						
Trabalhando sentado						
Trabalhando em pé						
Descansando (deitado – relaxado)						
Sentado conversando						
Fazendo algum esporte (jogando futebol, outros)						
Caminhando						
Correndo						

Observações:.....

E.12. Você é fumante? 1] Sim () 2] Não ()

E.13. Quando você termina seu trabalho ou no fim de semana o que você costuma fazer?

- 1]
- 2]
- 3]

E.14. Na sua opinião, que tipo de vida seria mais saudável para você?

.....

Bloco G-Cidadania, utilização de Serviços e associativismo

G.1. Que serviços você utiliza em Bertiooga?

- a] saúde - ()
- b] educação - ()
- c] segurança - ()
- d] lazer - ()
- e] bancário - ()
- f] outro. Qual?.....

G.2. Que produtos você compra em Bertiooga?(alimentação, vestuário, etc.).

- 1]
- 2]
- 3]

G.3. Você tem os seguintes documentos?

- 1. Carteira de Identidade / RG - ()
- 2.. CPF/ CIC - ()
- 3. Carteira de Trabalho - ()
- 4. PIS/PASEP - ()
- 5. Cartão SUS - ()
- 6. Carteira de habilitação de motorista - ()
- 7. Outro. Qual?

G.4. Você fez algum curso profissionalizante? 1] Sim () 2] Não ()

Quais? 1] 2] 3]

G.5. Os cursos profissionalizantes foram pagos? 1] Sim () 2] Não ()

Por quem? 1]

2]

3]

G.6. Você fez algum treinamento? 1] Sim () 2] Não ()

Quais? 1] Ano.....

2] Ano.....

3] Ano.....

G.7. Os treinamentos foram pagos? 1] Sim () 2] Não ()

Por quem? 1] Ano.....
2] Ano
3] Ano

G.8. Você participa de:

1] Associação? **1]** Sim () **2]** Não () Qual?.....
2] Sindicato? **1]** Sim () **2]** Não () Qual?
3] Outro grupo? **1]** Sim () **2]** Não () Qual?.....

G.9. Você gostaria de participar de:

1] Associação? **1]** Sim () **2]** Não () Qual?
2] Sindicato? **1]** Sim () **2]** Não () Qual?.....
3] Outro grupo? **1]** Sim () **2]** Não () Qual?

Observações:.....
.....

Bloco H – Perspectivas Futuras

H.1. Qual o seu sonho, com relação ao seu trabalho. para daqui a 5 anos?

.....

H.2. Qual o seu sonho, com relação a sua vida, para daqui a 5 anos?

.....

Obrigado por ter respondido esse questionário

Qualidade da entrevista (a ser estabelecida pelo entrevistador)

1] Insatisfatória: inquieto, resposta confusa e impaciente para responder o questionário.()

2] Questionável: pouco colaborativo, respostas não muito claras e impaciente para responder o questionário.()

3] Digna de confiança: colaborativo, respostas claras e apresentou calma para responder o questionário.()

4] Alta qualidade: muito colaborativo, respostas claras e calma para responder todo o questionário.()

Comentários:
.....

Anexo IV

Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais

Pesquisa de trabalhadores da construção civil de Bertioga

1 - Você está satisfeito com o rumo que sua vida tomou?

A- Não, porque quer progredir

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Satisfeito a gente nunca tá. É que a gente sempre quer uma coisa a mais ou um emprego melhor, onde você tem estabilidade de crescer, vencer e superar a vida e as barreiras que o mercado de trabalho nos oferece. Meu gosto mesmo, eu queria tá aí estudando, pra mim mas tarde ser alguém. Quem sabe voltar estuda, fazê engenharia, que eu meu sempre sonhei em fazê.

B- Não, porque quer um trabalho mais leve

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Não, não tô não. Porque era pra ser melhor. Ter um trabalho melhor, porque esse trabalho é muito pesado. Não foi a vida que eu queria. Por isso que eu acho que

não é bom. Eu pretendia mudar de trabalho, para um trabalho melhor mesmo. É o que todo mundo quer. Quem trabalha aqui só quer isso, um trabalho melhor, que não seja esforçado. Tem dia que o trabalho não é mole. É um trabalho duro, carrasco, mas a pessoa tem que trabalhar para sobreviver, por que senão, como diz o ditado, quem não trabalha faz coisa errada.

C - Sim, porque está empregado.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Certamente, porque no serviço que eu trabalho, que a gente ganha o pão de cada dia, graças a Deus. Estou, porque da onde eu vim pra qui, em relação ao serviço, foi melhor do que eu estaria lá, onde eu morava. Porque lá, não tinha salário, não tinha nada. Aqui pelo menos, não tem também, mas tá melhor do que lá. E graças a Deus tô tomando saúde e felicidade e estou muito contente com o trabalho. Que eu trabalho, graças a Deus, que eu fiquei desempregado. Deus só me ajuda. Tô trabalhando aqui dentro, tô muito bem com os meus encarregados, meu patrão. Porque hoje eu estou aqui empregado, ajudo meu pai, minha família toda. O dinheiro não é muito não, mas dá pra ajudar eles. E primeiro lugar minha saúde tá bem, graças a Deus, não tenho problema nenhum de saúde. Satisfeito sim, trabalhando, ganhando um pouquinho dá pra controlar a vida. A gente passeia um pouco. Acho que é bom continuar sempre trabalhando pra ajudar, pra desenvolver a vida. Acho que é melhor.

D- Sim, mas espera melhorar mais.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Grças a Deus, eu tô bem satisfeito. Em vista de antigamente, tá melhorando. Tá indo bem. Dá pra ir levando.

Daqui pra frente, tem que ir tomando o rumo, do jeito que tá indo, tá bom. Espero ficar mais contente ainda e a gente espera cada vez melhorar pra frente.

E- Sim, porque é vontade de Deus.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Sim. Deus quis assim. Tô aqui, tô trabalhando, tô com saúde, graças a Deus. Então por isso, é importante.

Espero em Deus que corra tudo bem, isso é importante pra gente.

F - Sim, porque está satisfeito com a vida e a profissão.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Tô, satisfeito, porque a vida que eu tenho, eu gosto dela, gosto da profissão que eu tenho. Por isso que sou satisfeito pela vida que eu tenho. Porque tô construindo uma família, tô podendo criar minha família. Com o meu esforço. Por isso estou satisfeito. Só, com meu esforço.

Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais

Pesquisa de trabalhadores da construção civil de Bertioga

2 - E seu trabalho , se vc pudesse escolher, escolheria o seu trabalho ?

A - Não, porque gostaria de trabalhar em firmas grandes, em outra profissão, num trabalho melhor
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Se eu fosse que escolher mesmo estaria na empresa onde eu estaria com bons fins lucrativos. Não precisaria levantar tão cedo e me matar tanto de trabalhar para me manter. Eu queria trabalhar numa empresa onde eu tenha oportunidade de estudo, e onde você tem a capacidade de dar as suas idéias , tuas opiniões. Uma empresa onde eu pudesse ter tudo aquilo que eu não tenho.

Vamo supor trabalha numa firma muito grande. Vamo supor, a Petrobrás. Mas com um cargo melhor. Gostaria de trabalhar na Petrobrás sobre aquele negocio de vazação de óleo. Aquilo lá prejudica muita gente e os peixes também. Gostaria de aprende aquele jeito deles de trabalhar.

Escolheria um serviço mais profissional, mais leve. Tipo, trabalhar em loja. Outro nível não tem condições que meu estudo é pouco. Mas teria vontade de trabalha numa loja, lugar que tem movimento, lugar desenvolvido. Lojista é bom que seja profissão. Quem trabalha, tem uma lojinha, ganha dinheiro. Dá pra suprir a vida sossegado. Tem condições de aumentar, crescer, fazer alguma coisa a mais na vida. É melhor do que trabalhar nessa área que eu trabalho. É muito pesado, é muito cansativo. A gente trabalha porque é o jeito.

Escolheria um trabalho bem melhor. Porque a pessoa pra escolher uma coisa pra si, tem que escolher o que é bom. Então escolheria um trabalho mais leve, um trabalho numa metalúrgica. Porque o trabalho na metalúrgica é um trabalho sempre mais maneiro. Um trabalho em supermercado, onde já trabalhei, senti um trabalho maneiro e digno pra todo mundo. Melhor do que trabalho em obra. A pessoa tá esfilando com pessoas diferentes, tá trabalhando no meio do comercio, tá conhecendo pessoas novas e fazendo amizades, trabalhando. Então a pessoa se diverte e o trabalho é divertido também.

B - Não, porque estou estudando e pretendo estudar.
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Se fosse pra escolher de novo, eu escolheria um trabalho mais ... Porque um trabalho hoje em dia depende de estudo. Eu não tinha estudo, agora estou estudando, minha tendência é melhorar de outro rumo. Tanto faz nessa área, como tô estudando, daqui para frente se pudesse, era crescer na profissão. Na verdade mesmo eu queria me formar engenheiro e seguir minha carreira. A gente estuda pra poder engrandecer mais um pouco. Esse aqui, realmente, você ganha um pouco mais, mas você trabalha muito, é pesado. Ter outra profissão é melhor do que essa daqui. Gostaria de escolher outro trabalho, não essa profissão minha.

C - Não, porque quero ter negócio próprio.
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Escolheria outro serviço fora da obra. Podia ser qualquer outro serviço. Que fosse meu, assim que eu pudesse tocar o serviço pra mim. Cuidar dos meus negócios. Era muito melhor pra mim. Podia ser uma coisa simples, um barzinho, que eu pudesse tocar. Porque na obra, a gente trabalha porque a gente não tem outro tempo.

D- Sim, escolheria porque estou habituado.
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Escolheria porque já tou acostumado com ele. Pra mim, começar tudo de novo com outro vai ser mais complicado. Com este eu já tou mais habituado. O restinho da vida, vai com este mesmo.

Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais**Pesquisa de trabalhadores da construção civil de Bertioga****2 - E seu trabalho , se vc pudesse escolher, escolheria o seu trabalho ?****E - Sim, escolheria porque é difícil encontrar outro emprego, ainda para mais quem não sabe ler.**
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Se trabalha porque pra gente encontrar outro ta meio difícil hoje em dia. Pra encontrar outro trabalho tem que ter um estudo, pra poder arrumar outro melhor e o meu estudo é pouco. Aí não dá pra arrumar outro melhor. tem que continuar nesse mesmo, por enquanto. A gente não sabe ler, lê pouco, então o lugar mais fácil que a gente achou foi a construção civil. Tô trabalhando nele normal. Mas se a gente tivesse uma outra oportunidade, até mesmo um outro serviço, claro que a gente queria. Um serviço até mais leve, sei lá, mais limpo, mais comum, para a gente trabalhar, claro que todo mundo queria.

F - Sim, porque a gente é predestinado e gosta.
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu não pretendo escolher outro trabalho, porque eu vivo neste trabalho, eu gosto dele e não tenho nada contra ele. Gosto desta profissão e não tenho preconceito pra ela não.
Eu acho que a gente é predestinado, para sobreviver do trabalho que a gente tá. É claro, se a gente pudesse escolher... Eu queria ser um político? Eu queria ser um bancário? Eu queria ser isso e aquilo. Mas se Deus me botou nesta profissão que tô, é nela que vou.... Ou talvez quem sabe, mais tarde, eu possa até mudar. Quem sabe o que vai ser. É o destino que vai dizê pra gente. Deus colocou a gente nessa, então tem que seguir nessa aqui. E pedir a ele, graças a Deus, porque a gente tá aqui, nessa profissão.

Anexo IV B

QualiQuantiSoft©

03-02-2004 15:42:01

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA USP

Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais

Pesquisa de trabalhadores da construção civil de Bertioga

3 - E o que você espera da sua vida daqui para frente?

A - Espera melhoria financeira e do futuro.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Espero é melhorar mais as coisas financeiramente e trabalhar. Que a gente melhora e tenha alguma coisa para o futuro e viver melhor. Todo mundo quer ter um futuro melhor.

Eu espero que melhore mais as coisas, em termos de conseguir alguma coisa. Dinheiro. Espero que pra nossa classe de pobre melhorasse mais o salário. Espero que um dia eu tenha alguma coisa na vida também.

Eu queria que melhorasse, mas apesar de faltar estudo na vida da pessoa. Não tenho o primeiro completo, então é seguinte, vê se Deus olha que a gente precisa de um lugar melhor. Deus é misericordioso, ele vai dar uma força. Eu pretendo mudar. Não sei se a minha sorte vai ser esta.

B - Espera saúde, paz, tranquilidade e família.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Graças a Deus, Deus sempre me olhou. Esperar que a vida melhore para frente, saúde e felicidade e um emprego, porque a gente depende de um emprego. E continuar com saúde para ter mais força de vontade pra trabalhar. E ter bastante serviço, como esta tendo pra mim agora. Que não deixe, que não falte serviço pra manter as coisas da gente em dia..

Eu espero pode criar minha filha, outro filho que tá vindo aí e ter forças nos braços e ter força nas mãos para poder seguir em frente.

Graças a Deus, eu espero melhora. Que sempre a gente espera melhora e Deus ajudá. Que a esperança é ter melhora pra frente, saúde, felicidade e emprego, que não pode faltar, que a gente depende do emprego, depende do trabalho e felicidade e continuar a vida pra frente.

O que eu espero é muita paz e tranquilidade Deus dando pra gente, saúde e trabalhar mesmo que é o que a gente consegue, né, e ter parte da família junto com a gente. A gente vem tudo de longe, e a família tudo longe da gente, a gente se vê muito pouco, não pode ver direto... Mas a vida é assim mesmo, então a gente tem que trabalhar mesmo e tocar o barco até Deus quiser, né? E quem sabe um dia a gente num volta tudo ficar tudo junto de novo, né? Então vamos esperar para frente mais, o que Deus quiser.

C - Espera voltar para o nordeste

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu espero voltar lá pro Nordeste e ficar lá junto com a minha mãe lá. Maior saudades da minha mãe e do meu pessoal. Vai fazer 9 anos que tô por aqui. Esse outro ano agora, que tá vindo aí, com fé em Deus, queria estar lá com ela.. Esse aí é um grande futuro para mim e para minha mãe também.

D - Espera mudar de emprego.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Em relação a minha vida, a mudança, como falei, de emprego. Desemprego é grande hoje em dia, você não tem muito o que escolher não. Mas como falei, a mudança de emprego, conseguir outro emprego melhor, trabalhar em outro setor. Porque esse aqui é bom porque você tá empregado hoje é bom, mas amanhã, você não sabe o dia de amanhã. Você tá aqui hoje, amanhã pode ser mandado, não sabe o que espera o dia de amanhã pra você.

E o setor, o trabalho, minha vida é bom, aqui é bom, porque graças a Deus to com 9 mês já empregado aqui e faço parte da CIPA, então mais uns mês de ... não pode ser mandado.

QualiQuantiSoft© 2003

Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais

Pesquisa de trabalhadores da construção civil de Bertioga

3 - E o que você espera da sua vida daqui para frente?

E - Espera publicar livro.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu no futuro mesmo é publicar meu livro , que eu to na luta aí já um tempo e seguir a minha vida escrevendo e trabalhando.

F - Espera que o presidente melhore a vida dos trabalhadores.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Que venha perspectivas da vida, nos dê muita esperança de vida. E esse presidente que a gente tem aí, olhe um pouco por nós. Que a gente que é trabalhador acho que merece , que o mercado de trabalho aqui não tá fácil. Quem sabe, o presidente novo ... Vamo vê se o ano que vem as coisas melhoram. Pra gente, no ramo de trabalho , esse ano não foi muita coisa não. Espero, a gente sonha com isso. A gente luta, dormi, dormi sonhando e acorda sonhando, pela espera de um Brasil melhor. Eu espero que agora chegue a nossa vez.

G- Espera não sofrer mais.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Ah, daqui pra frente, eu espero que eu não sofra tanto que nem já sofri.